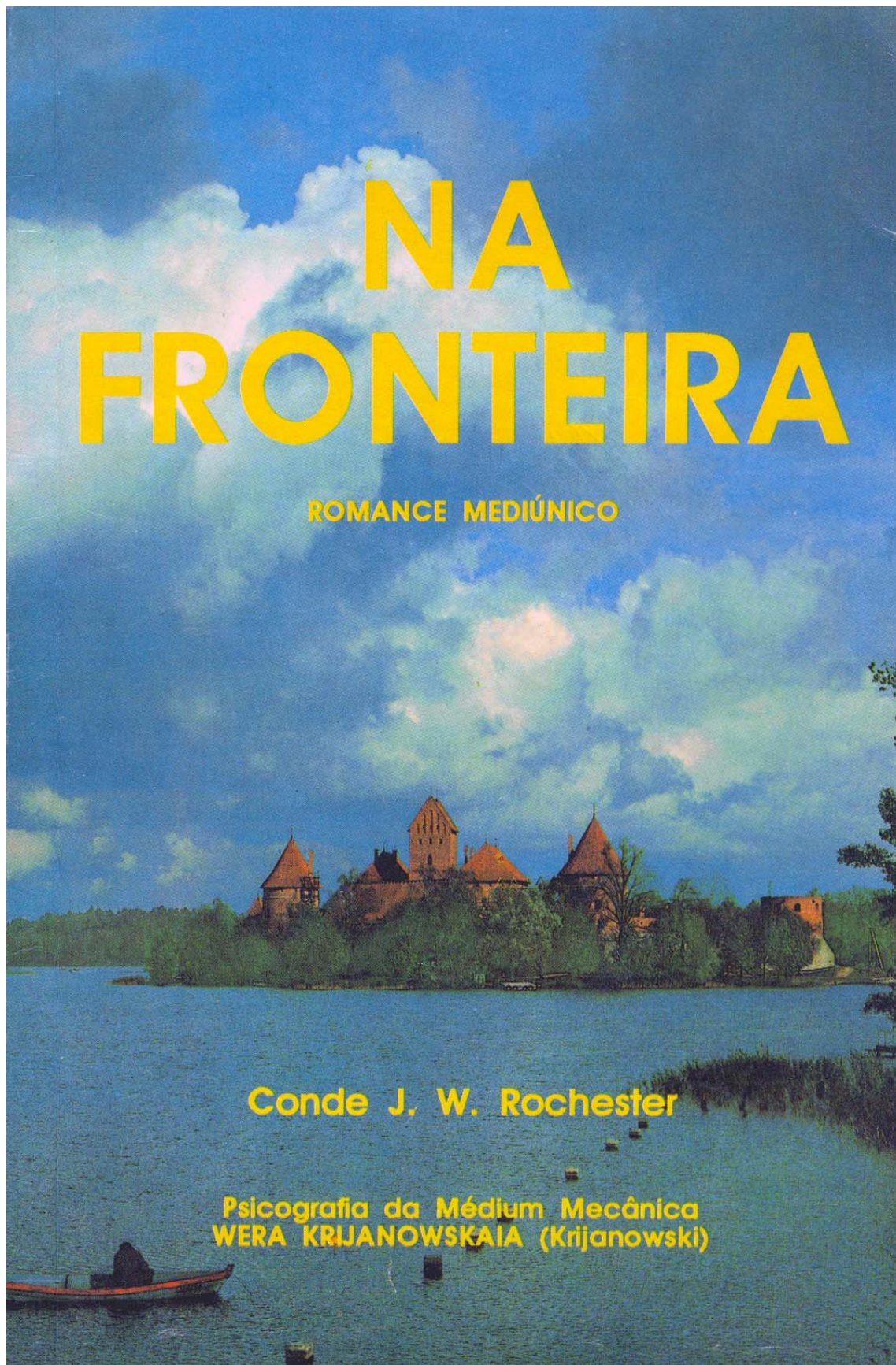


NA FRONTEIRA

ROMANCE MEDIÚNICO

Conde J. W. Rochester

Psicografia da Médiun Mecânica
WERA KRIJANOWSKAIA (Krijanowski)



FICHA TÉCNICA

Título original em russo:

Na Rubeje - (1901)

Traduzido para o português por:

Vicente Paulo Nogueira

NA FRONTEIRA

© Copyright - 1991 – 5ª Edição (revisada)
LIVRARIA ESPÍRITA BOA NOVA LIDA.
Rua Aurora, 706 - Fone: 223-5788
01209 - São Paulo - SP - Brasil

Revisão:

Edith Nóbrega Canto Ibsen

e

Miguel Ferreira de Oliveira

Composição:

Planograph Produções Gráficas S/C Ltda.

Prefácio:

José Roberto B. Martinez



NA FRONTEIRA

PREFÁCIO

Era uma tarde do dia 21 de Julho de 1982, quando entramos na Biblioteca Pública de Leningrado, após percorrer as casas de livros antigos da Avenida Nevsky sem sucesso.

O objetivo era localizar as obras mediúnicas da escritora russa Wera Ivanova Krijanowskaia, médium do espírito Rochester e obter informações que pudessem clarear a história dessa fenomenal médium de escrita automática.

Após consultar o catálogo geral e nada encontrar, solicitamos ajuda à bibliotecária que se empenhou em buscar outro fichário de referência que daí a instantes estava às nossas vistas contendo citações de várias obras inéditas. Em seguida, fomos a Moscou onde realizamos um trabalho de pesquisa bibliográfica e conseguimos localizar a maioria das obras existentes no idioma russo, além das referências de obras, infelizmente, desaparecidas ou talvez nunca publicadas.

Quanto à médium escritora não obtivemos nenhuma informação sobre a existência de parentes ou amigos.

Temos, portanto, escassas informações acerca da vida de Wera Krijanowskaia ou Krijanowski, como ficou conhecida no idioma francês. O tradutor de "A Vingança do Judeu" para o idioma português, relata no prefácio da obra, que o espírito John Wilmot, *Conde de Rochester* (1647-1680) escolheu e preparou a médium desde a infância, afim de cumprir a tarefa de propagação das verdades espirituais que o Espiritismo divulga e esclarece, e que sua mediunidade, segundo pôde saber por revistas européias, consistia, principalmente, da escrita mecânica, cujo automatismo lhe era tão peculiar que sua mão traçava as palavras com uma rapidez vertiginosa e uma inconsciência completa das idéias, narrando acontecimentos históricos desde épocas bastante remotas, com rara minúcia, beleza e autenticidade. Relata também que Wera era uma jovem, filha de família russa muito distinta e que não obstante ter recebido uma sólida instrução no Instituto Imperial de São Petesburgo, não se aprofundou em nenhum ramo de conhecimentos.

Os editores da Livraria Espírita Boa Nova, o casal Ibsen, receberam há muitos anos, a visita de um senhor polonês, que conheceu pessoalmente Wera Krijanowskaia, tanto na opulência como na miséria.

Relatou que Wera foi rica e tinha até secretária. Encontrou-a, certa manhã, a recolher imensa quantidade de folhas de papel, ajudada pela secretária, inclusive caindo pelas escadas, repletas de palavras em péssima caligrafia que ela havia escrito durante a noite toda em completo estado de inconsciência ou sono profundo. Wera não se lembrava de nada e colocava as folhas em ordem, decifrando o que estava escrito.

Ocorriam, também, fenômenos físicos em sua casa e que muito impressionavam os amigos. Havia um espírito 'que se materializava na presença dela e prometia destruir sua vida, caso não parasse de publicar seus romances. Às vezes ocorriam explosões e objetos despencavam ao solo sem causa aparente. Esse mesmo senhor viu Wera na miséria percorrendo as ruas e perguntando às pessoas se conheciam seus livros, tentando reeditá-los. Seu intento fracassou e sua filha faleceu de tuberculose, sob o rigoroso inverno eslavo. Não devemos nos esquecer de que aqueles eram tempos de fome e revolução. A Sociedade Científica de Espiritismo de Paris publicou uma mensagem mediúnica de Rochester no prefácio da obra "Episódio da Vida de Tibério", em francês, onde ele afirma que muitas narrativas completariam sua obra mediúnica e que a última a aparecer seria "Memórias de um Espírito Errante" onde encontraríamos a descrição da última encarnação dos autores do drama secular de suas obras e que estariam encarnados na terra neste período.

O tradutor da versão brasileira de "A Vingança do Judeu" (FEB 1920) cita uma relação de obras sem referir a fonte de informação, na qual aparecem os seguintes títulos em francês:

- 1) O Festim de Balthazar
- 2) Saul, O Primeiro Rei dos Judeus
- 3) O Sacerdote de Baal
- 4) Um Grego Vingativo
- 5) As Fraquezas de um Grande Herói
- 6) O Barão Ralph de Derblay
- 7) Diana de Saurmont (A Noite de São Bartolomeu)
- 8) Dolores
- 9) O Judas Moderno
- 10) Memórias de um Espírito (Errante), esta, em diversos volumes.

Infelizmente, conseguimos localizar apenas "Diana de Saurmont" com o título de "A Noite de São Bartolomeu", na edição russa de 1896. Todas as outras não constam das principais bibliotecas da Europa.

Antes de finalizar com a relação das obras e citações de títulos pesquisados, daremos algumas explicações acerca delas. No idioma russo foram encontradas as obras, que na relação aparecem com os números: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19c, 19e, 19f, 19g, 20,

21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29. No idioma francês, foram localizadas as obras de números: 1, 3, 6, 7, 8, 9, 12, 17, 18, 19a, 19b, 19c, 19d, 19e, 19f, 20, 23, 26 e 29. As de números 19a/19g estão todas reunidas sob o título "Narrativas Ocultas" (1902), sendo que a de número 19g (Em Moscou) não pertence originalmente a esta obra, tendo sido acrescentada pelo editor da edição em português. Em língua portuguesa, existem as edições que aparecem com os números: 1, 3, 6, 7, 8, 9, 12, 17, 18, 19, 20, 23, 26, 27 e 29. A obra de número 27, cujo título no idioma russo é "Sob o Poder do Passado" e que não foi encontrada, sugere ser o original da edição brasileira de "A Lenda do Castelo de Montinhoso", nome este de autoria do tradutor brasileiro a partir de uma obra estrangeira intitulada "Nas Garras do Passado". A citação de número 49, de título "Os Servos do Inferno", anunciada pelo editor francês de "Sinal da Vitória" pode tratar-se da obra russa de número 44, "No Reino das Trevas", mas ambas não foram localizadas e por isso foram colocadas na relação como obras distintas, até novas pesquisas.

Gostaríamos de agradecer à Senhora I. C. Grigorieva, da Biblioteca Pública Estatal, M. C. Saltycov-Schedrin de Leningrado e B. P. Kanevsky da Biblioteca Pública Estatal V. I. Lenin, de Moscou, U.R.S.S., que colaboraram conosco no envio das obras existentes no acervo soviético, em regime de intercâmbio cultural, recebendo em troca obras de literatura contemporânea brasileira e arte nacional.

J. R. Martinez
Campinas, 5, 1988

I

Era um maravilhoso dia de junho do ano de 1.500. Por volta das seis horas da tarde, pelo rio Narov, ia uma pequena embarcação impulsionada por dois remos. Nela viajavam quatro pessoas adultas e uma criança.

Em um dos bancos, estava sentada uma jovem e formosa mulher de mediana estatura, suave, delgada e graciosa; mais parecia uma jovem entre dezesseis ou dezessete anos que a mãe daquele menino forte, sentado ao seu lado. Embora seus traços não ressaltassem uma beleza clássica, seu encantador sorriso, sua boca levemente desenhada, mostrando uma fileira de dentes brancos como pérolas, sobressaíam pela luz suave que o sol despejava em seu rosto. Os olhos castanhos, grandes e profundos denotavam uma tristeza tranqüila, porém imensa.

O vestido de lã branca ajustava-se bem ao talhe esbelto. O decote quadrangular no peito era ornado por uma fita azul aveludada. Na cintura, caía uma corrente de ouro com uma bolsa azul. Sua cabeça estava adornada com um pequeno gorro negro de veludo, sob o qual apareciam formosos cabelos dourados caindo até abaixo dos joelhos. O menino, forte e grande para sua idade, era moreno, com traços marcantes e os cabelos negros como as asas de um corvo; no todo, não se parecia nada com a mãe. Somente os olhos grandes, escuros e pensativos lembravam os olhos da jovem mulher.

Frente a eles, ia sentada uma anciã vestida de escuro, com um alto gorro negro. Seu rosto enrugado mostrava bondade. Os olhos pequenos de cor verde-cinza, refletiam esperteza e energia. Conversava a meia voz com o menino.

Na embarcação, iam também, um velho escudeiro e um armeiro. Levavam grandes espadas e punhais e, no fundo da embarcação, aos seus pés, jaziam *arbaletas* ¹.

1. Arbaleta: Régua para medir altura. Provavelmente a usavam para medir a profundidade do rio, a fim de não encalhar a embarcação.

A jovem mulher seguia calada. Olhava pensativamente, à medida que se acercavam da margem do rio, junto a *Narva*, ora para a alta torre da igreja, cujo campanário se tornava dourado devido aos raios do sol, ora para a fortaleza, que se elevava orgulhosamente, em frente da qual, por estar muito próxima, os guerreiros podiam atirar flechas de um lado a outro. Enquanto os olhos da jovem mulher observavam as torres circulares e grandes da sombria e ameaçadora vizinha *Narva*, um leve suspiro, quase imperceptível, saiu de seu peito. Seis anos atrás, o grande príncipe Ivan III construiu, justamente em frente à fortificação dos cavaleiros levônios, a fortaleza de fronteira, denominada por ele de *Ivangorod*. A fortificação era perigosa para a Ordem e vista como uma ameaça constante e como um desafio.

As terras de triste memória da Estônia e Livônia, estavam envolvidas em sangue. Suecos, dinamarqueses, *Ordem teutônica*² e russos disputavam-nas entre si e as hostes inimigas, uma após outra, alastravam-se sobre elas como uma corrente avassaladora. A construção de *Ivangorod* não agradou a nenhum cavaleiro. Cinco anos atrás, precisamente no ano de 1495, os suecos caíram desesperadamente sobre a fortaleza, tomando-a, matando grande parte de seus defensores e reduzindo-a à metade.

Sem perder a esperança de poder conservar os frutos daquela vitória, não obstante a distância, os suecos propuseram ao grão mestre da Ordem tomar, sob seu domínio, *Ivangorod*, o que foi negado, pois os cavaleiros haviam firmado com Moscou um tratado de paz, que por diversas razões, não queriam que fosse revogado naquele momento. Então, os suecos, em seus barcos, abandonaram a fortaleza, carregando seus tesouros e partindo para a Escandinávia.

Os russos, com denodo a reconstruíram, aumentando e fortalecendo as fortificações e enviando para lá, o dobro das forças armadas.

Não seria este o passado tormentoso, que ressuscitava na mente da jovem mulher ao olhar para as duas cidades vizinhas? Apesar de sua juventude, muitas cenas tristes passaram diante de seus olhos, muito sangue foi derramado, muitos gritos desesperados de morte ela ouviu.

Nesse momento, um ruído de remos e algumas vozes a tiraram de seus pensamentos. Na direção deles, vinha outra embarcação, aparentemente de *Ivangorod*.

2. Ordem teutônica: Ordem religiosa e militar fundada pelos cruzados em 1198 em Jerusalém, mas que exerceu influência principalmente na Alemanha, onde recrutava seus integrantes, incorporando em 1237 os cavaleiros da Prússia. Seu poderio foi rompido pelos poloneses na batalha de Grunwald (1410) e no Tratado de Torun. Os domínios da Ordem ficaram então reduzidos à Prússia Oriental sob suserania polonesa. A conversão do Grão-Mestre Alberto de Brandenburgo ao luteranismo marcou o processo de decadência da Ordem, que ainda hoje subsiste na Áustria.

Na pequena embarcação de dois remos, estavam duas pessoas, que pelas vestes, deduzir-se-ia serem russos, "moscovitas", como, com ódio, os denominavam em Narva.

O traje rico, feito com peles caras, as botas amarelas de couro e a arma com incrustações de pedras preciosas de um deles, mostravam sua origem *boiarda*³. Era uma pessoa jovem, bonita e delgada. Sua poderosa figura aparentava força e seus grandes olhos cinzentos denotavam valentia e doçura. Frente a ele, sentado, ia um jovem de constituição hercúlea, levando um falcão na mão. Um sorriso sarcástico apareceu em seu rosto ao ver os alemães, que o observavam com desconfiança.

O jovem boiardo inspirava paz, e realmente assombrado, olhava para o rosto da bela mulher, que, com timidez, baixou os olhos.

- Que jovem formosa! Gostaria de saber quem é ela - disse ele, dirigindo-se ao companheiro e dando uma volta, para acompanhar com o olhar os alemães em sua embarcação.

- Feliz boiardo, posso atender-te. Se não me engano, aquela deve ser a esposa do cavaleiro Barenkhaupt. Pelo menos, o menino é a cara dele!

- Quer dizer que o menino se parece com ele? - perguntou o boiardo, com um leve sorriso.

- E aquele que está junto ao leme é um cão velho alemão que conheço. Trabalha como escudeiro de Barenkhaupt.

- Sim? De onde o conheces?

- Sabes, da última vez, quando quiseste ir a Moscou, os nossos rapazes brincavam praticando tiros, e, sem querer o jovem deu uma piscada e sorriu zombeteiramente -, foram parar na cidade. Mataram um, feriram outro e, para completar todos os pecados, acertaram a cabeça de um terceiro*. Por esse fato, se fez um grande barulho e os cidadãos mandaram uma comitiva para Ivangorod. Entre eles, estavam o cavaleiro Barenkhaupt e seus escudeiros.

- Imagino que não vieram lamentar o espancamento de pessoas inocentes, observou o boiardo. Mas, continua Nikita!

- Enquanto os cavaleiros escolhidos foram ao encontro do *voievoda*⁴, permaneci no pátio com os criados e começamos a conversar, fazendo muitas perguntas. Lá eu soube, que aquele velho tonto se chamava Khristofor e trabalhava como escudeiro para o cavaleiro Barenkhaupt. Os nossos, a princípio, estavam gentis, mas como a canalhada alemã tencionava "erguer a crista", olhando torto para nós, reagimos dirigindo-lhes diversos palavrões. Eu mesmo, passei uma rasteira em Khristofor, que caiu esborrachando, o nariz, que se empapou de sangue. Por pouco não morreram de ódio, por não poderem dizer nada terminou Nikita todo satisfeito.

3. Boiardo: Nome que se dava na Rússia e na Transilvânia aos grandes senhores feudais do Tzar. A influência dos boiardos diminuiu no século 17 com o regime absolutista de Pedro, o Grande.

• Burgomestre Johann Maning (N. do Autor)

Nesse instante a barca atracou e Nikita acompanhado do boiardo saiu para a margem. O interesse despertado pela instrução do jovem falcão, por algum tempo, fê-los esquecer o encontro e a conversa no rio.

Na embarcação alemã, o encontro com os moscovitas provocou uma desagradável impressão. Os homens franziram o cenho o rosto de Khristofor inflamou-se. Com um olhar indignado inclinou-se, pegou a arma e fez pontaria. Teria atingido o jovem Nikita, não fosse a intervenção da esposa do cavaleiro Barenkhaupt.

- Khristofor! Perdeste o juízo? - Queres iniciar uma briga quando me conduzes? - O deteve ela.

O velho escudeiro reconsiderou abaixando a arma.

- Seria um cão moscovita a menos - e pronto! - resmungou. - E logo estaríamos seguros na fortaleza, antes mesmo que eles adivinhassem de onde partiu a flecha.

- Não importa! Proíbo-te provocações durante a ausência de meu marido.

O escudeiro nada respondeu. A jovem mulher não deu atenção aos seus resmungos entre os dentes:

- Chegará o tempo em que lhes devolverei todas as ofensas e desonras lançadas sobre mim. É preciso somente esperar e ter paciência. Estou certo, um dia conseguirei.

O barco atracou e a jovem mulher, a criada, a criança e ambos os soldados subiram por um caminho abrupto, que conduzia aos portões estreitos, abertos na muralha da cidade.

No tempo em relato, Narva era constituída de duas partes bastante distintas entre si: a cidade propriamente dita e, separado dela por um fosso profundo, o castelo, onde residia o delegado da ordem com os cavaleiros.

Rosalinda e sua comitiva passaram por várias ruas e, finalmente, entraram numa casa situada perto da administração da cidade. A casa era uma grande construção de madeira com uma pequena torre pontiaguda em um dos lados. Sobre a porta, havia o escudo do cavaleiro, representado por uma cabeça de urso sobre um fundo azulado.

A jovem mulher subiu a escada de madeira e entrou num grande cômodo ao lado da torre e da sala de serviços, que era, ao mesmo tempo, seu quarto de trabalho e dormitório do menino. A decoração era um misto de exuberância com um toque de simplicidade rústica.

A mobília era simples, de madeira sem quaisquer adornos. Somente na poltrona da dona da casa, com um alto espaldar, e na arca comprida entalhada, que servia também de divã, existiam almofadas de seda verde.

4. Voievoda: Homem extremamente rico que tinha seu exército particular, sendo ele o chefe. Atualmente ainda é usada a palavra na Polônia e Iugoslávia para designar um chefe de distrito (voivodia).

Numa pequena sala redonda, na torre, havia uma segunda poltrona com almofadas, adornada com marfim, uma roca, um bastidor e uma mesinha, na qual estavam alguns livros de conteúdo espiritual.

Ao término do jantar, quando o menino já dormia, Rosalinda ordenou à sua velha criada, Irina, que tirasse a mesa e saiu para a torre, onde, depois de sentar-se junto à janela aberta, se entregou a seus sonhos. Meditava sobre sua vida passada e as lembranças apagadas, parcialmente, pelo tempo, subitamente ressurgidas, face ao encontro com o jovem boiardo, reavivando sua memória.

A vestimenta do boiardo e algumas frases ouvidas fizeram-na sentir o coração bater mais forte. Nunca abandonara o amor pela pátria, da qual, fora ela afastada para sempre. Rosalinda, por origem, era russa e somente o capricho da guerra a fez tornar-se esposa do cavaleiro alemão.

Em 1483, no mesmo ano do acordo de paz entre russos e livônios, os alemães realizaram uma incursão nos limites de Novogorod, pilhando e incendiando tudo o que estivesse em seu caminho.

Durante essa incursão, saquearam e capturaram, entre outros, um comboio constituído de algumas *telegas*⁵, carregadas com objetos diversos e, entre elas, uma carreta, que lembrava uma carruagem, utilizada naqueles tempos para viagens das mulheres da alta nobreza.

Após desesperada resistência, a numerosa e bem armada escolta do comboio foi exterminada. Tal destino, provavelmente ocorreria também às mulheres, se uma das prisioneiras, inesperadamente, não houvesse conquistado o coração do chefe do bando.

O comboio foi capturado pelo cavaleiro Konrad Levental, um homem ainda jovem, mas, devido ao espírito da época, severo e sangüinário; sua natureza ardente não era dominada, inclusive, pelas normas da ordem.

Enquanto atacavam o comboio e as pessoas eram mortas, o cavaleiro se aproximou da carruagem, na qual estavam apavoradas, uma jovem mulher, de surpreendente beleza, duas servas e uma menina pequena, de aproximadamente seis anos.

Logo na primeira olhada para a jovem mulher, cujos grandes olhos negros miravam-no com ódio e horror, Konrad Levental ficou derrotado por sua beleza. Entretanto, acostumado a dominar-se, com aparente indiferença, iniciou o interrogatório.

A jovem senhora comunicou orgulhosamente que era Anna Mikhailovna Lodygina, esposa do boiardo de Novogorod, que a criança era Olga, filha deles e uma das servas, de nome Irina, tinha sido ama de leite da menina. Ela fora visitar o pai, gravemente enfermo e agora, estava retomando ao marido, que se soubesse sobre sua captura e da filha, pagaria rapidamente o resgate exigido.

5. Telega: Carroça de 4 rodas usadas na Rússia para transportar mercadorias.

O cavaleiro respondeu que entraria em negociações sobre o resgate, assim que retomassem a Livônia e colocassem "as queridas polaquinhas" no devido lugar.

Depois, o destacamento em marcha acelerada, dirigiu-se para a Livônia. No caminho para lá, encarcerou Anna Mikhailovna com a filha e as servas num castelo fortificado, situado nas cercanias de Haspal.

Konrad Levental simulou que mandara avisar ao boiardo Andrei Lodygin sobre a captura de sua esposa e filha, no mesmo dia em que isto acontecera. O cavaleiro se apaixonara loucamente por sua prisioneira e não tinha nenhuma intenção de devolvê-la ao marido. Apesar do desespero terrível e da total resistência da jovem mulher, ela tomou-se sua amante.

Anna se considerava morta e caíra numa profunda apatia. Entretanto, apesar do desregramento dos costumes daquele tempo, a um membro da ordem era proibido manter abertamente para si, uma mulher prisioneira. Konrad Levental instalou-a então, na casa da irmã, viúva do cavaleiro Barenkhaupt, cegamente fiel ao irmão e possuidora de uma moral bastante complacente.

Após dois anos de cativo, Anna morreu, mas antes, fez Konrad prometer que devolveria Olga ao pai e que nunca a separaria de sua ama de leite.

Apesar da promessa, a pobre Olga não foi enviada a Novogorod. O cavaleiro Levental a endeusou como a forma viva da mulher pela qual se apaixonara loucamente e resolveu que não podia, de forma alguma, separar-se da menina.

Desejando prender ainda mais Olga para si e romper, definitivamente, com seu passado, ele a obrigou converter-se ao catolicismo, dando-lhe o nome de Rosalinda.

A viúva Barenkhaupt, irmã do cavaleiro Levental, era uma beata fanática e por todos os meios auxiliava e amparava a intenção do irmão. Olga, com apenas dez anos, era muito pequena e medrosa para lhes fazer oposição.

Mas, se Levental não cumpriu a primeira parte da promessa, a segunda ele manteve rigorosamente, não permitindo separar Irina de sua pupila, não obstante todas as tentativas de sua irmã em persuadi-lo. Instintivamente, Matilde, sua irmã, sentia ser indispensável afastar a mulher, inimiga mortal deles, pois, caso contrário, todos os esforços de transformar Olga numa autêntica alemã, seriam infrutíferos, assim como seu catolicismo e educação germânica seriam falsos envoltórios que, ao mínimo esforço, esvair-se-iam como fumaça.

Irina era uma mulher sábia, enérgica, corajosa e extremamente patriótica.

Com todas as forças de sua alma, odiava os alemães, começando pelo cavaleiro e sua irmã. Porventura, não foi este "cão sórdido", como do fundo de sua alma ela denominava Levental, a razão de estar separada do fi-

lho e marido, da infelicidade e morte de sua jovem senhora? - E agora, ele, além de envenenar com sua arrogância a alma de sua querida pupila, privando-a de seu nome, sua fé e inclusive da lembrança de seu pobre pai, quer fazê-la inimiga da santa Rússia! Mas ela atrapalhará seus planos infames, e, enquanto for viva, Olga permanecerá russa e ortodoxa.

Para a efetivação de seus intentos, Irina tomou as seguintes medidas: graças à capacidade peculiar dos povos eslavos de conquistar linguagens alheias, ela aprendeu o alemão e, aparentemente, falava com prazer nessa língua. Além disso, conseguiu fazer ótimas relações com toda a criadagem e, pouco a pouco, com seus zelos e lealdades aos novos senhores, granjeou a simpatia, não só do cavaleiro, como também de sua irmã desconfiada.

Quando batizaram Olga, mudando seu nome para Rosalinda, Irina não expressou nenhum descontentamento, ou mesmo uma pequena mágoa; ao contrário, falou que se a criança tivesse que lá viver, seria indispensável acostumar-se aos hábitos e religião da sua nova pátria.

Porém, no silêncio da noite, diante de um pequeno ícone de Nossa Senhora, Irina, todos os dias, religiosamente, reverenciava a Rainha do Céu, e com lágrimas, suplicava para que sua pupila não fosse castigada pela renegação compulsória da fé.

A corajosa mulher alcançou o objetivo almejado. Todas as desconfianças esmaeceram; ninguém suspeitava de que a Irina alegre, bondosa, prestativa e aparentemente contente com seu destino, era o inimigo inclemente, que reduzia a nada os esforços de germanizar Olga e apenas esperava a ocasião propícia para fugir com sua menina.

Sob pretexto de melhor cuidar da criança, Irina dormia sempre no mesmo quarto com ela. Quando todos em casa dormiam, a ama por horas inteiras, falava baixinho com a menina em sua língua natal, descrevia-lhe o passado, reavivando na criança a lembrança dos irmãos e do pai bom, bonito e amoroso. Contava sobre as cerimônias solenes e maravilhosas de sua igreja e fazia Olga compreender, que no fundo de sua alma, deveria ser ortodoxa e odiar aqueles que retiraram dela seu Deus, pais, nome e pátria. Além disso, advertia a menina para que nunca revelasse suas conversas secretas, pois se o fizesse as duas seriam separadas rapidamente.

Esta ameaça era o suficiente para desenvolver na menina a dissimulação. Ela amava muitíssimo sua ama e aquelas conversas eram seu entretenimento favorito. A menina esperava impacientemente as noites e as horas matutinas, quando com devoção oravam perante uma pequena cruz de ouro, com a qual sua mãe a abençoara e usara até a morte. Ela crivava a ama de perguntas a respeito do pai, irmãos, parentes e indagava sobre a bonita casa paterna com grandes jardins.

Na medida em que Olga crescia, as conversas mudavam de tema. Irina, sem pena, desvendava o papel abominável desempenhado, em suas vidas, pelo cavaleiro Levental, que ao invés de honrosamente devolver, pe-

lo bom resgate, as prisioneiras, que acidentalmente caíram em suas mãos, conduziu até a morte sua mãe querida, que não pudera suportar o opróbrio e a separação do marido, por ela intensamente amado.

Graças a esta influência, no coração de Olga nasceu um ódio abafado, mas profundo. Externamente calma, dócil, uma verdadeira alemã pelo idioma e maneiras, intimamente odiava todos os teutões, inclusive a religião imposta, cujas cerimônias cumpria aparentemente, sem esquecer de que era filha da igreja greco-ortodoxa.

Como Irina, também desejava ardentemente fugir e retornar a Novogorod; mas os anos se passaram e o intento desejado não se realizou. Olga não saía para lugar algum sem acompanhantes, não porque desconfiassem dela, mas porque assim exigiam aqueles tempos conturbados. Viagens distantes, de forma alguma eram feitas, e deixar o castelo furtivamente era inconcebível, uma vez que todas as saídas estavam cuidadosamente protegidas.

Olga ou Rosalinda, entrara já nos 16 anos, quando, no castelo a chegada inesperada do filho único de Matilde, Henry Barenkhaupt, mudou de imediato seu destino.

O rapaz havia aprendido artes militares na casa de um parente em Riga, onde vivera alguns anos. Por ocasião das breves visitas que fazia à mãe, ele dava pouca atenção à menina magra e calada, sua educanda. Desta vez, viu uma jovem maravilhosa como uma flor a desabrochar-se e por ela enamorou-se perdidamente.

Apesar da frieza e discricção de Olga, o jovem cavaleiro decidiu casar-se com ela. A princípio, Matilde foi radicalmente contrária à intenção do filho, pois sonhava para ele uma pretendente mais brilhante; porém Henry, inesperadamente, encontrou em seu tio um aliado. A influência de Levental na irmã fazia com que cada oposição da parte dela fosse vencida e, finalmente, o casamento foi permitido.

A Rosalinda ninguém pediu opinião; Matilde foi persuadida, de tal forma, que considerava o casamento de seu filho uma bênção para a órfã, pela qual ela, por toda a vida, deveria ser grata a Deus. A mínima dúvida com relação a isto era tomada como uma ofensa pessoal. Até mesmo os pequenos protestos da jovem eram considerados como uma simples expressão de recato da donzela. Mas Henry, cego de paixão, pensava unicamente em apressar o casamento.

Plenamente consciente de sua impotência e indignada até o fundo da alma, Olga teve que ceder. Exigiu somente do noivo o juramento de que ele nunca a separaria de Irina, o que Henry cumpriu.

Sete anos se passaram após o casamento. O matrimônio, também, não lhe trouxera felicidades. Henry Barenkhaupt era um jovem irritável e de caráter duro; sua grosseria e aspereza com relação às pessoas e animais que o rodeavam, indignavam e incomodavam a jovem mulher. Ela

começou a temer o marido; sem contradizê-lo, obedecia, mas não o amava e sentia-se bem somente quando Henry, procurador de aventuras por natureza, saía para incursões afastadas, de onde retomava sempre, carregado de aquisições que oferecia à jovem esposa, contando de maneira franca cada passo das histórias ocorridas durante suas aventuras.

Mais ou menos quatro 3 anos depois do casamento de Henry, aconteceu uma revolta de camponeses. As agitações, na verdade, tinham sítios definidos, mas não obstante, muitos castelos sofreram ataques inesperados, foram saqueados e seus proprietários exterminados.

Também o castelo dos Barenkhaupt foi sitiado. Somente o retorno do cavaleiro o salvou da ruína. Rosalinda com o filho e os criados salvaram-se por pouco, graças à intervenção de Khristofor e uma passagem subterrânea secreta; porém, esta fuga custou a vida de Matilde.

Depois desse acontecimento, por conselho do tio Konrad, Henry transferiu a família para Narva. Lá, sob a defesa de uma fortaleza, ela estaria bastante segura. Além disso, ele tinha amigos entre os irmãos da Ordem e fortes laços na cidade.

Rosalinda viu a mudança com indiferença. Ela já não pensava mais em fugir; não amando o marido, fez do cotidiano sua ocupação e abrandou seu ódio. Ela adorava o filho; toda a ternura e amor que transbordavam em seu coração foram transferidos para a criança.

Irina, ao contrário, estava fora de si de felicidade. Afinal, iria ficar próxima dos seus e, com o coração palpitante, olhava para as torres volumosas de Ivangorod, atrás das quais começava a Santa Rússia. Daqui, possivelmente, encontraria um meio de entrar em contato com os russos e fugir com Olga e a criança.

Mas o destino parecia não favorecer seus planos. Nesse mesmo ano da mudança para Narva, Ivangorod foi capturada e pilhada pelos suecos. Depois, durante a restauração da fortaleza, de ambos os lados, se observava tal perigo que Irina, de modo algum, conseguia levar adiante a realização de seus sonhos secretos: dar notícias suas à pátria ao lado. Mas ela não era dessas mulheres que param diante de tais ninharias. Tendo esperado, impacientemente, por doze anos, não custava aguardar ainda um pouco mais, e, finalmente, sua perseverança foi coroada de êxitos: ela encontrou um intermediário.

A noite caiu. A lua com sua luz prateada e sonolenta iluminou o dormitório, o vestido e os cabelos loiros da jovem mulher sentada junto à janela aberta.

Irina entrou. Ela estava descalça e sua cabeça grisalha coberta com um xale listrado, de algodão. Aproximando-se, em silêncio, ela tirou Rosalinda de sua meditação.

- Vieste avisar-me de que já é tarde e é hora de dormir? - perguntou com um sorriso, levantando-se da poltrona. Mas Irina, negativamente, ba-

lançou a cabeça e sentando-se no banco junto às suas pernas, murmurou:

- Não, minha querida! Vim para comunicar-te uma notícia muito importante. Teu pai está vivo!

- De onde soubeste isto? - impacientemente, interrompeu Olga pálida. Será que ele sabe que vivo aqui? - acrescentou ainda, num tom de voz mais baixo.

Até agora, não sabe de nada. Vim para que juntas, discutamos como avisar-lhe sobre nós e pedir para que nos liberte deste infortúnio. Agora, escuta como a Santa Virgem atendeu minhas súplicas e mostrou-me a salvação. Conheces Salomão, o judeu, que negocia com tecidos, pedras preciosas e especiarias estrangeiras?

- Conheço! Henry comprou dele aquele brocado rosa com listras prateadas, que me deu de presente na última Páscoa.

- Exatamente. Dele sempre compro também pães e frutas cristalizadas para ti e Otton, teu filhinho. Salomão vive numa viela, perto da murada, onde tem sua venda. - Três meses atrás, fui até lá para fazer umas compras e encontrei Rebeca, mulher de Salomão, em lágrimas. Perguntei-lhe o que a amargurava tanto e Rebeca disse-me que seu filho único, o pequeno Davi, caiu doente de febre rubra; o médico alertou-lhe que, caso a doença atingisse a cabeça, a criança morreria. No momento, pensei: nada mal, será um judeu intragável a menos sobre a face da terra; mas, no mesmo instante, creio eu, a própria Mãe de Deus, colocou-me no coração, pena de Rebeca. Como sabes, conheço simpatias para a tal febre; disse, então, à judia que poderia libertar o menino da morte cruel, mas, para isso, teria que orar ao nosso Salvador, Jesus Cristo.

- Suplica... reza para quem quiseses... desde que Davi fique vivo. Não foi um Deus único que nos criou?! - retrucou ela.

Fiz promessas e o menino sarou! Desde aquele dia, os judeus, simplesmente, não sabiam como me agradecer.

- Ontem, eu comprava para ti uma guloseima, quando Rebeca me levou ao quartinho dos fundos, onde Salomão e Davi me presentearam com um maravilhoso xale de lã, tão colorido, que de longe se notava. Agradei pelo presente e, conversa vai, conversa vem, nossas línguas se soltaram. Soube, então, que Salomão vai a Novogorod regularmente. Tu mesma podes imaginar como estremei ao ouvir isto! Comecei a fazer perguntas e ele revelou-me que teu querido pai vive, mora na antiga casa e não faz muito tempo, Salomão lhe vendeu uma peça de feltro e tecidos importados. Convinco Salomão a comunicar a Andrei Semenovitch que estás viva e, depois, nos trazer uma resposta; disse-lhe que vosso paizinho é um boiardo, que o recompensaria generosamente pela alegre notícia. Salomão concordou e combinamos que, na próxima semana, eu levaria uma carta tua e alguma lembrança para teu paizinho. Penso que melhor seria dar o anel de rubi de tua falecida mãezinha.

Durante a narração de Irina, Olga ora empalidecia, ora corava.

- Para que tudo isso? - murmurou baixinho. Meu pai me queria de volta, mas Henry nunca concordou e nem mesmo nos permitiu avistar-nos.

- Oh! Nós nos arranjamos sem a permissão dele.

- O que estás falando, Irina? Estou casada e não concordarei nunca em abandonar o Otton.

- Por que abandonar? Levaremos a criança e educá-la-emos na fé ortodoxa. Permite-me somente cuidar dele e tudo sairá bem!

Irina, com entusiasmo, começou a convencer Olga, refutou suas objeções, ressuscitou na alma da jovem mulher, todas as recordações da infância, despertando-lhe o rancor oculto, que sentia pelo marido. No final das contas, quando as duas se entenderam, Irina levou consigo e trancou no cofre, um bilhete de Olga para o pai e o anel de sua falecida mãe.

II

Passados alguns dias, Henry Barenkhaupt retomou a Narva. Olga, como sempre, estava sentada junto à janela e seu coração batia melancolicamente, quando o cavalo murzel⁶ parou na entrada; o marido, descendo dele, fez uma saudação com a mão.

Após um minuto, Henry apertou num abraço a jovem esposa e tomando pela mão o pequeno Otton, levantou-o até o teto, sorridente de alegria.

Pálida de aflição, Olga, sem forças, deixou-se cair na poltrona.

Henry era um homem alto e magro. Musculoso, queimado pelo sol, com um nariz aquilino, seu rosto inspirava vontade firme e severa. Nos olhos negros, cintilantes, brilhava algo de demoníaco. As maçãs do rosto salientes e uma boca larga com dentes brancos e agudos denotavam uma paixão rude e grande teimosia. No geral, era um homem de ferro, tanto no sentido físico como moral, ardente, brusco e vingativo; de natureza extremamente ativa, era absolutamente incapaz para uma existência calma e vivia eternamente a procura de aventuras, perigos e sensações novas.

Henry amava loucamente a mulher e idolatrava o filho, mas esses sentimentos traziam em si, o estigma da austeridade habitual e congênita do caráter.

Com a chegada do amo, todo o esquema de vida na casa mudava totalmente. Banquetes e bebedeiras se alternavam, pois Henry gostava de beber e comer bem e os outros cavaleiros, tanto os leigos como os irmãos da Ordem, também, de bom grado, compartilhavam seu gosto.

Durante essas semanas, Olga ficava com o espírito desassossegado. Ora se atormentava pela traição ao marido, ora se ofendia por alguma palavra severa ou pelo procedimento rude com a criança, e assim, com impaciência, aguardava uma resposta do pai, almejando retomar à pátria.

6. Murzelo: Mouro, cavalo árabe.

Presenciando, na qualidade de senhora da casa, os banquetes oferecidos pelo marido, Olga era constrangida a ouvir toda a sorte de ofensas, que espalhavam sobre seus compatriotas, uma vez que, nas conversas, o assunto principal era os moscovitas, Ivangorod, tidos pelos livônios como "casca de ferida". Os cavaleiros reclamavam do atrevimento dos inimigos, que ousaram instalar-se a dois passos de Narva e não perdiam ocasião de zombar ou causar aborrecimentos aos alemães. Inclusive as damas se queixavam dos russos, culpando-os pelo aumento dos preços dos gêneros alimentícios. Às vezes, era mesmo difícil conseguir os produtos de primeira necessidade, pois os camponeses dos arredores preferiam levar sua produção para Ivangorod, confiando que os russos pagavam mais, pechinchavam menos e, de um modo geral, eram compradores mais agradáveis que os cavaleiros e cidadãos de Narva.

As reclamações sobre esta situação dirigidas ao grão-mestre da Ordem resultaram em decretos que obrigavam a população circunvizinha a levar e vender seus produtos exclusivamente em Narva, para os alemães, e proibiam, sob ameaça de castigo severo, qualquer relação com Ivangorod.

É sabido que tais medidas nunca alcançam seus objetivos, e os camponeses livônios, continuaram a fornecer provisões à fortaleza russa, em detrimento ao grande descontentamento dos senhores de Narva.

As queixas dos homens alvejavam, principalmente, o jovem boiardo russo, com quem, há um ano atrás, na casa do velho voievoda de Ivangorod, haviam-se reunido. Seu atrevimento, sua atitude desdenhosa dispensada aos odiosos vizinhos exasperavam os alemães até a ira. Pela descrição, Olga reconheceu nele a pessoa que viu com o falcoeiro no caminho de volta da peregrinação à pequena capela, situada a duas horas de viagem de Narva. A lembrança do belo boiardo e da maneira encantadora como a miravam seus grandes olhos brilhantes e bons, fazia Olga estremecer, e todos os insultos a ele dirigidos, pareciam-lhe ofensa contra ela mesma.

Uma noite, quando Henry banqueteava-se com os cavaleiros no castelo e, como de costume, não deveria retomar antes da aurora, Irina foi ao quarto de Olga e, ajoelhando-se, sussurrou-lhe ao ouvido que Salomão voltara de Ivangorod.

Com a voz entrecortada pela emoção, contou que a princípio, a notícia inesperada sobre a filha estarrecera o velho voievoda. Depois, voltando a si do torpor, ele longamente, interrogou o judeu e ao saber do destino, da própria esposa, morta prematuramente, enfureceu-se terrivelmente. Porém limitou-se dizer a Salomão:

- Transmite a minha filha que encontrarei um meio de avistar-me com ela e arrancá-la-ei do cativo infame.

- Salomão comunicou que o teu paizinho o recompensou regamente, dando-lhe um saco cheio de ouro. Não é assim, disse-me ele, que proce-

dem os desprezíveis cavaleiros, que comprem fiado nossas mercadorias e depois, pagam-nas com pontapês.

- Também meu velho Andrei está vivo e ainda como antes, continua a serviço do boiardo. Meu filho Piotr tornou-se um bravo guerreiro. Ambos mandaram-me lembranças, terminou Irina, em lágrimas.

Olga corou ouvindo a ama. Seu coração estremeceu e a figura do pai surgiu com clareza em sua mente; a idéia de que o veria de novo e que toda a sua vida, talvez, se desenrolasse de outra forma, fez com que a perturbação e o medo do futuro se apoderassem dela. Toda a noite ela não pôde cerrar os olhos e ficou bastante satisfeita ao ver que o marido, ao voltar para casa, estava um pouco embriagado e nem notou sua inquietude.

Algumas semanas se passaram, notícias da Rússia não chegavam, de modo que as dúvidas começaram a afligir Olga e Irina. Eis que, inesperadamente, Irina encontra Salomão, que lhe fala que, dali a dois dias, exatamente no dia da feira, se ela, juntamente com sua patroa, viessem fazer compras em sua tenda, lá ficariam sabendo de algo muito importante.

Irina voltou para casa como que inebriada; o tempo, parecendo-lhe uma eternidade, se arrastava até o momento que poderia falar com Olga a sós, sem testemunhas.

Olga, a princípio, assustara-se com a idéia de ir à casa do hebreu, mas não ir, talvez significasse perder para sempre a oportunidade de entrar em contato com o pai. E, além do mais, as circunstâncias eram-lhe extraordinariamente favoráveis. O marido partiria no dia seguinte, levando consigo Khristofor, a única pessoa em quem ela não podia confiar. Por isso, depois de pensar bem, resolveu tentar a sorte.

No dia proposto, Olga com Irina, primeiramente se dirigiu a Igreja e, de lá, não chamando atenção, mas também não se ocultando, se dirigiu à venda do hebreu. No pátio da casinha, onde vivia Salomão, havia uma telega desatrelada com legumes e verduras.

Feitas as compras, o hebreu informou que, há pouco tempo, havia recebido do exterior muitos tecidos raros e convidou sua nobre compradora a examiná-los no quarto ao lado.

Olga concordou e o amável negociante a conduziu com Irina ao quarto vizinho, onde estavam à mostra várias peças de fazenda. Nem bem a porta se fechara atrás deles, apareceram dois homens com roupas de camponeses livônios. Um deles se aproximou rapidamente de Olga e, durante um minuto, a observou com curiosidade; depois, a abraçou cobrindo-a de beijos.

- Minha querida criança! Quantos anos me afligi, lamentando tua morte, e eis que Deus, por um milagre, devolve minha filhinha.

Apesar do disfarce, da mudança e da aparência externa do pai, Olga o reconheceu e o abraçou fortemente.

O companheiro do boiardo, interrompendo as manifestações afetuosas, devolveu ao momento seu importante caráter de urgência. Começou, então, uma conversa curta, na qual Andrei Semionovitch declarou à filha que resolveu, irrevogavelmente, trazê-la de volta à casa paterna, juntamente com seu filho, e esperava vingar-se severamente dos afoitos seqüestradores de mulheres e crianças, que as despojavam de sua honra e fé. Além disso, recomendou-lhe aguardar com calma os acontecimentos. No caso de quaisquer novas orientações, ele comunicá-las-ia através de Salomão.

Depois de agradecer a fidelidade e dizer ainda algumas palavras carinhosas a Irina, que beijava suas mãos, o velho boiardo apressadamente despediu-se da filha.

Olga sentia-se como num sonho. Reconhecera no companheiro do pai o jovem boiardo, que vira no barco, e agora sob seu olhar ardente e encantador, percebia que em seu coração, batia um sentimento misteriosamente indefinido, nunca antes experimentado.

Retornou para casa sem obstáculos, não despertando suspeitas a ninguém sobre o encontro secreto, nem sobre a presença corajosa dos russos em Narva. Quando, depois de três semanas, Barenkhaupt voltou para casa com os frutos de sua viagem, Olga já se continha inteiramente, mas, em sua alma agora, um novo mundo se formava, que mais ainda a separava do marido.

Ela desprezava cada ato, cada palavra de Henry, que se lhe havia tornado abominável. Notava, com suscetibilidade doentia, fatos para os quais antes não dava nenhuma atenção. Involuntariamente, comparava o marido com o jovem voievoda acompanhante de seu pai, cujo nome, agora ela sabia: Ivan Andreievitch Kolytchev-Tchorny, e a comparação era desfavorável a Barenkhaupt.

Não podia recordar sem uma profunda emoção, o olhar claro e bom do jovem boiardo, seu sorriso franco e sua voz sonora. Naqueles instantes, a voz rude do marido, seu olhar severo e sombrio, inspiravam nela uma verdadeira repulsa.

Cada vez mais impaciente, Olga esperava sua libertação, mas sua impaciência era submetida a provações: muitos meses se passaram e nem de seu pai, nem de Ivan Andreievitch chegara qualquer notícia que indicasse medidas para sua libertação.

No outono do ano de 1501, inesperadamente, correram rumores de que os regimentos russos invadiriam a Livônia, tomando de assalto e saqueando vários castelos. Tentariam ocupar Derpt, para depois se infiltrarem nos limites de Narva.

Ivangorod também aderiu ao movimento; então, as desavenças foram retomadas e os desafios insolentes começaram a incomodar os habitantes de Narva. Por sua vez, a Ordem e a cavalaria livonianas, tanto a secular

como a monástica, se puseram, ativamente, a preparar o rechaço da invasão.

Henry Barenkhaupt participou ardentemente de todas as batalhas. Considerando que a família estava em segurança, protegida pelas muralhas da cidade, ele acompanhou tio Konrad a uma incursão distante. Porém, ao saber que os russos concentravam, aparentemente, suas forças em volta de Narva, foi obrigado a retomar a cidade.

Uma vez, passados alguns dias após a volta de Henry, numa noite de novembro, ruídos fortes e sons de cornetas anunciaram que algo de anormal acontecia na cidade.

Eram os russos, que de todos os lados, chegavam a Narva. Na cidade, crescia o tumulto. Todos que estavam em condições de empunhar armas, se lançavam para as muralhas. A batalha seguia desesperadamente: os defensores da cidade debatiam-se junto às muralhas, esfaqueavam-se pelos becos estreitos, mas era impossível resistir ao furioso ataque dos inimigos. Os defensores de Narva tremiam e fugiam largando as armas e os russos os perseguiam pelos calcanhares, abatendo-os impiedosamente. Os cavaleiros com seus guerreiros, que a princípio, não cediam um palmo de terra sem combate, começaram a se afastar para o castelo; mas, depois, acuada pela frente e pela retaguarda, em desordem, correram para fora da cidade, abandonando os infelizes habitantes e seus bens à sanha dos invasores.

Na batalha encarniçada com o inimigo sangüinário, era difícil ter piedade. Inclementemente, era abatido qualquer um que caísse em suas mãos. Além disso, na cidade, irrompia um incêndio, cujo fogo acelerado pelo vento, rapidamente se espalhou, envolvendo grande parte da cidade.

A chama vermelha das casas ardentes, com sua luz sinistra, iluminava o horrível espetáculo pirotécnico.

Henry se debatia como um louco. Ouvindo o toque de retirada, não se juntou aos cavaleiros que fugiam, mas reuniu seu pessoal, prendeu alguns guerreiros e cidadãos armados e correu para casa, a fim de salvar a esposa e a criança, ou morrer junto deles.

As ruelas estreitas estavam cheias de adversários. De todos os lados ouviam-se lamentos e gemidos desesperados de mulheres, crianças e combatentes feridos, em alternância com os gritos vitoriosos dos soldados invasores, carregados de pilhagens.

Quando, ainda de longe, Barenkhaupt viu sua casa também envolta em chamas, seu coração apertou-se melancolicamente. Com a espada, abriu caminho e logo encontrou-se com seu destacamento em frente à casa, cujo telhado chamejava.

De dentro, ouviam-se gritos e tinidos de armas. Khristofor, evidentemente, em desespero, se defendia dos russos, que invadiram a casa e, em ataque maciço, escalavam todas as janelas.

Sem considerar, que seu capacete fora quebrado por um golpe de machado, e ele mesmo estava ferido, Barenkhaupt, intrepidamente, se lançou em socorro da esposa. Com a espada, abriu atrás de si um caminho de sangue e, em alguns saltos, encontrou-se no topo da escada, já enegrecida pela fumaça, irrompendo no quarto de Olga.

O quarto estava cheio de gente e nele reinava um barulho incrível. Os seguranças da casa se debatiam pelos cantos, defendendo Rosalinda, que parada junto à parede, apertava contra si o filho. Ela estava pálida como um linho; os cabelos desfeitos pela desordem, a cobriam como se fosse uma capa dourada.

No minuto em que Henry irrompeu no quarto, Khristofor caiu gravemente ferido e o soldado russo que o golpearia se lançou em direção a Olga, erguendo-a nos braços e gritando:

- Minha presa!

Nisto, um grito selvagem escapou da boca de Henry, que como um tigre, se lançou levantando a espada para o raptor e, certamente o golpearia de morte, se Ivan Andreievitch Kolytchev - era ele o guerreiro, não desse um salto para trás, soltando dos braços a jovem mulher, que com um gemido, caiu ao solo.

Entre Kolytchev e o cavaleiro, travou-se uma luta sangrenta e impiedosa. Olga, ajoelhada, apertando os braços contra o peito, com os olhos arregalados de terror, observava os combatentes. Coberto de sangue, enegrecido pela fumaça e o calor, desfigurado pelo ódio e rancor diabólico, o rosto de Henry estava simplesmente terrível; Kolytchev, à sua frente, lutava com calma e sangue frio, que lhe davam uma grande vantagem sobre o adversário.

Eles continuavam a lutar, não obstante o ruído do incêndio e o ruído das telhas que caíam e a fumaça densa e acre que enchia o quarto.

Com desespero na alma, Henry sentia que fraquejava. Mais de duas horas lutara infatigavelmente, perdendo muito sangue. Pela primeira vez na vida, a armadura lhe pareceu pesada, o braço, a cada minuto, se recusava a sustentar a espada. Somente uma incitação misteriosa, ainda o mantinha de pé. Os ouvidos zumbiam e a cada momento, uma névoa negra nublava seus olhos.

Kolytchev utilizava habilmente sua superioridade sobre o inimigo. Compreendendo que as forças de seu adversário se exauriam, ele somente o cansava. Depois, percebendo o instante adequado, aplicou, no ombro do cavaleiro ferido, um golpe tão intenso que Henry largou a espada estatelando-se no solo. No pensamento que se extinguiu, ainda vivia uma idéia: se morresse, o vencedor se apossaria de Rosalinda; então, um ciúme selvagem fez com que, em um átimo, seus sentidos se reavivassem, devolvendo-lhe forças e energia. Levantou-se e viu, claramente, que o boiardo arrastava sua esposa para a janela na qual, pelo lado de fora, estava encostada uma escada.

Henry, reunindo toda a força que lhe restava, arrancou rapidamente um punhal do cinturão e, correndo em direção a ela, o cravou em seu flanco. Olga, desfalecendo, virou-se de costas e Barenkhaupt, depois de receber um tremendo golpe na cabeça, desabou no chão.

Já não viu mais como Ivan Andreievitch, levantando o corpo imóvel de Olga, desapareceu com ela pela janela. Pouco depois, alguns soldados do cavaleiro, aproveitando que os russos, inesperadamente se retiraram, correram para o quarto e, sem considerar que a escada se incendiava, retiraram Henry e Khristofor. Mal conseguiram dar cem passos, quando o telhado desabou, espalhando, ao longe, carvão fumegante e uma chuva de centelhas.

A casa de Barenkhaupt ardia como uma fogueira colossal.

Quando Olga abriu os olhos, notou que estava num quarto abobadado, desconhecido para ela. Sentia uma fraqueza terrível e uma dor aguda no flanco. Cada lembrança sobre os trágicos acontecimentos ocorridos apagavam-se por completo em sua memória. Com um olhar cansado, examinou o ambiente; no canto, estavam dependuradas grandes imagens com adornos prateados e dourados; a luz suave da lâmpada brincava sobre as pedras preciosas que enfeitavam as coroas, emoldurando os rostos clássicos de Cristo e Sua Divina Mãe.

De repente, viu Irina sentada ao lado da cama e um sentimento de doce tranqüilidade invadiu sua alma. Fechou os olhos e adormeceu imediatamente.

Ruído de vozes despertaram Olga.

Ela já se sentia mais animada e logo reconheceu o pai que se inclinava em sua direção.

Ele tinha a cabeça enfaixada e um braço na tipóia. Sua expressão transbordava contentamento e felicidade.

Ela abriu os olhos. - Médico! Veja o ferimento que o cão raivoso fez nela, disse o boiardo, beijando a filha.

Depois, afastando-se, cedeu lugar a um velho magro e enrugado, vestido de negro à moda alemã.

As palavras do pai imediatamente reavivaram a memória de Olga.

- Otton!... Onde está Otton? - perguntou baixinho.

- Tem calma, minha querida criança. Teu filho está aqui, vivo e saudável. Enquanto Ivan Andreievitch se debatia com aqueles bandidos, o marido de Irina o trouxe. Meu netinho é um bom menino. Passa o dia inteiro brincando com o velho Andrei; tornaram-se amigos. Agora, está no pátio e diverte-se brincando de arqueiro. O médico não o permite passar por aqui para não perturbá-la; tu precisas de calma e silêncio. Agora, vamos ao curativo, Olenka; e, depois, dorme um pouco.

Ao terminar o curativo, o velho boiardo e o médico saíram. Olga, cansada, porém feliz, dormiu um sono profundo e alentador.

O golpe, infligido à esposa, teria sido mortal, se Henry fosse senhor absoluto de suas forças; mas, felizmente, seu braço não foi pesado e a ferida, embora séria, possibilitava a esperança de recuperação.

Olga convalescia mais rápido do que se esperava: Sentia reanimar-se física e moralmente, afastando da memória os últimos acontecimentos e a figura rude do cavaleiro Barenkhaupt. Somente agora tudo se lhe aclarava e entendia o quanto o odiava.

Ela, ainda não vira Ivan Andreievitch e embora não tivesse coragem de perguntar ao pai sobre seu paradeiro, pensava muito nele. Finalmente, ficando a sós com Irina, decidiu indagar se o boiardo estava ferido e se, ainda, estava em Ivangorod.

A velha, com um sorriso malicioso, olhou para o rosto corado de Olga e respondeu:

- Foi ferido, mas agora, graças a Deus, se recupera. Como vamos partir, minha querida pombinha, logo poderás vê-lo.

Depois, Irina contou como o voievoda queria avisá-las, através de Salomão, para que saíssem da casa, assim que o ataque dos russos começasse. Um destacamento de guerreiros as esperaria num local indicado e rapidamente as conduziria a Ivangorod. Mas, esse plano foi de impossível realização, pois, com a aproximação dos russos e a possibilidade de cerco, os cidadãos de Narva exigiram a expulsão dos judeus, nos quais não confiavam. Além disso, o portão da cidade era tão vigilantemente guardado, que não havia nenhuma possibilidade de penetrá-la, o que forçou a libertação delas, ceder à vontade do destino.

Alguns dias se passaram. Fortemente emocionada, Irina comunicou a Olga que tinha visto Salomão, que acabara de chegar de Narva. O hebreu noticiou-lhe a provável morte de Barenkhaupt e a transformação da casa dele em escombros, devido ao incêndio que a queimara inteiramente, até os alicerces. A notícia trazida por Irina afligiu Olga e ela rezou fervorosamente pelo descanso da alma do finado marido. Mas, depois de passada a aflição, ela começou a enxergar aquela morte, como uma felicidade e libertação, que lhe abriam a possibilidade de iniciar uma nova vida.

Ela se encontrou com Ivan Andreievitch e ficou sabendo de um detalhe de sua vida. O jovem boiardo era viúvo e tinha, do primeiro casamento, um filho de três anos e meio e uma filha, cujo nascimento, custou a vida da mãe. Olga leu nos olhos de Ivan Andreievitch que eles se apreciavam mutuamente. Quem sabe, o que o futuro estaria preparando para eles, já que ela estaria livre agora?!

Com grande alegria da filha e do neto, Andrei Semionovitch resolveu levá-los para Novogorod, sua terra, Olga ansiava ver a casa paterna, onde passou os primeiros dias de sua infância e viveu com sua mãe. Com referência a Otton, este também se sentia agora como se estivesse no paraíso, pois mais temia o pai do que o amava. Todos, começando pelo avô, o mimavam extremamente e o menino fazia tudo que queria. Além disso, o ve-

lho pai Andrei, sempre contente e pronto para correr com ele, era um companheiro muito mais agradável do que o sombrio e taciturno Khristofor.

Despedindo-se de Ivan Andreievitch, Olga, por ela e pelo pai, agradeceu o auxílio prestado, que a livrou da morte eterna. O jovem boiardo retrucou sorrindo:

- Salvando uma conterrânea, apenas cumpri com meu dever.

Depois, acrescentou, que dentro de três ou quatro meses, estaria em Novogorod para saber de sua saúde, e o olhar que acompanhou as palavras de Kolytchev deu a entender a Olga que a visita teria também, outro objetivo.

Andrei Semienovitch odiava tudo que lembrasse a vida de Olga com os alemães. Por isso, assim que chegou em Ivangorod, tomou rapidamente todas as medidas para reintroduzir a filha e o neto no seio da igreja ortodoxa.

Três semanas se passaram, a cerimônia de conversão ao ortodoxismo foi realizada, tendo o pequeno Otton recebido o nome de Boris. Além disso, para que nunca mais se ouvisse o odioso nome "Barenkhaupt", o velho boiardo resolveu dar ao menino o sobrenome Lodygin.

De acordo com sua promessa, dentro de quatro meses Kolytchev chegou, trazendo notícias sobre a funesta batalha com os alemães, junto às muralhas de Ivangorod, cujos arrabaldes e cercanias foram pilhados e queimados. Nesta batalha, morreu seu tio, o voievoda Loban-Kolytchev. A segunda notícia, comunicada somente a Andrei Semienovitch, era a respeito de Barenkhaupt, que não morreria, como todos pensavam. Kolytchev o tinha visto por ocasião do último combate. Ele lutava nas primeiras fileiras, destacava-se pela fúria extraordinária, não poupava ninguém e espancava, inclusive, os feridos. Porém, para o maior assombro do boiardo, o cavaleiro vestia a capa da Ordem. A conselho de Andrei Semienovitch, Kolytchev resolveu omitir esse fato para Olga, a fim de não perturbar a felicidade e tranqüilidade da jovem mulher; além disso, Ivan Andreievitch tinha pedido a Lodygin a filha em casamento, o que foi consentido com alegria; desta forma, o jovem boiardo queria aproveitar sua estada em Novogorod para festejar os esponsais. A notícia sobre o marido podia perturbar Olga, embora a admissão do cavaleiro na Ordem fosse equivalente ao divórcio.

No dia seguinte, Ivan Andreievitch, aproveitando o momento oportuno, quando estava a sós com Olga, sentou-se ao seu lado, pegou suas mãos e disse:

- Durante esses meses em que estivemos separados, lembraste de mim, Olga Andreievna, mesmo que fosse uma vez ou outra?

- Todos os dias eu rezava por ti, pedindo ao Senhor e a Santa Virgem para te poupar de todas as desgraças e infelicidades, respondeu, baixando os olhos.

Kolytchev apertou fortemente a mão dela.

- Tuas orações foram ouvidas. De todas as batalhas sai são e salvo. Mas desejo, Olga Andreievna, receber de ti não apenas orações. Comecei a te amar com todo o coração e pergunto francamente: tu me amas o bastante para tornar-te minha esposa e mãe de meus filhos?

Olga, com embaraço, levantou os olhos para ele e, deparando-se com o olhar amável e bondoso de Ivan Andreievitch, inclinou a cabeça sobre seu peito.

- Sim, também comecei a te amar e ficarei feliz em ser tua esposa. Ju-ro que Natacha e teu filho serão para mim como meus próprios filhos! E, de tua parte, promete-me que amarás meu Boris, esquecendo ser ele um rebento, em parte, inimigo.

- Ele é teu filho, Olga, e isto é o suficiente para que ele me seja querido. Educá-lo-emos de tal forma, que ele será uma verdadeira alma russa.

Um beijo ardente selou aquela explicação. Quando o velho voievoda soube que tudo se arranjava bem, sua alegria se tornou uma realidade forte e sincera.

- Agora, na realidade, eu tenho de volta minha querida filha e o passado, maldito seja, definitivamente cancelado e esquecido! - exclamou, beijando os noivos.

Depois de seis semanas, as bodas se realizaram. Apesar de ser uma época sombria e incerta; apesar de haver guerras e constantes invasões inimigas, que devastavam o país, o voievoda decidiu festejar brilhantemente o casamento da filha.

Trajando um vestido de brocado e tendo na cabeça um adorno alto, coberto de pedras preciosas, Olga estava maravilhosa como um dia de primavera. A alegria, que brilhava em seus grandes olhos castanhos e o constante sorriso de felicidade em seus lábios, embelezavam-na ainda mais.

O sacramento majestoso do casamento ortodoxo, sem querer, fez reviver, em sua memória, a capela pequena e semi-escura do castelo de Barenkhaupt, onde, um dia, pálida e desconcertada, ajoelhou-se ao lado do rude Henry, cujo olhar devorador a fazia estremecer.

Naquela ocasião, era uma coitada, indefesa, inteiramente dependente do pai adotivo, que, além de levar sua mãe à sepultura, ainda a obrigou pagar severamente pela sua proteção, forçando a união com um homem pelo qual não sentia sequer simpatia.

Uma oração ardente de agradecimento exaltou-se da profundidade de seu pequeno coração ao Senhor misericordioso, que lhe concedera a graça tão milagrosa de modificar o seu destino. Timidamente, apertou a mão de Ivan Andreievitch, cumprindo o ritual indicado pelo sacerdote.

Foi quase uma semana inteira de banquetes e festividades.

Ivan Andreievitch partiu de Novgorod, deixando, por algum tempo, a mulher e as crianças na casa do sogro. Ele não queria expor a família aos imprevistos da guerra.

III

Os soldados de Barenkhaupt retiraram Henry e Khristofor da casa envolta em chamas, notando neles ainda um sinal de vida e levaram-nos para um acampamento alemão.

A mágoa sofrida o golpeou terrivelmente. Barenkhaupt não duvidava da morte da esposa; conhecendo a precisão de sua mão, considerava que um golpe assentado por ela, sem dúvida, seria mortal. Mas o que teria acontecido a Otton? Os inimigos o teriam aprisionado? Teria ele morrido sob os escombros da casa? Ou, talvez, faminto e sozinho, estaria vagando pelos arredores, ou mesmo pela cidade devastada?

Entre os destacamentos livônios, que corriam de todos os lados em socorro a Narva, já evacuada pelos russos, chegou também o destacamento chefiado por Konrad Levental, que de imediato, tomou para si a responsabilidade de cuidar do sobrinho, enviando-o, na primeira oportunidade, ao seu castelo para curar-se.

Uma mudança profunda transformou Henry. Seu caráter tempestuoso se tornou calmo; pálido e sombrio, por dias inteiros, permanecia calado na cama, ou ficava pensativo, sentado na poltrona junto à janela.

Sobretudo este último pensamento o atormentava mais. Logo que Henry convalesceu o bastante para montar a cavalo, foi para Narva e ordenou escavar os escombros da casa.

Sob as ruínas, entre os muitos corpos carbonizados, foram encontrados dois cadáveres de mulheres e um esqueleto de criança. Um deles, devido às incorreções da mão, foi reconhecido como pertencente à criada de Rosalinda. Porém Henry não sabia que uma pobre cidadã, para salvar-se dos russos, escondera-se com o filho no saguão de sua casa, e por isso, não duvidou que houvesse encontrado os restos mortais da esposa e do filho. O corpo da pobre e simples cidadã foi sepultado com todas as honrarias, como eram devidas à esposa do cavaleiro Barenkhaupt.

Não obstante a nostalgia e o vazio da alma, a natureza tempestuosa se sobrepôs, e novamente, à medida que se restabelecia, renasceu no corpo forte de Barenkhaupt a necessidade própria de agir. O ódio contra os russos transbordante de sua alma, procurava uma vazão.

Tendo adquirido aversão à vida mundana, Henry resolveu ingressar na Ordem e tirar vingança. Devido a influência do tio Konrad, a vontade de Barenkhaupt se cumpriu imediatamente e quando Kolytchev o viu sob as muralhas de Ivangorod, Henry já usava as vestes da Ordem.

Passados alguns meses após a batalha de Ivangorod, Barenkhaupt foi a Haspal a serviço da Ordem e lá ouviu uma notícia que o fulminou como um raio. Uma vez, de visita a um amigo, veio a negócios um rico comerciante de peles e couro. Na hora da refeição, iniciou-se um diálogo e o negociante, entre outras coisas, mencionou que estivera em onde vendera maravilhosamente. Um amigo dele, que por motivo de doença, não pudera ir pessoalmente, pedira-lhe para levar uma remessa de seda, tecido holandês e mais algumas outras coisas. Ele concordou e seu trabalho teve êxitos inesperados; em pouco tempo, conseguiu vender toda a mercadoria e uma grande parte foi comprada pelo senhor Lodygin, rico boiardo novgorodense, que casara sua única filha.

- A história dessa mulher é espantosa! - acrescentou o negociante. - Ainda, quando criança, ela e sua mãe foram capturadas por um destacamento de soldados alemães. O porquê delas não terem sido resgatadas, não sei; só sei que ela viveu aqui e dizem, inclusive, que se casou. - Por ocasião do último ataque dos russos e arrasamento de todas as cidades e castelos de Narva até Revel, já não me lembro onde, mas parece que foi em Narva, Lodygin encontrou a filha e a levou consigo. Assim que a jovem mulher recuperou-se de um grave ferimento, ocorrido acidentalmente durante a luta, ele a deu em casamento ao seu amigo, o jovem voievoda de Ivangorod. Tive oportunidade de ver os jovens, quando saíam da igreja, depois do casamento: uma moça bonita, loira com olhos maravilhosos e o boiardo, um rapaz também muito bonito. Pareciam estar completamente apaixonados...

Durante a narração do comerciante, ninguém prestou atenção na palidez mortal de Barenkhaupt.

O ruído da queda de um corpo forçou a todos se voltarem e só então é que viram Henry, sem sentidos, estendido no chão.

- Deus supremo! Será que era a mulher dele? Como não desconfiei disso antes! - falou o anfitrião, levantando Barenkhaupt com a ajuda de todos.

Enquanto faziam Henry recobrar os sentidos, o senhor do castelo contou ao negociante tudo que lhe era conhecido sobre Rosalinda e sua morte precoce.

Voltando a si, Barenkhaupt, com a voz rouca e entrecortada, começou a crivar o mercador de perguntas, porém este, nada mais sabia. Contudo, sua história, a descrição da figura da noiva, não deixaram nenhuma dúvida em relação à identificação de Rosalinda. Nada mais perguntando, Henry, pálido como a morte, despediu-se rapidamente e voltou para casa.

Impossível descrever o que se passou em sua alma. Então a esposa estava viva e pertencia a outro; precisamente, ao bandido que a raptou, perante seus olhos! Ah! Imbecil, insensato! Ele mesmo revogou a si o direito a Rosalinda, ao tomar o hábito da Ordem, que naquele momento, mais o atormentava.

Durante alguns dias, Henry achava que ia enlouquecer. Um terrível ciúme atormentava sua alma indócil, a tal ponto que ele batia a cabeça contra as paredes e de seus lábios ressoavam gritos selvagens de desespero e raiva impotente.

A excitação louca de Barenkhaupt tranqüilizou-se mais rápido do que se esperava. Ele ficou sombrio e seu estado, aparentemente, era calmo. Henry envelheceu de repente, devido o ar desalentado e o olhar lúgubre, que inspiravam aos amigos infelicidade e medo.

Não obstante todos os conselhos, Barenkhaupt retornou a Narva, onde passou o tempo todo a sós, evitando a convivência social, dominado por acessos de apatia fúnebre ou ira desenfreada. Dias inteiros não se afastou da janela, da qual se viam as torres cinzentas e pesadas da cidade inimiga. Além daquelas muralhas, vivia Rosalinda, adúltera, desonrada, traidora de todas as leis de Deus e dos homens, que tendo um marido vivo, ousou tornar-se mulher de outro. Oh! Se ele pudesse agarrá-los agora, embriagados de amor, enquanto ele, aqui, sofria um suplício infernal, então lhes daria tal castigo, que assustaria os próprios demônios! E mil planos dos mais ousados brotaram em sua imaginação excitada.

No castelo de Narva, todos lamentavam sobre o destino do infeliz cavaleiro, mas não havia ninguém que partilhasse de seu ódio e sede de vingança, tão clara e sinceramente, quanto seus dois fiéis escudeiros, Khristofor e Arnulf; além da fidelidade a Barenkhaupt, ambos tinham ainda razões pessoais para odiar os russos. O sombrio, orgulhoso e vingativo Khristofor não podia perdoar e nem esquecer aquelas zombarias e ataques ofensivos suportados em Ivangorod. Arnulf, durante a última matança em Narva, perdeu a esposa, irmã e dois filhos, de forma que em sua alma, encerrava-se uma sede insaciável de vingança tal qual na de Barenkhaupt. Os dois escudeiros discutiam freqüentemente com o "viúvo" e, uma vez, quando Henry, como de hábito, estava à janela devorando com os olhos as muralhas inacessíveis da desagradável fortaleza, Khristofor aproximou-se e perguntou em voz baixa, apontando para Ivangorod:

- Cavaleiro! O senhor desejaria penetrar o ninho dos bandidos?

- Dez anos de minha vida eu daria para ir até lá, observar o que fazem e cravar meu punhal no coração daqueles traidores, sibilou entre os dentes Henry.

Khristofor sorriu e, inclinando-se para ele, cochichou-lhe algo no ouvido; Henry escutou com atenção, brincando nervosamente com o cabo do punhal.

- Teu plano é bom, pensarei nele, - disse quando Khristofor acabou. - Ainda conversaremos sobre isto.

Depois desse dia, Henry ficou, aparentemente, mais calmo. Por horas inteiras, conversava com os dois escudeiros, que todas as noites, saíam para algum lugar, carregando, escondidos sob as capas, embrulhos misteriosos bastante volumosos.

Naquele tempo, o grão-mestre da Ordem, Walter Von Plettenburg, esteve em Narva de passagem. Henry foi ao seu encontro e implorou para ser ouvido.

- Fale, meu irmão! No que depender de mim, de bom grado, serás atendido, pois estou sabendo que uma grande desgraça ocorreu contigo, - respondeu Plettenburg, olhando com interesse para o rosto pálido e esgotado de Henry e para seus olhos sombrios e funestos.

- A amargura que me visita é o castigo justo pelos meus pecados e crimes, - surdamente respondeu Barenkhaupt. - Para abrandar a ira divina e acalmar a própria consciência, resolvi submeter-me à provação dos eremitas por todo o tempo que o Senhor me indicar. Vim pedir-te permissão para executar minha promessa.

- Deus me guarde de obstruir, de alguma forma, os trabalhos para a salvação de tua alma; mas meu dever me obriga a fazer algumas considerações, disse o grão mestre. - Primeiro, pensaste em todos os sofrimentos expiatórios, que estás querendo impor sobre ti? A clausura numa cova é funesta para a saúde; o homem não pode viver sem ar e luz. Tornar-te-ás incapaz. Poderias servir a Deus de outra maneira, não menos verdadeira e útil, ou seja, golpear, em teu nome, os inimigos da igreja.

- Refleti sobre tudo isso e minha decisão é irrevogável. Está dependendo apenas de tua autorização o cumprimento de minha promessa. Com oração e penitência, quero descer ao abismo, denominado "sepulcro", que fica perto das muralhas do castelo. Dois servos antigos e fiéis desejaram dividir comigo minha expiação voluntária. Um guarda, devidamente instruído, todos os dias baixará os alimentos. Quando sentir na alma, que Deus me perdoou, tocarei um sino, pendurado no abismo e de lá será descida uma corda. Então, de novo, sairemos para a luz do dia.

- Percebo, meu irmão, que pensaste e examinaste tudo muito bem. Que seja cumprido teu desejo! Quando pensas mesmo iniciar tua provação?

- Gostaria de iniciar antes de tua partida e do bispo. Mas, antes quero me preparar para a grande provação, durante três dias, com orações e jejum.

- Portanto, isto será na próxima sexta-feira, concluiu o grão-mestre, absolvendo o cavaleiro.

A notícia sobre a penitência incomum à qual se submeteria Barenkhaupt, surpreendeu a todos. Uns se indagavam qual o crime que ele poderia ter cometido, para exigir de si mesmo, uma promessa tão extraordi-

nária; outros simplesmente o tinham como louco. Todavia o que mais assombrou a todos, foi o fato de ele ter encontrado dois companheiros, para segui-lo em tal proeza.

O lugar denominado "sepulcro" não era mais que um abismo profundo, situado atrás das muralhas do castelo à margem do rio. Era possível alcançar o abismo pelo interior da fortaleza, através de uma passagem aberta nas muralhas. O caminho terminava em uma porta, pela qual eram lançados ou baixados no abismo os condenados, dependendo de a sentença os julgar à morte rápida ou por fome.

Há muitos anos não se realizava uma execução desse gênero; porém, sobre a porta, era mantida uma roldana em ordem, na qual estava pendurada, por correntes de ferro, uma pequena plataforma de madeira, que servia para baixar ao encontro de uma das mortes mais terríveis, os infelizes condenados pelas leis bárbaras daquele tempo.

Três dias e três noites, Henry passou em orações e jejum. Na manhã do dia em que deveria, por tempo indeterminado ou para sempre, abandonar o mundo dos vivos, ele e os dois acompanhantes foram à catedral, receberam a comunhão das próprias mãos do bispo e, depois, os três permaneceram no templo até altas horas da noite.

Toda a população de Narva estava acordada, aglomerando-se pelas ruas, desejando ver a procissão fúnebre, iluminada por archotes, que marchava da catedral em direção ao castelo.

Na frente, entoando salmos, arrastava-se uma longa fila de monges, portando velas acesas; atrás deles, com paramentos fúnebres, os padres e o bispo; a seguir, com a cabeça baixa, vinha Barenkhaupt. Vestia uma armadura negra, na cabeça, um capacete sem plumas com a viseira erguida e por cima da armadura, cobria-se com a batina monástica. Khristofor e Arnulf, seguiam Henry, usando também a mesma batina. Encerrando a procissão, vinham os cavaleiros seculares livônicos.

O cortejo provocou impressões penosas indescritíveis na multidão, que lotava as ruas e se benzia com veneração. Os homens descobriam as cabeças e as mulheres ajoelhavam-se chorando. Aquele homem jovem, orgulhoso, rico, cercado de todos os bens materiais, que se enterrava vivo, impressionava a todos, causando pena e horror.

Na entrada para o corredor estreito, onde não era permitido passar, a procissão parou e os cavaleiros, em fila, começaram a se despedir de Henry, abraçando-o ou trocando com ele apertos de mão. Depois, o bispo, o grão-mestre, Henry e seus companheiros, juntamente com dois sacerdotes e alguns cavaleiros com archotes nas mãos, entraram na passagem estreita da muralha. Na frente deles, havia uma porta pequena, revestida de ferro. Henry ajoelhou-se perante o bispo e este, mais uma vez, dirigiu-lhe um sermão de despedida. Lembrou a Barenkhaupt, que ainda era tempo de mudar de opinião; aos dois acompanhantes, ressaltou que deveriam manifestar-se, caso não estivessem seguindo-o voluntariamente. Mas os três

responderam que a decisão deles era inabalável e seu cumprimento se devia unicamente por vontade pessoal. Então, o bispo os abençoou, dando-lhes o crucifixo para beijar e ordenou a abertura da porta.

- Que Deus vos ajude, meus filhos, amparando-vos nesta pesada provação e que salve vossas almas! - com devoção, terminou o velho monge.

A porta se abriu com dificuldade, apareceu um pequeno cadafalso suspenso por correntes e Henry com os escudeiros se instalaram nele. Quando a corrente com um rangido sinistro começou a desenrolar-se, Barenkhaupt entoou um hino sacro.

Fortemente deprimidas, pelas impressões tristes e penosas, as testemunhas desta cena emocionante se calaram junto à porta aberta, ouvindo a voz de Barenkhaupt que desaparecia pouco a pouco. O abalo leve das correntes, anunciaram finalmente, que a plataforma atingira o fundo do abismo. O canto cessou.

- Meus irmãos! Antes de fecharmos a porta, rezemos pela paz das almas destes enterrados vivos, disse com emoção, o bispo.

No final do canto fúnebre, todos se dispersaram em silêncio.

À medida que a plataforma descia para o fundo do abismo, o cheiro de decomposição e podridão se tornava mais forte, dificultando a respiração. Agora, uma noite escura e indevassável encobria os três ousados, que silenciosos, estreitavam-se um contra o outro. Teriam eles, alguma vez, pensado que a prova seria assim tão pesada?

Aliás, nenhum deles nada revelou sobre tal suposição.

Quando a plataforma roçou levemente o fundo do abismo, Khristofor acendeu uma vela. Com a luz fraca e cintilante, puderam, ao menos, enxergar um pouco. Eles se encontravam em um lugar horrível, semelhante a uma enorme fenda, que se limitava, por um dos lados, com as fundações resistentes da fortaleza. Em volta, havia esqueletos e corpos semi-decompostos dos infelizes que, na agonia extrema, arrastaram-se para lá, onde, apesar dos pesares, chegava até eles um raio fraco de luz.

Henry começou a sentir-se mal. Apoiou-se na parede e fechou os olhos. Antes, lá em cima, à luz do dia, a vingança lhe parecia leve, porém no momento, todo o gigantismo de seu ousado empreendimento aparecia e suas forças fraquejavam perante a incumbência. Ele voltou a si ao ser tocado por Khristofor, que perguntou:

- O que há, senhor?

Henry reanimou-se.

- Bobagens! O cheiro dos cadáveres me em baralhou a cabeça, mas já passou. Tira-me a armadura e desvencilhem-se das vossas. É preciso pôr em ordem esse lugar.

Depois que as armaduras foram retiradas e arrumadas em uma cavidade da rocha, eles começaram a desembalar os embrulhos anteriormente baixados ao abismo por Khristofor e Arnulf. Em um deles, havia malho, pinças, pregos, alavancas, picaretas, pás e outros instrumentos para tra-

balhos de escavação; nos outros, cobertores grossos, artigos de pele, roupas diversas e roupas brancas. Além disso, havia também alguns pequenos barris de vinho para restabelecer os ânimos e uma reserva de archotes e velas.

Acenderam alguns archotes e os três começaram a trabalhar. Abriram um fosso para enterrar os cadáveres semi-decompostos, que poluíam o ar e colocaram os ossos em um canto para não cavar em vão. Findo o trabalho preliminar, ambos os escudeiros se enrolaram em cobertores e dormiram profundamente, esquecendo o terrível clima que os cercava. Só Henry não dormiu. Uma excitação estranha lhe tirava o sono. A amargura e o desespero destes últimos meses, que enegreceram sua alma, rebentavam, agora, como uma autêntica tempestade. Pensava em Rosalinda. Nele ardia um ódio selvagem da mulher traidora, razão de todas as infelicidades e, graças a ela, encontrava-se agora ali, naquele subterrâneo, ao invés de seguir sua vida de guerreiro à frente de ataques intrépidos.

Seus pensamentos foram interrompidos por um estranho crepitar, acompanhado por rajadas de vento frio, que lhe golpearam direto no rosto. Endireitou-se e abriu os olhos.

A princípio com espanto e depois com horror, viu uma luz esverdeada que surgia do local onde os ossos foram depositados. A luz crescia expandindo-se e, em pouco tempo, iluminou toda a caverna. Do fosso recém aberto reluziam fagulhas, saltitavam bolhas azuis como safira, formando um vapor denso, que se juntava em nuvens. Nesse instante, Henry viu, a dois passos dele, sentado na saliência da parede, um homem pálido, de rosto desfigurado, falando claramente sobre seus insuportáveis sofrimentos. Os olhos dele, ardentes como dois carvões, estavam fixos em Henry. Por trás deste fantasma horrível, ressuscitou outro cadáver, cujo corpo enegrecido e semi-putrefato desprendia-se dos ossos. Em direção a ele, de todos os lados, corriam esqueletos com os crânios descobertos, tendo de vivo apenas os olhos, que luziam como fogo fosfórico no fundo das órbitas. As bocas sem lábios, com dentes enegrecidos, formavam um sorriso sinistro.

Essa turba asquerosa juntou-se em volta de Henry, mirando-o com curiosidade e raiva demoníaca. Vozes roucas e sibilantes soavam como se viessem de longe.

- Por que tu, sendo vivo, vieste para cá, ao mundo dos mortos? Oh! O que já sofremos! Como estamos sofrendo ainda agora! Nossos corpos se arrastam sem sepultura, nossa memória é desprezada e maldita. Nenhum ser vivente ora pela paz de nossas almas e pelo alívio de nossos suplícios, gritaram todos eles.

Prantos, maldições, blasfêmias e lamentações contra sofrimentos horríveis, tudo se misturava em um vozerio inimaginável. Cada vez mais a turba se aproximava de Barenkhaupt; os rostos desfigurados exprimindo

maldade se inclinavam para ele; os dedos frios e descarnados agarravam-no e o hálito fétido lhe batia no rosto.

Com a visita das horríveis criaturas do além, que se aglomeravam em volta dele, tocando-o, ao mesmo tempo que gemiam e gritavam, Henry ficou paralisado pelo terror e, durante alguns minutos, pensou que ia perder a razão. Mas, era um homem intrépido, um cristão profundamente fervoroso, apesar de todos os seus defeitos. Reprimindo energicamente seu medo, agarrou um crucifixo de ouro, que tinha pendurado no pescoço e, levantando-o com as mãos trêmulas, exclamou:

- Orai, para que Deus vos conceda a calma, pobres sofredores! Se esqueceste as palavras sagradas, orai comigo! Eu mesmo, todos os dias, rezarei por vós.

Com voz fraca, mas nítida, começou a rezar:

- Pai nosso, que estais no céu. . .

À medida que eram pronunciadas as palavras da oração que atendia às necessidades da alma e a todos os seus arrebatamentos a Deus, as almas penadas começaram a afastar-se. Os gemidos, as lamentações e maldições se calaram e o ódio que ardia em seus olhares foram desaparecendo. A nuvem azulada e brilhante começou a abandonar as muralhas do abismo, onde tantas vidas infelizes e criminosas se extinguíram e encobriu, como uma cortina, a nudez assustadora dos esqueletos. A visão empanou-se rapidamente e desapareceu e a luz esverdeada extinguiu-se, dissipando-se na nuvem azulada. No fosso, novamente, estabeleceram-se, as trevas e o silêncio.

Entretanto, o desassossego provocado por esta visão, somado às agitações dos dias anteriores, foi muito forte até mesmo para uma pessoa de nervos de aço como o cavaleiro Barenkhaupt. Sentindo uma vertigem, ele caiu para trás perdendo os sentidos.

- Já é tarde e o senhor ainda dorme. Está na hora de começarmos o trabalho, - disse Khristofor, sacudindo Henry, que jazia imóvel em seu cobertor.

Sentindo o toque, Barenkhaupt endireitou-se e passou a mão pelos olhos.

- Será mesmo tão tarde?

- Na torre bateram agora, seis horas.

- Tens razão! Serve-me o vinho e ao trabalho!

Enquanto serviam o vinho, Henry olhou incredulamente para o canto, onde jazia o monte de ossos iluminados pela luz rubra dos archotes.

Teria sido um sonho? Ou, tão somente, fruto de sua imaginação abalada pelos nervos excitados? Ou, realmente, as almas atormentadas dos executados apareceram para pedir orações. Pena que se assustara com os fantasmas e desmaiara. Assim pensando, resolveu, daquele momento em diante, permanecer calmo, ter sangue frio e não dar vazão aos nervos.

Com energia e precaução, Henry e os companheiros decidiram, antes de tudo, assegurar para si um local mais confortável que o fundo do abismo em que estavam, onde o ar era poluído. Com esse objetivo, antes de descerem definitivamente para lá, estudaram, com cuidado, um local para a permanência.

Para a execução do plano audacioso imaginado por Khristofor e aprovado por Henry, que consistia em cavar uma passagem subterrânea sob Narva e penetrar na fortaleza inimiga, era preciso estar convicto da exatidão da direção e profundidade da passagem, considerando, de um modo geral, a viabilidade técnica da realização dos numerosos detalhes que se apresentavam.

Durante estas pesquisas preliminares, Barenkhaupt descobriu que um dos subterrâneos do castelo, praticamente, alcançava o fundo do abismo.

Neste subterrâneo, outrora ocorrera um drama terrível e sangrento entre dois cavaleiros da Ordem, por causa de uma mulher, que eles raptaram e disputaram entre si. Tinha-se em conta que eles estivessem enfeitados, pois desde que os dois cavaleiros lá morreram e sob a influência deste exemplo nefasto, aconteceram muitos suicídios e os suicidas, cada vez mais, escolhiam exatamente o subterrâneo fatídico para a execução de seus intentos. Sabendo disso, embora no subterrâneo houvesse uma quantidade enorme de objetos diversos e antigas armas de guerra, o grão-mestre da Ordem mandou emparedar sua entrada, não tocando em nada.

Henry resolveu utilizar esse mesmo subterrâneo, para lá instalar-se com seus companheiros, acreditando que naquele lugar, ninguém os incomodaria e qualquer ruído suspeito seria atribuído aos fantasmas.

Seu primeiro trabalho era abrir na muralha uma passagem pela qual pudessem penetrar no local escolhido.

Graças à assiduidade e energia, o trabalho avançou com rapidez e, depois de três semanas, atingiram o subterrâneo, ficando surpresos com o que lá encontraram.

Acontece, que os cavaleiros criminosos, armazenaram lá para a mulher amada, muitas coisas que proporcionaram uma comodidade inesperada para a vida de nossos enclausurados.

Além disso, o subterrâneo tinha uma vantagem preciosa: sua pequena janela redonda se abria sobre Narva e dava acesso ao ar fresco.

No canto mais afastado da janela, com auxílio de madeiras de velhas máquinas de guerra, panos rústicos de sacos e outros trapos encontrados, improvisaram algo parecido com um quarto pequeno, que, até certo ponto, os abrigava do frio. Um tripé grande de ferro com um braseiro, que deveria servir de fogão, duas cadeiras, uma cama de ferro, uma lâmpada pendurada e um grande tapete grosso, transmitiam à cova uma parca idéia de conforto.

Depois de arrumarem a moradia, começaram a escavação do caminho subterrâneo. Sem considerar o horror da situação e as visões que o perseguiram e atormentaram na sinistra noite, Henry, readquirindo as forças e a calma necessárias, sentia-se consolado pelo trabalho e a esperança de saciar sua sede de vingança. Ocasionalmente, reparou que, enquanto o fogo ardia, não havia ruídos ou fantasmas, o que lhe permitiu adotar medidas adequadas para afastar este transtorno.

Todos os dias, ao meio-dia, uma grande canastra fechada era baixada por uma corda e fornecia aos enclausurados sua alimentação diária. Esse minuto era sempre uma festa para eles. A canastra era vista como uma enviada superior da pátria abençoada, onde no céu azul, brilhava o sol, que, às vezes, deixava um raio perdido penetrar naquela escuridão sepulcral da prisão voluntária. A canastra também servia de comunicação entre eles e o amigo fornecedor de mantimentos, o irmão mais novo de Khristofor. Quando Barenkhaupt queria receber algo, colocava na canastra um recado e logo no dia seguinte, seu pedido era atendido.

Por um desses recados, foram-lhe enviados um grande crucifixo, uma lâmpada e uma reserva de óleo. Na mesma tarde, o crucifixo foi colocado em um nicho esculpido especialmente para ele e a lâmpada ardendo a noite inteira, pela primeira vez, iluminou com sua luz fraca o subterrâneo, onde ressoavam os gemidos e gritos de agonia. Desde esse momento, as noites permaneceram tranqüilas e Henry e os companheiros, agora sem qualquer obstáculo, puderam continuar sua tarefa pesada e fatigante.

O caminho subterrâneo avançava lentamente, mas os trabalhadores já ouviam, sobre suas cabeças, as águas agitadas do Narva. Absortos pela dedicação, não percebiam o tempo passar, quando um acontecimento triste os obrigou a interromper o trabalho e abateu com pesar o cavaleiro e Khristofor.

A vida anormal na cova, privada de luz e ar puro, o cansaço inevitável devido ao trabalho penoso em condições difíceis, quase impossíveis, tudo isso, abalou terrivelmente a saúde de Arnulf, cuja constituição física era, por natureza, mais fraca que a de Henry e Khristofor. Enquanto tinha ainda forças para suportar, cuidadosamente, ocultava sua debilidade, mas por fim, enfraqueceu de tal forma, que já não tinha condições nem para levantar a picareta. Sua cabeça rodou e suando frio tomado por uma comoção nervosa, desmaiou.

Barenkhaupt e Khristofor assustaram-se muito, carregaram o doente para o quarto no subterrâneo e o colocaram na cama de Henry. Agasalharam Arnulf com a coberta, despejaram-lhe vinho na boca e esfregaram, fortemente, suas mãos e pés. Mas, só depois de muito tempo é que conseguiram fazê-lo voltar a si. Estava claro que seu fim se aproximava.

- O Senhor não me permitiu terminar nosso trabalho e vingar a morte daqueles que me foram caros, - murmurou o moribundo. - Eu queria al-

cançar o crucifixo, meu bom amo. Tu és o mesmo que um sacerdote. Ouve minha confissão e absolve meus pecados perante a cruz do Senhor.

Com a ajuda de Khristofor, Henry carregou o moribundo até o crucifixo, junto do qual Arnulf, como os primeiros cristãos, confessou em voz alta todos os seus pecados; Barenkhaupt, profundamente emocionado, o absolveu.

Esgotado pelo esforço e emoção, Arnulf caiu em sonolência e apatia. De repente, Henry, que não abandonara o moribundo, ouviu seu murmúrio:

- Oh! Como gostaria de mais uma vez ver o céu, o sol, respirar o ar puro e admirar a relva.

- Caso queiras, fiel companheiro, tocarei a sineta. Amarrar-te-emos ao cadafalso, para que não caias, e desta forma, o teu desejo será atendido. Talvez, lá em cima, ainda consigas te restabelecer, disse Barenkhaupt, com lágrimas nos olhos.

Uma expressão de alegria aflorou ao rosto pálido do moribundo.

- Agradeço-te, meu bom senhor! Obrigado por entenderes o desejo, que não me atrevi expressar. Já não mais me restabelecerei. Sinto a proximidade da morte mas meu corpo não será privado de um enterro cristão e descansará na terra abençoada de minha pátria. Sobre minha sepultura, brilhará o sol e cantarão os pássaros.

Henry inclinou-se e beijou a fronte do moribundo.

- Estejas vivo ou morto, subirás para o mundo de Deus, meu amigo fiel! Obrigado pelo teu serviço!

O som forte de aviso da sineta do abismo, como era denominado aquele lugar, alarmou todo o castelo. O vigia, que morava num quarto ao lado do acesso para o "sepulcro", terrivelmente abalado, dirigiu-se ao cavaleiro, comandante da fortaleza e comunicou que os enterrados-vivos no abismo, praticamente esquecidos, depois de quase quatro anos, apresentavam finalmente, um sinal.

Os cavaleiros, o capelão do castelo e inclusive alguns cidadãos se reuniram precipitadamente. Chegou também Arend, irmão de Khristofor, que não cabia em si de alegria com a idéia de que, novamente, veria os três intrépidos trabalhadores. Somente ele conhecia o verdadeiro objetivo da permanência deles no "sepulcro", mas, tendo jurado total fidelidade, nunca, nem com indícios, revelou o segredo que lhe fora confiado.

Todos se juntaram perto da porta e, com ansiedade, olhavam curiosos para a corrente, que lentamente se enrolava no sarrilho. Finalmente, balançando-se em silêncio, surgiu o cadafalso de madeira e, ao invés de três, nele, deitado, atado ao tablado, estava somente um. Mas quem seria aquele velho extenuado, com cabelos grisalhos, rosto enrugado e vestido em farrapos?

Ninguém reconheceu Arnulf, mas, na primeira olhada, ficou claro para todos, que se tratava de um moribundo.

Desataram-no com cuidado e carregaram-no para o pátio, procurando fazê-lo voltar a si, antes de levá-lo ao quarto.

Arnulf via esmaecidamente os rostos assustados e surpresos dos cavaleiros que o cercavam. Porém, quando o colocaram no banco do pátio, à sombra de um carvalho frondoso, uma alegria indescritível iluminou-lhe o rosto e os olhos apagados reviveram. De novo, via a relva, o céu, o ar diáfano e a luz do sol!

Notando seu esforço para levantar-se, o capelão o amparou oferecendo-lhe um crucifixo. No momento preciso em que Arnulf, com fê e veneração, beijou a cruz, sua alma partiu.

Arnulf morreu, frustrando a curiosidade geral. Até aquela ocasião, ninguém sabia nada sobre os efeitos da permanência dos corajosos homens no "sepulcro"; porém ficou claro para todos, os resultados consequentes daquela provação a que se impuseram voluntariamente.

Depois que transportaram o corpo do morto para a capela do castelo, todos se dispersaram silenciosamente. O sepultamento realizou-se no dia seguinte. Não querendo perdê-lo, estavam presentes muitos cavaleiros e uma grande quantidade de cidadãos. A cerimônia distinguiu-se por tamanha solenidade, que mesmo o falecido jamais sonhara em vida.

Não obstante a grave impressão causada por este acontecimento, em pouco tempo, começaram a esquecê-lo.

Como Barenkhaupt e Khristofor não deram nenhum sinal, com o passar do tempo, também deixaram de pensar neles.

Não os esqueceu contudo, o fiel Arend, fornecedor diário da canastra com provisões e vigia cuidadoso do sino, orientado a dar o alarme quando soasse.

Durante estes anos, a vida de Olga transcorrera feliz e em paz. Do voievoda, deu à luz dois filhos. Marido e mulher amavam com paixão os meninos, embora não os privilegiassem perante os mais velhos. Boris, ou na verdade Otton Barenkhaupt, era agora um rapaz de 17 anos, muito parecido com o pai. Os mesmos cabelos negros de Henry, o mesmo nariz afilado e a mesma coragem e amor às aventuras, porém a educação recebida deu a seu caráter outra nuance.

De sua infância, Otton guardara somente uma vaga lembrança da figura do pai, que restara gravada em sua memória. Reportava-se àquele instante em que ele quase matara sua mãe quando a atacara com um golpe de punhal. O rosto desfigurado e ensangüentado de Barenkhaupt, sua luta furiosa com Ivan Andreievitch e todo o quadro sombrio da briga, juntamente com a casa em chamas, deixaram na criança uma impressão indelével; em seu coração infantil, tinha o pai como culpado de tudo o que se passava e guardava dele uma lembrança detestável. Por isso, adorava o avô e o padasto, cuja bondade e condescendência para com ele eram ilimitadas. Tornou-se um russo ortodoxo de corpo e alma. Odiava os alemães com tal sinceridade, que para aqueles que sabiam de sua ascendên-

cia, era quase cômico ver tão puro patriotismo russo naquele filho do cavaleiro livônio.

Natacha tornou-se uma moça encantadora e relacionava-se muito bem com os irmãos.

Olga morava ora com o pai, ora em Ivangorod, mas preferia viver em Novogorod, preferência, também compartilhada pelos filhos. Para eles era muito agradável correr e brincar nos grandes jardins do velho voievoda, que nunca os repreendia pelo barulho, vozerio e risos; ao contrário, florescia de felicidade, quando era cercado pelos netos.

Olga nutria por Ivangorod preconceitos devido a sua proximidade a Narva, que lhe despertavam sobre o primeiro casamento lembranças duras, que sufocavam seu coração com recordações angustiosas. Não que ela temesse algo, pois para ela, Barenkhaupt estava morto, caso contrário, tinha certeza de que há muito já teria aparecido para se vingar; a razão dessa ojeriza era um sonho ocorrido na primeira noite que, como futura esposa de Kolytchev, dormira em Ivangorod:

De algum lugar da terra, ela viu Henry surgir, agarrá-la e levá-la a um abismo sombrio. Em vão tentava escapar do horror insano. A mão de ferro de Barenkhaupt a jogou na terra úmida e fria. Depois sentindo uma dor aguda no flanco, gritou estridentemente e acordou, banhada em suor.

Este sonho, que Ivan Andreievitch achou cômico, causou nela uma impressão tão forte que Ivangorod se lhe tornou repulsiva. Frequentemente, rogava ao marido para se mudarem. Largaria ele o serviço em definitivo e partiriam para a região de Moscou.

Ivan Andreievitch, por muito tempo, permaneceu surdo aos pedidos da esposa. Ele amava o serviço e a fortaleza que governava, mas quando um antigo ferimento começou a molestá-lo, lhe veio a idéia de pedir ao Grão-Senhor uma licença para descanso. Como tudo estava calmo e os cavaleiros livônios também tinham-se aquietado, ele poderia confiar a província a outro boiardo e viajar a Moscou para repousar e pôr em ordem seus negócios.

A princípio, durante sua ausência, queria enviar a família para Novogorod, mas desistiu da idéia, devido a impossibilidade de viagem de uma das crianças, que mal tinha-se recuperado de uma doença perigosa. Nenhum perigo ameaçava a família. Em Ivangorod, haviam muitos soldados, a fortaleza era fortemente guardada e também os arredores eram vigiados por uma significativa tropa de guerreiros.

IV

Durante alguns dias, após o episódio com Arnulf, o trabalho no sepulcro transcorreu devagar. A tristeza e o desânimo dominaram Henry e Khristofor. Eles sentiam a ausência do companheiro fiel e a realização do trabalho idealizado tornou-se mais penosa.

Não obstante sua natureza intrépida, Barenkhaupt e seu escudeiro foram atingidos pela fraqueza espiritual. Mais sombrios e silenciosos, pegaram a pá e a picareta e o trabalho, embora lentamente, prosseguiu.

Finalmente chegou o trecho em que a passagem subterrânea alcançou a margem oposta do rio Narva. Pelo plano traçado pelos cavaleiros, o túnel começava a subir. Agora, o trabalho exigia uma enorme cautela, porque eles se achavam no interior da fortaleza inimiga e corriam o risco de sair em algum ponto indesejável e serem descobertos. Então, todos os esforços e sofrimentos de vários anos caíam por terra. Assim, trabalhavam principalmente durante a noite, movimentando-se como toupeiras e fazendo um grande esforço para não serem ouvidos.

Enfim, numa noite, a pá de Barenkhaupt encontrou o vazio. O cavaleiro, com cuidado, escavou uma abertura através da qual podia passar a cabeça. Com prazer respirou o ar fresco e perfumado e, depois, tentou orientar-se na escuridão. Logo se apercebeu de que a sorte lhe era favorável, pois a abertura dera num muro bastante alto, onde, em volta, cresciam árvores e arbustos espessos. Ao que tudo indicava, encontrava-se em algum jardim.

Henry, com impaciência, alargou a abertura, saiu descalço e, arrastando-se, atravessou a moita. Não foi muito longe, mas conseguiu ver, que o jardim não era muito grande, estava junto de uma casa e, bastante próximo, havia um portão largo, trancado com um simples ferrolho. Como um gato, deslizou até o portão e viu que ele dava para uma ruela vazia perto da muralha da fortaleza. Um sorriso de satisfação brotou em seu rosto. Daqui, era possível penetrar no próprio coração da fortaleza e voltar, sem que o inimigo suspeitasse.

Retomando ao subterrâneo, Barenkhaupt pediu a Khristofor alguns conselhos; então, resolveram alargar a abertura e construir uma porta le-

vadiça, camuflada com grama. Depois de duas noites, o trabalho ficou pronto.

Barenkhaupt, deixando Khristofor de guarda na saída, foi até o jardim para tentar descobrir a quem pertencia aquela casa. A noite estava escura e sem lua e Barenkhaupt, descalço, como uma sombra, penetrou nela encontrando um balcão de madeira que tinha dois bancos laterais. A porta do balcão não estava trancada e Henry projetou-se num grande cômodo iluminado por uma lâmpada, cuja mesa estava servida. Dali, duas portas conduziam a outros cômodos e ele hesitou em qual delas escolher para conseguir informações e não ser apanhado. A primeira porta dava para um corredor que, supostamente, conduziria ao quarto dos criados: a outra, dava para um quarto ricamente decorado onde, pelo chão, espalhavam-se brinquedos.

Devido o silêncio, profundo e alentador, e as luzes das lâmpadas acesas dos ícones, Henry pôde, facilmente, continuar suas pesquisas. Depois de levantar uma cortina pesada, inesperadamente, se encontrou num dormitório. Em sua frente, em um canto, estavam pendurados alguns ícones grandes, com molduras douradas, decoradas com pedras preciosas. A luz suave das lâmpadas penduradas na frente das imagens iluminavam os escritos bizantinos dos santos, cujos olhos imóveis pareciam observar severamente o audacioso invasor.

Ele se inclinou para ver melhor a adormecida, e de repente, cambaleando, recuou, mal contendo um grito de surpresa.

Naquele minuto, parou como um ébrio, apoiando-se contra o umbral da porta. Era Rosalinda que dormia: a traidora que o condenara a tais suplícios. O próprio anjo da guarda o guiara e conduziria direto ao objetivo: a casa do raptor de sua felicidade!

Retendo a respiração, Henry se dirigiu a uma toalha bordada, pendurada na parede, e, depois, retomou à cama, segurando com uma das mãos a toalha e, com a outra, um pequeno punhal que sacou do cinturão. Veio-lhe um pensamento, talvez "ele" estivesse aqui, mas, devido à escuridão, Henry não o tivesse notado e sua mão tremia face ao desejo insensato de vazar os olhos do feliz rival. Mas não! Rosalinda estava só. E como estava bela! Os anos passados não lhe deixaram nenhum vestígio. Apenas agora era uma mulher em todo o florescimento de sua beleza e não a criança delicada e submissa que fora sua esposa, observava naquele instante Barenkhaupt. Um ódio profundo e uma paixão desesperada tomaram sua alma e a raiva rapidamente matou o resto do amor. Tapando agilmente a boca da adormecida com a toalha e com a outra extremidade cobrindo seus olhos, ele a agarrou nos braços, levando-a para fora do quarto, apesar da resistência enérgica e desesperada de Olga, que despertara bruscamente.

Mas o que podia fazer face às mãos de ferro que a seguravam? Depois de cinco minutos, Barenkhaupt desapareceu com sua vítima para a pas-

sagem subterrânea, onde Khristofor, logo em seguida, fechou a porta levadiça.

- Vê quem eu trouxe! A própria traidora. Com um único golpe, acertei o inimigo direto no coração!

Olga desmaiou e estava imóvel nas mãos de seu raptor.

Chegando ao "sepulcro", Henry colocou sobre a terra sua presa e tirou a toalha que a envolvia.

Ele a olhava com alegria profunda.

- Finalmente, chegou a parte por muito tempo desejada da vingança! Agora estás em minhas mãos, traidora desprezível, dar-te-ei suplícios tais que repararão tudo aquilo que suportei!

Depois, voltando-se para Khristofor, ordenou:

- Arma-te, Khristofor, ajuda-me, ainda hoje à noite retomaremos ao mundo dos vivos, porque nosso trabalho está perfeito. Antes, temos que fazer a bela amada do voievoda recobrar os sentidos e instalá-la aqui com o mesmo conforto de que usufruímos, finalizou sorrindo.

Henry vestiu sua armadura enferrujada e aproximando-se do nicho onde estava o crucifixo e ardia a lâmpada, fixou-a na parede com um malhadeiro. Depois, pegando uma caneca com água, borrifou o rosto de Olga. Esta estremeceu e abriu os olhos.

Estupefata e muda, olhava para ele. Quem seria aquele homem, vestido com uma armadura enferrujada, de barba descuidada e cabelos grisalhos, cujas melenas se lhe escapavam pelo capacete? Seu rosto pálido e extenuado era iluminado por um par fumegante de olhos selvagens e maus, que a fitavam.

Neste meio tempo, apesar da mudança horrível na aparência de Henry, Olga o reconheceu.

- Henry? Estás vivo! - gritou ela com horror.

- Ah! Reconheceste-me, minha maravilhosa e fiel esposa? Não esqueceste meu nome nos braços de teu amante? disse Barenkhaupt, soltando uma gargalhada feroz.

- Perdoa-me, Henry! Pensava que estavas morto e retornei à casa paterna, murmurou Olga com a voz desanimada, sobressaltada sob o olhar duro, repleto de ódio do marido.

- Pensavas que morri? E nem perdeste, claro, tempo para ter certeza disto, imprestável! Rompendo com todas as leis de Deus e dos homens, ousaste, com marido vivo, casar-te com outro, abjurando teu dever e tua fé, respondeu com desprezo Henry. - Mas chegou a hora da vingança, continuou ele. - Agora, pagar-me-ás por todo o ciúme e sofrimentos infernais, pelos quais passei! Agora, este é teu teto conjugal, pois esta cova fétida, durante longos anos, serviu-me como moradia. Com minhas próprias mãos, cavei um caminho até ti e, de agora em diante, morarás no fundo deste abismo, enquanto não sucumbires, enquanto não murchar tua beleza, que deleitava teu amante, enquanto não embranquecerem teus cabe-

los, como embranquecerem os meus, enquanto tua pele acetinada não se cobrir de rugas e as lágrimas ofuscarem os olhos infiéis que roubaram minha alma!

Enlouquecida de terror, Olga se lançou de joelhos, estendendo-lhe a mão.

- Clemência! - suplicou.

- Clemência? - Ainda tens coragem de pedir clemência!? Por piedade, poderia matar-te, porque a morte seria uma libertação, mas não te concederei esta graça. Penarás aqui, a alguns passos de teu amante, que jamais suspeitará em que lugar te encontras! Vigia, como um cão acorrentado, este lugar terrível, onde muito sofri devido ao frio, às trevas e às privações do corpo e da alma!

Agarrando a corrente presa à parede, Henry envolveu a cintura de Olga e, com golpes de martelo, prendeu firmemente os anéis. Depois de colocar sobre uma pedra grande um pedaço de pão e uma caneca com água, depositou óleo na lâmpada.

- Reza ao Cristo para que te livre de teu pecado, - disse com desprezo, dirigindo-se a Olga emudecida de pavor. Para que não te sintas sozinha, eis companheiros para ti. Lá, à esquerda, um monte de ossos, e aqui - ele pegou um crânio e o colocou no nicho sob o crucifixo - "para lembrar os costumes" dissertará para ti sobre o perecimento da felicidade humana.

Afastando-se de Olga, Henry puxou a corda do sino. De longe, ouvia-se o tilintar tristonho, que tirou Olga de seu torpor.

Horrorizada com a idéia de ficar só naquele terrível subterrâneo, repleto de esqueletos, ela se pôs a soluçar.

- Piedade, Henry! - exclamou. - Não me deixes! - A vida aqui é pior do que qualquer tortura. Tenho pavor de estar entre estes esqueletos!

Encostando-se na parede e cruzando os braços, Barenkhaupt, com satisfação selvagem, ouvia as súplicas dela! O amor, sob a influência do ciúme e ódio, fê-lo severo e inflexível.

- A piedade que tenho por ti é a mesma que tiveste por mim. Abandonar-te-ei, como me abandonaste. Se a solidão te assusta, então, trarei para ti o cadáver de teu amante; tem paciência, é só questão de alguns dias. Vou buscar teu adorador e nada mais vos separará, nem mesmo os vermes que irão devorar teu corpo, com os quais tu poderás disputá-lo o quanto quiseres.

Um forte rangido de corrente interrompeu suas palavras. Passaram-se alguns minutos e surgiu a plataforma que parou no fundo do abismo. O cavaleiro, acompanhado por Khristofor, subiu nela.

- Até breve, Rosalinda! Medita bem e não temas morrer de fome. Khristofor diariamente te trará alimento.

Mas Olga não ouviu. Um desmaio profundo e benéfico afrouxou em seu pensamento todo o horror do destino que a aguardava.

O aviso do sino do "sepulcro" desta vez soou mais forte.

Embora já fosse noite: os cavaleiros acordaram e, aos poucos, reuniram-se no abismo. A plataforma de madeira foi baixada com rapidez e todos os presentes, aflitos e impacientes, aguardavam sua subida de volta.

Quem ela trará consigo? Novamente um cadáver, que não revela os segredos dos mártires que padecem voluntariamente sob a terra?

Mas, não! A luz avermelhada dos archotes iluminou duas figuras masculinas, paradas na plataforma.

Barenkhaupt se aproximou dos cavaleiros e estendeu-lhes a mão.

- Salve, irmãos! - disse-lhes com sua voz profunda.

Todos, com interesse e surpresa, olharam na terrível transformação, que ocorreu em sua aparência. O homem forte, jovem e bonito com olhar ardente e cabelos negros como as asas de um corvo, converteu-se em um velho grisalho com rugas e rosto cor de terra.

Henry percebeu a impressão acarretada nos presentes e um sorriso satisfeito, embora amargo, surgiu em seu rosto.

- Irmãos! Gostaria de ir ao templo, do qual há muito tempo, fui privado, e lá rezar a Deus e agradecer-lhe o amparo recebido durante minha pesada provação, disse após as primeiras saudações.

No corredor, veio correndo a seu encontro o capelão, que o levou ao sacerdote para abençoá-lo. Henry caiu de joelhos perante o altar e, orando fervorosamente, agradeceu ao Altíssimo por seu amparo e ajuda na realização completa da vingança. Duro e vingativo, não se deu conta de que tal oração poderia não ser agradável a Deus. Mas seu objetivo foi alcançado: a mulher que nunca cessou de amar, estava agora em seu poder, e, além do mais, fora aberto o caminho, pelo qual poderia agarrar o seu rival e severamente vingar-se dele e de seus conterrâneos por todos os sofrimentos passados. A todos estes sucessos brilhantes, acrescentou a ajuda de Deus, esquecendo o ditado: "A mim a vingança, e darei os fundamentos..."

Depois de cumprido o dever religioso, Henry passou pelos cavaleiros que o acompanhavam e foi a seu quarto, que se conservara inviolável. Pelo caminho, Henry soube que o grão mestre da Ordem, ocasionalmente, encontrava-se de novo em Narva, por isto, pediu para ficar só, a fim de descansar e colocar os pensamentos em ordem. Mandou servir Khristofor e ele mesmo jantou por tudo o que não tinha jantado durante os dez últimos anos; depois foi dormir, ordenando um tempo pré-determinado para despertá-lo.

Ele se levantou recomposto e contente, lavou-se, barbeou-se, cortou os cabelos e vestiu uma roupa nova.

Transformando-se de tal forma, Henry novamente adquiriu a aparência de um nobre cavaleiro; um sentimento solene encheu sua alma e, inclusive, suavizou, em parte, os traços das privações, do trabalho e da vida insuportável no subterrâneo.

O grão-mestre recebeu amavelmente o cavaleiro, e felicitando-o pelo término da dura empreitada, pelo que Henry agradeceu, confessando a verdadeira razão de sua permanência no "sepulcro", comunicando sobre o término bem sucedido da passagem subterrânea que ligava Narva a Ivan-gorod, submetendo ao poder da Ordem a fortaleza inimiga. Solicitou também ao grão-mestre permissão para Khristofor melhorar o acesso ao subterrâneo, para que fosse possível ir para lá direto do castelo e, inclusive, pediu para que o velho pudesse viver junto à entrada e deixar sob sua custódia o trabalho, ao qual dedicou dez anos de sua vida.

O grão-mestre ficou surpreso e admirado com a narração. Atendeu aos pedidos de Henry e, imediatamente, convocou os cavaleiros, bispo e burgomestre de Narva para uma reunião secreta, cuja pauta era o trabalho colossal, realizado com sucesso pelo cavaleiro Barenkhaupt e seu valente companheiro.

Depois, com brados solenes dos presentes, o grão-mestre comunicou que elevava o digno Khristofor a cavaleiro e que, nesta mesma noite, festejar-se-ia com um banquete, o retorno à ordem dos fiéis e respeitosos irmãos.

À noite, na grande sala do castelo, junto a uma mesa fartamente servida, reuniu-se a corporação alegre e animada. Henry ocupou o lugar de honra ao lado do grão-mestre. No pescoço, usava uma corrente grossa, presenteada pelo burgomestre. No outro final da mesa, entre os cavaleiros, irradiando felicidade, sentava solenemente Khristofor.

Durante a sobremesa, tomando um vinho de boa safra, Barenkhaupt, a pedido geral, descreveu detalhadamente sua vida e trabalho no "sepulcro". Contando isto, provocou uma verdadeira tempestade de admiração, e que, em parte, recompensou ambos os heróis por seu sofrimento e esforço.

Sobre um detalhe, Barenkhaupt falou: Precisamente sobre aquele de que Olga se encontrava no "sepulcro". Naquele instante, ninguém poderia atrapalhar sua vingança. Uma vez que o conselho havia decidido, por enquanto, não empreender nada contra Ivangorod e sim aguardar um acontecimento propício para vingar-se da petulância russa, Henry sentiu-se perfeitamente tranqüilo de que ninguém veria a jovem mulher e ninguém se emocionaria por suas súplicas e desespero.

Retornando do banquete, Henry deitou-se, mas a agitação provocadas por todas as inquietudes, não o deixou dormir e seus pensamentos de novo se voltaram para a ex-esposa. Quantas lembranças dos tempos felizes ressurgiram em sua memória e ele, com dura satisfação, desenhou para si o quadro do atual sofrimento dela. Mas a imaginação vingativa do cavaleiro, apesar de bastante engenhosa, estava longe do verdadeiro horror e desespero que Olga experimentara ao voltar a si.

Quando ela viu que se encontrava no fundo de um abismo fétido cercada por ossos humanos, um terror alucinante apoderou-se dela. Soltando gritos dilacerantes, debatia-se desesperadamente, procurando libertar-se

das correntes que a prendiam na parede, mas todo seu esforço foi em vão. Suas forças fracas logo se esgotaram e ela caiu sobre a terra úmida. Seu olhar assustado vagou pelos restos humanos que jaziam a sua volta, iluminados pela luz fraca e lúgubre das lâmpadas. Os crânios sem cabelos, com olhos vazios, como máscaras, olhavam para ela e uma mão com longos dedos descarnados, sobressaindo do monte de ossos, parecia arrastar-se em sua direção.

Com um suspiro rouco, Olga fechou os olhos e seu pensamento, com uma saudade desesperada, voltou-se ao marido e filhos. O que pensaria, o que sentiria Ivan Andreievitch, quando hoje ou amanhã, voltando de Moscou, soubesse que ela misteriosamente, sem deixar sinal, desaparecera no meio da noite. Nunca lhe chegaria à cabeça, que graças a uma esperteza incompreensível, simplesmente diabólica, aparecera o demônio, que julgavam morto e trouxera-a para cá para sucumbir de morte horripilante, a dois passos do homem amado.

De repente, Olga lembrou-se da promessa de Barenkhaupt de trazer-lhe o cadáver do marido. Se ele puder penetrar no castelo, como penetrou em seus aposentos, então o esposo estaria realmente ameaçado de morte. O que seria das crianças, infelizes órfãos? Como agiria com elas este homem vingativo, sem coração, que, sem dúvida, odeia-as tão cruelmente como a seus pais?

Olga cruzou as mãos e, levantando os olhos para o crucifixo, começou a rezar e uma oração fervorosa saiu de sua alma agoniada. Ela pediu ao Pai do Céu, não por ela, mas pelos seres amados, a quem confiava para que defendesse com Sua misericórdia.

Este arrebatamento apaixonado para o céu exauriu a força de Olga. Os membros dela se congelaram, em contato com a terra fria; a blusa fina de linho, sua única veste, há muito já se molhara com a umidade. Sacudida pelo tremor, caiu em devaneio e, depois, efetivamente, perdeu os sentidos.

Na casa do voievoda, reinava a confusão. Pela manhã, a fiel Irina, como de costume, foi aos aposentos de sua boiarda para despertá-la e ajudá-la a vestir-se e pode-se imaginar seu espanto, quando viu que o leito estava vazio. Primeiro, Irina correu para o quarto das crianças, pensando que Olga despertara sozinha, mas lá também ninguém a vira. Ao abrirem as cortinas, verificou-se que uma das almofadas estava no chão, a coberta caía desordenadamente e a caneca com leite, que Olga, ao despertar, tinha por hábito beber, estava entornada. Além disto, num dos sapatos de couro vermelho, havia vestígios de manchas de areia.

Ao saberem que a mãe deles desaparecera, as crianças começaram a chorar e gritar intensamente. Somente o mais velho, Boris, com 17 anos, decidiu ser indispensável empreender rapidamente a busca. Ivan Andreievitch ainda não estava, então o menino correu ao boiardo, instalado na província de Kolytchev, e avisou-o do desaparecimento da mãe. O boiardo,

um guerreiro velho e experiente, imediatamente foi ao local dos acontecimentos: observando tudo, fez um interrogatório. Mas a busca rigorosa revelou somente que os vestígios, como os do sapato, apresentavam-se também no tapete, cama, chão e no cômodo adjacente. Verificou-se também que a toalha desaparecera.

Era evidente que arrancaram da cama, durante a noite, a jovem boiarda em camisola, pois todas as roupas, assim como as jóias na mesinha ao lado, estavam intactas. Isto demonstrava que o raptor insolente não tinha como objetivo a pilhagem; a toalha havia sido levada, certamente, para amarrá-la.

Todos se perdiam em indagações. Qual seria a intenção do raptor? Como conseguira penetrar não só na fortaleza, mas inclusive na casa do próprio voievoda?

Ninguém viu e ouviu nada. Todos os portões estavam trancados; os guardas ocupavam seus postos e nenhum deles percebeu o menor barulho suspeito.

Na manhã seguinte, após este dia funesto, Boris, terrivelmente desconcertado, sentou-se no banco à sombra das árvores e chorou amargamente. O rapaz adorava a mãe e seu desaparecimento incompreensível e misterioso o levou ao desespero.

A atenção de Boris, sem querer, foi atraída pelo rosnado queixoso de seu cão de caça, que estava sentado a sua frente e mirava-o com seus olhos inteligentes, balançando a cauda impaciente; em sua boca, segurava um dos sapatos de Olga.

- Valente! Choras também pela mãezinha, que tanto te amava, mimava e acariciava! - murmurou Boris, passando a mão carinhosamente sobre a cabeça sedosa do cachorro.

O cão deu um salto e puxou Boris pelas vestes; depois, correndo de novo, retomava com uma inquietação visível. Um pensamento repentino passou pela cabeça de Boris. Talvez o cachorro desse com o rastro dos raptos ou, pelo menos, mostrasse a direção pela qual fugiram, o que também já seria uma preciosa indicação. Ele pegou o sapato e esfregou-o no focinho do animal.

- Procure, Valente! Procura! - gritou.

O cão, com ganidos de alegria, correu à frente, parando, de tempos em tempos, para certificar-se de que Boris o seguia. Atravessou o jardim, não saindo debaixo das sombras das árvores, e, depois, sem cessar de farejar a terra, desapareceu nos arbustos, junto à muralha.

Com o coração palpitante, Boris seguia e, com espanto, viu que, pelos arbustos, havia uma vereda aberta pela qual se podia passar sem ruído, não acarretando nenhuma inconveniência.

De repente, Boris estremeceu.

Na relva, estava o lenço branco de seda com franjas, que sua mãe usava normalmente quando estava resfriada. Ainda, ontem à noite, ela o

tinha, quando despediu-se dele. Evidentemente, ele caiu, quando a carregavam por aqui. Assim, graças ao cão, deu com a pista dos raptos. Será que, com suas patas, o animal, arrastando-se poderia atravessar a muralha?

O cão parou e começou a cavar freneticamente a terra. Boris examinava com atenção a região. A grama parecia pisada e, depois de alguns minutos de buscas, o rapaz encontrou a porta levadiça, construída por Barenkhaupt, e, sem dificuldades, levantou-a, perante ele, descendo bruscamente, estendia-se um corredor escuro e estreito, pelo qual o cão correu sem a menor hesitação.

Não pensando nem por um minuto sobre o perigo, a que poderia sujeitar-se, Boris seguiu o cachorro. Agora, só tinha uma intenção: encontrar, de qualquer maneira, sua querida mãezinha.

A escuridão no corredor era tão grande que ele temia cair em algum buraco. Então, Boris retrocedeu pegando um archote.

O cão corria sempre para frente, farejando o chão. Desta forma, atravessaram a passagem subterrânea, subiram por uma abrupta elevação, e só não caíram em jazigos ou sepulturas, graças à luminosidade fraca, mas eficiente das lâmpadas fixadas na parede. O cão, com um ganido alegre, correu para a coisa branca caída no chão, que se mexia e gemia fracamente.

- Mãezinha! Minha querida! Jogaram-te nesta cova! gritou Boris, reconhecendo a voz de Olga e correndo precipitadamente para ela.

Ele abraçou a mãe, cobrindo-a de beijos; esta estreitava-se ao filho, desfazendo-se em prantos.

Tocando a corrente gelada, ele se apavorou, vendo a mãe presa à parede, tremendo de frio, deitada na terra nua com os cabelos desgrelhados e a camisola esvaída e suja.

- O que significa isto, mãezinha? - com cólera, gritou Boris.

- Foi teu pai, o cavaleiro Barenkhaupt, quem fez isto! Ele me capturou e atirou-me aqui, respondeu Olga baixinho. Ele não está morto, como pensávamos, e agora vinga-se de mim, pela minha pretensa traição, condenando-me a uma morte lenta e horrível.

- Bruxo maldito, cruel como uma fera sanguinária! Que direito tem ele sobre ti, depois de, perante meus olhos, tentar matar-te? murmurou Boris, procurando arrebatrar a corrente. - Oh! Lembro-me bem de seu rosto abominável e ensanguentado, quando ele te golpeou. É assim que o vejo agora; apesar de Andrei ter-me levado consigo, não posso lembrar-me dele sem tremor. Mas fica calma, querida, libertar-te-ei! Se não o puder fazer sozinho, trarei ajuda.

- Salva-me, minha criança! Mais rápido, mais rápido! repetia Olga, tentando ajudar o filho.

Mas o elo sólido da corrente, fixado pela mão de ferro do cavaleiro, não cedia às forças deles.

Ambos estavam de tal modo ocupados, que não ouviram ruídos de passos e nem viram, que, na abertura da parede, surgiram dois homens. Somente quando a luz avermelhada do archote iluminou o abismo, Boris virou-se rapidamente e Olga soltou um grito surdo.

Na abertura da parede, apareceram ainda mais dois, que pararam surpresos. Eram Barenkhaupt, dois cavaleiros, antigos companheiros dele, que desejavam ver a passagem subterrânea e Khristofor, que trazia pão, água, um tapete de palha e uma capa grossa, pois Barenkhaupt não queria que, de imediato, a morte carregasse para sempre sua vítima. Ele queria que ela penasse o maior tempo possível.

Descendo ao abismo, Henry contava a seus amigos sobre a traição da esposa e sua vingança.

Os cavaleiros amigos, claro, aprovaram sua atitude. A traidora, que abjurou o marido e a santa fé católica, merecia sem dúvida, cada suplício.

Vendo um homem inclinado sobre sua vítima e ouvindo a língua russa, Henry deu um salto para frente e agarrou Boris pela gola.

- Ah! Cão moscovita! Descobriste a passagem secreta! Isto te custará a cabeça, esbravejou, tirando do cinto o punhal.

- Louco! Não mates teu próprio filho! - gritou Olga.

Estupefato, Barenkhaupt abaixou a mão e ficou gelado. Seu olhar assustado vagueou pela figura do jovem alto e esbelto, iluminada pela luz do archote.

Sim, ela não mentira: aquele era realmente seu filho! As mesmas características da família Barenkhaupt, o rosto de traços enérgicos, o nariz aquilino e os cabelos negros como as asas do corvo. Somente a forma dos olhos, a cor e a expressão sonhadora faziam lembrar a mãe; porém, neste minuto, o rapaz exaltou-se e seu olhar corajoso e com ódio rapidamente se voltou para o pai.

- Então, por qual motivo hesitas em matar-me, maldito assassino? Sabes, enquanto viver, defenderei minha mãe! - gritou Boris.

O cavaleiro nada respondeu. Talvez nem mesmo tivesse ouvido as palavras de Boris. Nele assomou um caos completo de recordações, uma alegria insana e uma amargura indizível. Em sua memória, passaram as cenas dos primeiros tempos depois do casamento, o nascimento do filho, do qual tanto se orgulhou e pelo qual tantos anos chorou.

O amor filial conduziu o menino ao calabouço. Por isto, o filho agora estava com ele, que não mais ficaria sozinho na velhice e a antiga família Barenkhaupt não se extinguiria nele.

Arrebatado pela cólera e ódio, perdendo a paciência face ao silêncio de Barenkhaupt, Boris repetiu suas palavras e a ameaça de defender a mãe até a última gota de sangue. Na primeira vez, falou em russo, mas, agora, temendo não ser compreendido, repetiu a fala em um alemão horrível, pois, apesar de tudo, lembrava-se desta língua e, às vezes, falava neste idioma com Irina e sua mãe. Além disto, seu avô e também Kolyt-

chev, por brincadeira, levavam-no como tradutor nas negociações com comerciantes.e representantes alemães.

- Sim, este é teu filho, Barenkhaupt. Apenas ele tem por ti pouco respeito. O que pretendes fazer com ele? - rindo, perguntou um dos cavaleiros.

Henry endireitou-se e passou a mão pelo rosto.

- Ele freqüentou uma boa escola, onde desaprendeu a amar e respeitar o pai! - retrucou amargamente. - Indagas, irmão, o que farei com ele? Primeiramente, anunciá-lo-ei como meu prisioneiro e peço-te mandar trancá-lo na torre dos presos políticos. Ele conhece o segredo da passagem subterrânea e o que mais deseja é revelá-lo. Para seu próprio bem, ele tem que ser submetido a este incômodo. Seu destino posterior dependerá somente dele.

- Por favor, leva Otton e tranca-o na torre. Eu, antes de tudo, devo examinar a passagem subterrânea e tomar as medidas preventivas indispensáveis.

Boris voltou-se rapidamente e quis correr, mas não conseguiu dar três passos, pois foi agarrado e preso, não obstante sua desesperada reação. Ele não tinha uma arma e, num minuto, foi dominado.

Quando o rapaz foi conduzido, Henry voltou-se para Olga.

- Com qual direito, mulher desprezível e sem coração, tiraste-me o filho e transformaste-o em um inimigo? - disse com um tom cheio de indignação. - Por isto, também me pagarás!

Depois, dando as costas, desceu pela passagem subterrânea. Ela estava intacta; concluída a verificação, fechou cuidadosamente a porta elevadiça, abandonada inteiramente aberta por Boris.

V

Os cavaleiros levaram Boris à torre, trancando-o em uma cela, montada com muito maior conforto que uma prisão comum. Tinham pena do rapaz, ofuscado por uma infeliz coincidência. Era o filho único do corajoso e infeliz Barenkhaupt, que realizara para a Ordem um serviço tão importante.

Boris, porém, não reconheceu como também não notou a atitude benévola que o privilegiava. Com desespero, caiu na cadeira e derramou lágrimas amargas. Como uma visão obsessiva, perseguia-o a figura da mãe querida, terna, mimada pelo marido e por todos que a cercavam e, agora, lançada, sozinha e sem roupas, naquela cova nojenta, presa à parede como uma ladra. A plena certeza de sua impotência para libertá-la, ou mesmo, informar Ivan Andreievitch sobre o local de sua prisão, fizera com que perdesse a razão. Como um tigre enjaulado, vagava pelo quarto, batendo a cabeça na parede e sacudindo a grossa grade de ferro fundido da janela gótica de seu cárcere.

Finalmente, suas forças exauriram e, inseguro, sentou-se na cadeira, começando a refletir. Pouco a pouco, retomaram-lhe a sensatez e sangue frio. Compreendeu que gritos e lágrimas, armas comuns às mulheres e crianças, não lhe trariam nenhum proveito, e se quisesse libertar a mãe, então, agora, mais do que nunca, teria que ser necessariamente calmo, além de enérgico e esperto.

Alimentado por tais pensamentos Boris cuidadosamente examinou sua prisão.

Era um cômodo redondo bastante grande, no qual havia uma cama com colunas, decorada com cortinas violetas de lã, algumas cadeiras de carvalho com altos encostos entalhados e uma mesa. A janela dava para os lados de Ivangorod e, daquela altura, era visível parte do interior da fortaleza russa.

Seu coração se afligia por aqueles que lá viviam, entre os quais alguns que considerava como parentes. Novamente as lágrimas rolaram-lhe pelas faces, mas, virilmente, reprimiu-as indo deitar-se ao ouvir, atrás da porta, alguns passos.

Entrou o escudeiro e colocou sobre a mesa um jantar farto e uma jarra de vinho. Boris não tocou em nada. Estava muito confuso para sentir fome e do vinho, mesmo não sabendo a causa, desconfiava.

Por isto, continuou a sonhar, imaginando planos de fuga, cada um mais audacioso que o outro. Surgiu-lhe, inclusive, o pensamento de que "Valente", como fizera com ele, mostraria o caminho para Ivan Andreievitch, que logo deveria voltar de Moscou. Mas, o que teria acontecido ao cão? Isto, ele não sabia, a idéia de que o inteligente e fiel animal tivesse sido apanhado e morto encheu-lhe o coração de amarguras.

Inquietava-o, também, seu próprio destino. O que lhe estaria preparando o futuro? Seria obrigado, quem sabe, a lutar contra os russos? Mas não! Ele preferia antes se deixar se esquartejar a concordar em levantar a mão contra seus próximos, contra seus verdadeiros conterrâneos.

Ele sempre odiara esta fortaleza estranha como se pressentisse que, algum dia tornar-se-ia cativo dela e que, nesta situação, não poderia defender as pessoas queridas e parentes contra os cavaleiros livônios, que, no fundo da alma, detestavam seu avô, padrasto e todos os russos.

O relato de Irina sobre o rapto da avó, sobre a perfídia, a cobiça e crueldade dos cavaleiros da Ordem, há muito tempo lhe acarretara repugnância e desprezo por eles. E, agora, estava em poder destes facínoras, entre os quais um dizendo-se seu pai. Isto era intolerável.

O ranger da fechadura chamou a atenção de Boris. Seria seu pai que viria vê-lo? Apesar de toda sua indignação contra Barenkhaupt, este encontro o assustava e desagradava. Entrou, não o pai, mas um outro cavaleiro tipicamente teutônico, alto e magro, com um rosto impassível, severo e arrogante.

- Levanta-te Otton Barenkhaupt! Tenho que conversar contigo, disse calmamente, sentando-se à mesa, na qual o escudeiro colocara uma vela acesa.

O rapaz levantou-se e, com um olhar inimigo, fitou o cavaleiro.

- Meu nome é Boris Kolytchev!

- Tu és filho do cavaleiro Barenkhaupt e, pela lei de todos os países, somente os bastardos não têm o direito de levar o nome do pai. Por acaso, pretendes este estatuto?

- Não! - Gritou Boris, inflamando-se.

- Neste caso, dirigir-me-ei a ti, pelo único nome ao qual tens direito. Vamos ao assunto. Ordenaram-me indagar-te de que forma descobriste a passagem subterrânea, cuja existência, nem mesmo os cidadãos conhecem. Sê sincero, pois, do contrário, saberemos obrigar-te a falar a verdade. Além disto, lembra-te de que a mentira é a desonra de todo homem que se respeita.

Boris empalideceu. Orgulhoso e nobre por natureza, desprezava a mentira, não obstante compreender que, no presente momento, não poderia dizer a verdade sem prejudicar a mãe e a si e perder, talvez, a última

oportunidade de salvamento, ou seja, de que "Valente" mostrasse para alguém o segredo do caminho subterrâneo.

Tentando dar à sua história um tom de veracidade, Boris respondeu:

- O acaso ajudou-me a descobri-lo. Desde a noite que desapareceu minha mãe, toda nossa casa se encontrava em uma agitação terrível, por isto, somente hoje, minha irmã Natacha notou que seu gatinho de estimação se havia perdido. Ela pediu-me para procurá-lo, mas minha cabeça estava totalmente ocupada por outras coisas. Descobri no jardim um canto solitário, deitei-me na grama e . . . neste minuto, ele parou e . . . começou a chorar. - Derramar lágrimas pela mãe não é vergonha para um homem, com despeito, acrescentou, depois de notar um sorriso jocoso, quase perceptível no rosto do cavaleiro.

- Continua, meu filho! Tuas lágrimas já se foram e não tens que ruborizar-te por elas, disse aquele.

Depois de um minuto de silêncio, Boris continuou:

- De repente, ouvi um miado perto de mim, Lembrei-me do gatinho de Natacha e comecei a procurá-lo. Era realmente ele. Brincava com um pano branco, esforçando-se para rasgá-lo. Aproximei-me e, com espanto, vi que era a extremidade do lenço de mamãe, que parecia sair da terra. Tentando puxar o lenço, deparei com uma porta levadiça coberta por grama e, atrás dela, vi o caminho subterrâneo, de cuja existência nem eu, nem meu padrosto suspeitávamos, pois, do contrário, ele teria ordenado entulhá-la.

Corri ao galpão em busca de um archote, acendi e voltei à abertura. Por uma simples curiosidade, desci e, de repente, avistei minha mãe, que, claro, de forma alguma esperava encontrar naquela cova infecta. Jamais acreditaria que um homem poderia vingar-se tão vergonhosa e indignamente de uma mulher.

- Eis o lenço de mamãe como prova de que falei a verdade. Provavelmente, ele caiu, quando o malvado o arrastou para o subterrâneo! - terminou Boris, tirando do bolso o lenço de seda.

- Como me fazes rir, Otton Barenkhaupt, falando assim de teu pai! Ele tem o direito incontestável de castigar e mesmo matar a esposa infiel, que cometeu o crime de conviver com um inimigo e atreveu-se a desobedecer a todas as leis de Deus e dos homens, casando-se com outro, apesar de ter marido vivo. Tua mãe mereceu o castigo: há onze anos, muito sangue correu em Narva por sua culpa. Sua felicidade foi não ter conseguido informar a ninguém sobre essa descoberta, pois, do contrário, serias julgado como traidor.

- De que forma poderia ser considerado traidor, pois sou russo e meu dever, na medida de minhas forças, é ajudar meus parentes.

- Nisto, querido menino, enganas-te! O filho do cavaleiro Barenkhaupt não é nem pode ser russo. Aliás, este é um assunto para teu pai: fazer-te voltar à razão e entender que tua fidelidade aos inimigos é uma forma de traição. Por enquanto, até breve!

O cavaleiro levantou-se, acenou, baixando a cabeça e saiu do quarto.

Boris ficou só. Estava mortalmente deprimido. Ele se sentia como um rato que caíra em uma armadilha e prevendo que o esperava uma luta pesada, resolvera que preferia morrer a trair sua fé e família. Aqui entre os alemães, sentia-se estranho. Revoltava-o profundamente a acusação imputada a sua mãe. Denominavam-na amante do marido legal! A mãe acreditava na morte de Barenkhaupt, que nunca dera o menor sinal de vida e também, no final das contas, o retorno à religião antiga era o equivalente ao divórcio. E sua preferência por Ivan Andreievitch era absolutamente natural, pois era bonito, bom, justo com todas as pessoas, amava seus parentes, era condescendente com os subalternos e caridoso com os pobres, que nunca ficaram sem sua ajuda.

Comparando imparcialmente sua beleza suave e agradável com a figura rude do pai e seu olhar feroz, no fundo da alma, aprovava a escolha da mãe.

Boris já não era criança e compreendia que a mulher bonita e sedutora incutira no cavaleiro um amor forte, e que, atrás do ódio de Henry, ocultavam-se um ciúme selvagem e um amor próprio ofendido. E poderia sua mãe amar alguém que, para ela, já levantara a mão?

Seu coração se angustiava tristemente imaginando o perigo terrível que representava para Ivangorod a passagem subterrânea entre as duas fortalezas e de cuja existência seu padraço nem desconfiava.

Mas dela os cavaleiros nunca se serviriam, pois iriam ao ataque ao invés de invadir de surpresa a fortaleza russa bem em seu coração. Tudo isto era segredo.

Esgotado extremamente pelas inquietações angustiantes, Boris se deitou e rapidamente dormiu.

O dia seguinte arrastou-se e pareceu a Boris terrivelmente demorado. Ele o passou junto à janela, observando Ivangorod, onde tudo parecia estar calmo.

Começou a anoitecer, o escudeiro que o servia entrou calado, acendendo a vela.

Boris sobriamente sentou-se à mesa, passou a mão pela cabeça e pensou na situação funesta da mãe infeliz naquele calabouço abominável.

De repente, atrás da porta, ouviram-se passos e a voz de alguém falando, mas Boris não entendia as palavras. A porta abriu-se e, na soleira, surgiu a figura alta do cavaleiro Barenkhaupt.

O dia transcorreu muito pesado também para Henry. Ele se sentia enfermo da alma e do corpo. Nele apareceram, com nova intensidade, as dores sentidas nos dois últimos anos de sua permanência sob a terra. Mas Henry não era daquelas pessoas que facilmente se deixavam abater por sofrimentos físicos. Torturava-o a idéia de que seu filho único se tornara um estranho, ou, até mesmo, um inimigo.

O cavaleiro que interrogara Boris transmitiu a Henry que o rapaz dissera que era russo e queria permanecer assim.

- Apesar de seu caráter feroz, orgulhoso e severo, Henry sentia o vazio profundo de sua vida, preenchida somente por uma vingança que lhe sacrificara os melhores anos de existência, juventude, força e saúde.

A única lembrança terna e luminosa era a recordação do garoto pequeno, rechonchudo que carregara nos braços e que, ao balançar-lhe o berço, surpreendera seu primeiro sorriso.

Este futuro representante de sua antiga família Henry amava com toda a intensidade de que era capaz. Este filho, que ele supunha morto, agora o reencontrara por milagre, mas este mesmo filho o rejeitava e, talvez o odiasse.

- Filhinho, a culpa não é tua, claro, - refletiu. - Seria ele culpado se lhe sujaram o nome e a lembrança do pai, matando-lhe o amor filial? Não, não é ele o culpado; mas, culpados, sim, são aqueles estrangeiros que alteraram sua carne e sangue para torná-lo inimigo; culpada é também aquela que não só renunciara ao marido, como também ensinara o filho a odiar o pai. Oh! Como ele os odiara! Qual vingança planejar para castigá-los?

A consciência lhe era pesada, mas finalmente, resolvera ir ao encontro do filho para tentar devolver-lhe a razão e retorná-lo ao dever filial.

Com a entrada do pai, Boris levantou-se, medindo-o com um olhar sombrio e inimigo. O que queria dele este homem, que ele não considerava pai, cuja presença fazia silenciar seu coração? Talvez o carrasco cruel e assassino de uma mulher indefesa imagine obrigá-lo a renunciar àqueles que ele ama como se fossem seu próprio sangue, sua própria família? Que experimente!

E Barenkhaupt olhou para Boris também sombriamente e seu coração se angustiava no peito. Sim, este era verdadeiramente seu filho! Pela postura, com as sobrelanceiras carregadas, o olhar colérico e hostil, a expressão orgulhosa e teimosa no rosto: o rapaz era seu retrato vivo. Ele era assim, quando jovem. E este filho, depois de onze anos de separação, não dera um passo em sua direção, não lhe estendera a mão e não o chamara de pai, este nome terno, que tão agradavelmente soaria nos ouvidos do cavaleiro e talvez abrandasse seu coração.

Reinava um silêncio penoso. O cavaleiro respirava pesadamente. Era como se o ar não lhe bastasse e as pernas estivessem presas ao solo. Barenkhaupt, com dificuldade, lentamente, deu alguns passos para frente e caiu na cadeira.

- Será que tu, Otton, tornas-te tão estranho a ponto de não encontrares palavras para teu pai e teres o coração surdo a meu apelo? - disse Henry com a voz apagada. Ou, talvez, não me reconheça? Eras ainda pequeno quando te tiraram de mim, na época em que me despojaram de tu-

do. Teria morrido de nostalgia se não me tivesse sustentado a idéia de vingança.

- Agora, não és mais criança, Otton, podes imaginar o que senti, quando dos escombros de minha casa arrastaram um cadáver destroçado de uma criança, que todos reconheceram como o teu, podes imaginar o que sofri, derramando lágrimas sobre os restos mutilados daquele menino alegre, com cabelos encaracolados, faces rosadas, que apenas há alguns dias atrás, havia beijado.

- Então, renunciei ao mundo e vesti o hábito monacal. Não se passara muito tempo e chegara-me a notícia de que a traidora estava viva e, pela segunda vez, casara-se.

- Tu és quase um homem e compreenderás meu sentimento, quando soube que quase perante meus olhos, além das muralhas de Ivangorod, minha esposa encontrara a felicidade nos braços de um outro. Tivesse ela te deixado comigo, talvez eu a esquecesse e perdoasse. O filho substituiria a esposa, mas, de mim, tiraram tudo... Eu te considerava morto e a felicidade insolente que escarnecia sobre minha amargura, não pude suportar e resolvi encontrar um caminho que me lavasse a meus inimigos.

- A passagem subterrânea, através da qual o Senhor te conduziu a mim, abri com minhas próprias mãos e com a ajuda de dois servos fiéis.

- Por minha própria vontade, desci com eles ao abismo, denominado "sepulcro", e lá vivi dez anos, sem luz e ar puro, trabalhando como um condenado.

- Os cabelos grisalhos, as rugas precoces e o rosto depauperado, tudo isto é consequência desta vida horrível. Por isto, durante estes anos, meu coração se endureceu. Não tenho piedade e nem perdão para a mulher que me levou a este sofrimento. Não existe castigo suficiente para isto e se a traidora separada de seu amante, apodrecer no mesmo lugar onde entrei jovem, padeci dez anos e de lá saí velho, então será apenas justiça.

Na voz de Barenkhaupt, soava tal ódio implacável e seu olhar era tão pavoroso, que Boris, sem querer, retrocedeu. Aos poucos, a frieza inimiga em seu coração jovem e bondoso se transformava em piedade e interesse profundo pelo pai.

Nas palavras daquele homem, havia muito de verdade, e, além disto, de uma forma ou de outra, era seu pai. Ele, não considerando quão cruel e desumana era sua vingança, atravessara uma penosa provação; a aparência esgotada e doentia e as costas encurvadas mostravam quão caro lhe custara aquele lugar. Que inferno suportara para que pudesse conservar as forças para levar até o fim seu plano absurdo.

Sob a influência destes novos sentimentos, Boris, perturbado, aproximou-se rapidamente do pai e estendeu-lhe as mãos suplicantes.

- Pai! - disse com voz comovida. Não faças de mim um juiz entre ti e minha mãe, que respeito e adoro. Não amaldiçoes uma pessoa bondosa e generosa, que sempre me cercou de amor e meigas atenções. É verdade,

que esqueci que és meu pai pelo sangue e, por isto, sinto muito, e também por não ter ficado contigo; abrandaria teu coração e seria a alegria de tua solidão. Mas tudo isto não te dá o direito de ser o verdugo da mulher que amavas e que não te traiu, pois casou com outro somente porque te supunha morto.

Henry rebentou-se num riso irônico.

- Penso que a própria idéia sobre a minha morte era-lhe agradável. Os mortos não são perigosos! Ainda tolero que tua mãe não chorasse por mim, mas que não conservasse em tua memória nenhuma lembrança sobre o pai, que amava ternamente e não te obrigava a rezar por ele e nem ensinou a venerar sua memória. Para isto, não há nome.

- Dizes que sou o verdugo de tua mãe, sim, e quero ser seu carrasco, como ela o foi para mim em toda minha vida. Ela é uma serpente, que aqueci em meu peito e idolatrei, como o gênio bom de meu lar e pagou meu amor com indiferença, traição e ódio.

- Basta de falar sobre ela. Oxalá, encontre o castigo merecido. Tu também, meu filho, volta a teu dever, ocupa novamente teu próprio lugar e esquece o sonho doentio dos anos passados, que estiveste no meio de pessoas estranhas. Em meus braços, sob o manto de nossa santa igreja, tu renascerás para uma nova vida.

Boris empalideceu e voltou para trás.

- Pai! Tu exiges de mim o impossível. Em situação alguma, esquecerei e olharei como se fossem estranhas as pessoas que me são caras e próximas, entre as quais cresci e amo com toda minha alma. Aqui, sinto-me estranho, pois, pelo coração e fé, sou russo e russo permanecerei! Tu podes manter-me aqui como prisioneiro, dirigir-te a mim como traidor, condenar-me à morte, mas não podes impor que abjure a santa Rússia e a fé ortodoxa.

Henry suspirou e sua cabeça pendeu pesadamente sobre o peito. Depois, dando um salto, horrorizou-se.

- Senhor! - gritou. - Por que me permitiste viver até esta hora horrível, quando meu filho único me renuncia! Oh, mulher amaldiçoada! Haveria no mundo um castigo suficientemente severo para me vingar de ti por todo o sofrimento que passo por tua culpa!

Novamente entre pai e filho reinou o silêncio, interrompido somente pela respiração regular deles. Finalmente, Henry endireitou-se. Agora, tinha uma aparência altiva e impassível e só seus olhos, profundamente caídos, transmitiam uma crueldade implacável.

- Tu não queres meu amor? Então, ouve minha resolução, filho perdido, traidor do sangue que corre em tuas veias, traidor de teu Deus e tua pátria!

- Pois bem! Não posso obrigar-te a amar o que odeias, não posso ensinar-te a levar com dignidade o nome de teus ancestrais, porém não admitirei que o arrastes à lama, servindo nossos inimigos.

- Esta torre será tua prisão e teu túmulo. Daqui, não sairás até morreres.

- Admirava Ivangorod, que amas tanto, permanece fiel aos moscovitas e espera que eles venham libertar-te. Talvez, antes traga para ti a cabeça de teu benfeitor, amante de tua digna mãe, para que de bom grado possas admirar os traços do rosto de teu segundo pai, que preferiste a mim.

Não olhando para Boris, abatido por aquelas palavras e imóvel, apoiando-se no espaldar da poltrona, Barenkhaupt saiu do quarto batendo a porta atrás de si.

Boris, sem forças, caiu na cadeira e abaixou a cabeça. Desesperava-lhe a idéia de passar toda a vida naquela prisão. Não se sujeitava à menor dúvida de que o pai nunca perdoaria ao filho, que o renegara e declarara-se russo e ortodoxo. Toda a noite, Boris vagou pelo calabouço, ora fervendo de ódio, ora caindo numa grande apatia.

Três dias se passaram.

Boris enlouquecia de saudade.

A figura da mãe o seguia e se a esperança, inseparável companheira da juventude, não o amparasse, ele, sem dúvida, teria atentado contra a própria vida.

Todavia por sua cabeça não passava ceder e submeter-se à vontade do pai; neste ponto, era demasiadamente Barenkhaupt.

Na quarta noite após o encontro com o pai, Boris estava deitado, imóvel na cama e não dormia. O velho relógio do castelo há muito já tinha batido meia-noite; de repente, no silêncio da noite, chegou-lhe o som de um sino de uma igreja distante. Provavelmente, vinha de Ivangorod.

Ele saltou num relance, correu para a janela e, não considerando sua situação de prisioneiro, chutou toda a vidraça.

Ele não se enganara; o tinido lastimoso do sino vinha de Ivangorod, de onde se ouviam gritos e, aparentemente, reinava uma grande confusão. De repente, um grande clarão de fogo com uma luz sinistra iluminou as pessoas que corriam desordenadamente.

Boris imaginou que os cavaleiros, utilizando a passagem subterrânea, penetraram na fortaleza e espancaram a todos que apanharam de surpresa.

Um sentimento desesperado apertou seu coração. Entre as vítimas, sem dúvida, cairiam primeiro Kolytchev e seus filhos, a quem seu cruel pai mataria por vingança. Mas ele não podia avisar seus amigos, sentia-se um espectador impotente da destruição das casas conhecidas e da matança traiçoeira de todas as pessoas fiéis e simpáticas a seu pai adotivo.

Agarrando-se às barras da grade da janela, observava, com um olhar ímpio, o mar de fogo e fumaça, que se elevava em nuvens para o céu e escutava os gritos e ruídos da batalha, que nitidamente chegavam até ele.

Em sua aflição, não pensava em seu verdadeiro pai, também exposto ao perigo. Todos os seus pensamentos estavam concentrados em Ivan An-

dreievitch, em Natacha, sua querida irmã, pela qual sentia surgir um amor inconsciente e nas outras crianças. Por eles, palpitava seu coração; somente o perigo que os ameaçava o fazia tremer.

De repente, com uma alegria selvagem, percebeu o som de um clarim, a princípio, distante e depois, cada vez mais próximo. Graças a Deus! Chegava o reforço. Os regimentos russos, instalados nas fronteiras, ouviram o alarme e apressavam-se a socorrer Ivangorod.

Pouco a pouco, o barulho cessou, o fogo começou a extinguir-se e tudo novamente mergulhou em silêncio.

Depois do encontro com o filho, Barenkhaupt voltou para casa, fora de si de ódio. Parecia-lhe que somente rios de sangue inimigo poderiam apagar o sofrimento torturador de sua alma. Logo no dia seguinte, Henry propõe aos cavaleiros fazer uma incursão na fortaleza inimiga. Era preciso de imediato, usar seu trabalho gigantesco, pois quem poderia confiar em que algum acontecimento imprevisível outra vez não mostraria a qualquer um o segredo da passagem subterrânea como mostrara a seu filho Otton.

Embora a proposta de Barenkhaupt fosse recebida com unanimidade, teve que aguardar ainda por dois dias, até que retomassem a Narva os cavaleiros com um forte destacamento militar.

Para matar o tempo ou pelo menos aplacar a dor surda que dilacerava seu coração, Henry se ocupava com alguns reparos em sua casa.

Convém dizer que, antes de seu ingresso na Ordem, Henry, para substituir sua casa destruída pelo fogo, cujo lugar se lhe tornara repugnante, comprara outra de um rico cidadão, que falecera com toda sua família.

Durante aqueles anos que Henry passara no "sepulcro", sua nova aquisição ficara abandonada. Nela apenas vivia sozinho Arend, irmão de Khristofor. Agora, Barenkhaupt, interessando-se pela casa, começou a decorá-la. Henry, inconscientemente, obedecia a uma voz interior, que lhe sussurrava a possibilidade de Otton ainda criar juízo e, desta forma, seria necessária ao jovem Barenkhaupt uma moradia decente.

Finalmente, chegou a noite para a qual estava determinado o ataque a Ivangorod. Um pequeno regimento, formado por pessoas escolhidas, desceu pela passagem subterrânea, sobre a qual corriam as águas ruidosas do Narva.

Olga, com horror mudo, via os homens armados da cabeça aos pés, que corriam ao lado de sua cama de palha e, brandindo terrivelmente as armas, desapareciam pela passagem subterrânea.

Eles lançavam-lhe olhares desdenhosos e cruéis. Nem um soldado, nem um austero cavaleiro livônio olharam para a infeliz mulher com simpatia. Mas Olga não notou isto. Sua cabeça estava ocupada com um único pensamento: o perigo que ameaçava seu marido e filhos. Eles, dormindo, seriam surpreendidos por um homem severo e impiedoso, que lhe prometera maldosamente trazer o cadáver de Ivan.

Ela, com dificuldade, ajoelhou-se e, estendendo as mãos ao crucifixo, começou a rezar fervorosamente.

Extenuada pelo fervor da reza, Olga, de novo, caiu sobre sua cama de palha esperando com medo o retorno dos guerreiros.

O tempo lhe pareceu uma verdadeira eternidade. Eis que ruídos surdos de passos se ouviram e da abertura estreita precipitadamente começaram a surgir guerreiros, que passavam pela brecha usada como acesso à cova.

Uns, visivelmente feridos, moviam-se com dificuldade, outros arrastavam despojos, jóias diversas e louças caras. Passou Barenkhaupt; ele também estava ferido. Sua armadura estava coberta de sangue e um outro cavaleiro o sustentava.

Ninguém prestou atenção em Olga e não notaram como seu rosto se iluminou de alegria a esperança. Henry não lhe trouxe o cadáver do marido; então o voievoda estava vivo.

- Talvez, pensava, ele ainda não voltara de Moscou e o acaso o livrara do terrível perigo.

Entretanto Kolytchev retornara a Ivangorod no dia seguinte após o desaparecimento de Boris. A notícia do acontecido foi para ele um golpe inesperado. Porém, quando o penoso sentimento inicial passou, o boiardo refletiu e com a opinião precisa, que lhe era inerente, discutiu a situação dos fatos.

Somente Olga e Boris foram as vítimas do rapto misterioso e isto circunstancialmente acarretava ao caso uma configuração de múltiplos significados.

Só Barenkhaupt, se estivesse vivo, poderia apresentar seus direitos sobre eles. Mas por que silenciara por tanto tempo e nunca se mostrara em lugar algum? Tudo isto era um mistério. Entretanto, somente ele poderia ter realizado este seqüestro. E, se ele está vivo, então é necessário estar preparado para qualquer eventualidade, pois aquele homem severo e cruel, que tentara matar sua esposa, apenas para não vê-la nas mãos do inimigo, não limitaria sua vingança a um simples rapto.

Chegando a esta conclusão, Ivan Andreievitch imediatamente tomou as medidas cabíveis. Antes de tudo, mandou, sob forte guarda, as crianças e Irina à casa do avô, para quem descrevera detalhadamente todo o acontecido.

Depois desta primeira medida preventiva, o boiardo fizera buscas intensivas para descobrir de que forma foram raptados de sua casa sua mulher e enteado, de tal maneira que ninguém nada vira e não ficara nem um rastro deles e nem de seu raptor. Com relação a isto, todas as buscas foram infrutíferas e o voievoda entrara em desespero.

Entretanto, o ataque não se repetira e tudo se acalmara. Pelo visto, a velhacaria sanguinária o apaziguara.

Quatro ou cinco dias se passaram após o retorno de Ivan Andreievitch. Era noite e tudo dormia na fortaleza e na casa do voievoda. Somente algumas vozes ecoavam dos guardas, de tempo em tempo, quebrando o silêncio da noite.

Somente Kolytchev, não dormia. Sombrio e preocupado, andava pelo quarto, pensando com tristeza nos entes queridos, que foram raptados traiçoeiramente de sua casa. O voievoda não pressentiu que, neste exato minuto, da passagem subterrânea saiu um regimento alemão, que penetrou cuidadosamente pelo jardim e, através de uma viela deserta, alcançou a praça. De lá, os livônios se separaram em grupos por toda a cidade, para iniciarem a matança simultânea.

Gritos, exclamações selvagens e golpes fortes do lado de fora repentinamente chamaram a atenção de Kolytchev. Ele, com surpresa, ouvia os ruídos que chegavam, queria agarrar a espada e lançar-se às ruas, quando, no quarto, irromperam Andrei e o falcoeiro Nikita.

- Livônios em Ivangorod! Eles estão matando e saqueando a cidade! - gritaram os dois.

Ivan Andreievitch vestiu rapidamente a armadura e armou-se, pois, de repente, ressoaram golpes de machado na porta externa. Pessoas semi-vestidas e voievodas correram com armas na mão para defenderem a entrada. Naquele instante, a porta da frente despedaçou-se e, na casa, irrompeu uma tropa de livônios com archotes acesos. Chefiando a tropa, com a viseira levantada, encontrava-se Barenkhaupt.

Vendo que o voievoda estava vestido e armado, Henry parou, momentaneamente surpreso, mas depois lançou-se contra ele com a espada em punho, gritando:

- Finalmente, encontramos-nos face a face, raptor de minha honra e felicidade! Tu, por muito tempo, escapaste de minha vingança.

- Tu é que és um salteador, como toda tua digna parentela, retrucou Kolytchev, dando no cavaleiro um golpe furioso no peito.

Começou uma batalha desesperada e enfurecida. Ambos com ira distribuíam golpes entre si. O sangue fluía nos dois. Com o ardor da batalha, saltaram para a rua e lá encarniçadamente cegos, almejavam golpear um ao outro.

Em volta deles, fervia uma batalha sangrenta. Todos os russos que conseguiram agarrar as armas, defendiam-se obstinadamente. Infelizmente, grande parte dos habitantes foi surpreendida dormindo e muita gente simples tombou. Os gritos e gemidos dos feridos e moribundos, o estalido do fogo, o sinal de alarma, tudo isto ainda mais exacerbava o horroroso quadro noturno.

Enfraquecido pela perda de sangue e ensurdecido pelos golpes na cabeça, Barenkhaupt começou a cambalear e seu adversário, claro, utilizaria este momento para matá-lo, se ele mesmo também não se sentisse estonteado. Depois de passados alguns minutos, os servos do voievoda conse-

guiram levar seu amo para casa e os cavaleiros livônios carregaram Barenkhaupt.

Uma hora se passou, o clarim deu o sinal, todos os livônios fugiram para o lugar combinado e desapareceram como que tragados pela terra. Ninguém pôde compreender onde se metera o inimigo.

Quanto os regimentos russos, locados nas cercanias, chegaram, não mais havia nenhum salteador. E, se os cadáveres, feridos, a casa incendiada e saqueada não testemunhasse expressivamente a incursão dos livônios, então, poder-se-ia dizer que tudo não passara de um sonho.

VI

O dia seguinte, após o ataque a Ivangorod, Boris passou inquieto e febril. O desconhecimento do ocorrido o levou ao desespero e arrancar alguma coisa do escudeiro taciturno, que o servia, era impossível, pois parecia não ouvir e não respondia a nenhuma pergunta dirigida a ele. Mais do que tudo, afligia-o a situação da mãe. Com a chegada das trevas e o silêncio da noite, a excitação do rapaz atingia seu apogeu.

Com horror, pintava para si o quadro do sofrimento dela. Imaginou que ela não suportaria por muito tempo tal existência. Cada dia que ela passasse naquela cova úmida e fétida, custar-lhe-la um ano de vida. E ele era impotente para fazer qualquer coisa que a libertasse! O ferro resistente da grade do calabouço o fez compreender que não adiantava sacudi-la mais rápido, pois as paredes de pedra daquela torre não se abalariam atingindo o coração de quem o destino deles dependia.

Da terra, não havia nenhuma possibilidade de vir algum socorro; restava somente apelar aos céus e suas forças invisíveis, mas todo-poderosas.

Boris ajoelhou-se, tapando com as mãos o rosto molhado de lágrimas. De repente, apareceu-lhe a igreja de Ivangorod, onde, todas as manhãs, rezava com a mãe ou Irina perante a imagem milagrosa da Santa Virgem. Neste momento, o semblante maravilhoso e suave da Mãe de Deus desenhou-se com uma clareza incomum. Uma nuvem clara, como uma auréola, circundou a imagem e os olhos grandes, claros e profundos olhavam para o jovem com uma expressão de infinita misericórdia.

- Mãe de todos os aflitos e protetora divina de todos os sofredores! Ensina e mostra-me o caminho da salvação! Salva a vítima inocente, que pena no "sepulcro", cuja alma, neste minuto, com angústia, clama por ti! murmurou Boris, enquanto de seus olhos rolavam lágrimas fervorosas. Tu és a única, a todo-poderosa Mãe de Deus, nossa esperança, refúgio e defesa! Não nos negues tua clemência!

À medida que orava, a esperança e a calma cresciam em sua alma e um sentimento de felicidade apoderou-se dele. As paredes da torre como que desapareceram e, sobre sua cabeça, surgiu uma cúpula de igreja decorada com estrelas. A luz suave das lâmpadas acesas diante dos ícones,

fazia-os cintilar; um aroma leve de incenso espalhava-se pelo ar. Tudo inspirava a calma celestial sempre reinante em um templo sagrado e a influência benéfica, que cada um sente ao entrar nele.

De repente, uma porta majestosa abriu-se silenciosamente e nela surgiu um monge alto com uma longa barba branca. Nas mãos, trazia um cálice. Aproximando-se de Boris, o monge deu-lhe de beber algo estranho e amargo, dizendo:

- A fé sem sacrifício é morta! Quanto mais pesado for o martírio, que pelo amor filial padeces, maior será a recompensa que sentirás em teu coração!

A visão esmaeceu-se e desapareceu. Boris, de novo, viu-se no calabouço, mas sua alma foi inundada por uma luz suave. Agora, diante dele, estendeu-se claramente o caminho pelo qual deveria seguir. Este caminho era difícil e espinhoso, mas podia levá-lo à salvação.

- Santa Mãe de Deus! Cumprirei o que me inspiraste. Recebe meu sacrifício e salva minha mãe! - exclamou ele, com devoção.

Agora, seus olhos brilhavam decididamente e, em seu belo rosto, havia a marca do entusiasmo. A paz, que ainda não experimentara desde o tempo de sua prisão, inundou sua alma. Ele deitou-se e dormiu imediata e calmamente.

Na manhã seguinte, quando o escudeiro chegou, Boris solicitou-lhe um pedaço de pergaminho e uma pena, e aquele, sem dizer uma palavra, atendeu-lhe o pedido. Com grande dificuldade, misturando letras alemãs com russas, Boris escreveu o seguinte:

"Pensei em tudo, pai, e quero conversar contigo. Venha ver-me".

Boris entregou o bilhete ao escudeiro e ordenou-lhe entregá-lo ao cavaleiro Barenkhaupt.

O dia transcorreu numa espera febril, mas ninguém apareceu. Somente à noite, ao acender as velas, o escudeiro disse:

- O cavaleiro Barenkhaupt está ferido e não pode ainda levantar-se da cama.

Passaram-se alguns dias, mas o pai não vinha. Boris vivia em uma expectativa constante e febril; de manhã à noite, ficava junto à porta na esperança de ouvir o ressoar dos passos de Barenkhaupt.

Atormentava-lhe o medo de que o pai morresse antes de libertar a mãe. No final das contas, esta constante tensão nervosa tornou-se nociva e refletiu-se na saúde do rapaz.

Finalmente, uma noite, pelo corredor, ouviram-se passos pesados, a porta abriu-se e, no quarto, entrou Barenkhaupt. O cavaleiro estava pálido e seu aspecto parecia ainda mais abalado do que na primeira vez. Visivelmente fraco e cansado, foi até a poltrona, com esforço, sentou-se e, com um olhar sombrio e curioso, mirou o rosto abalado do filho, que, em pé diante dele, estava pálido como a morte.

Após alguns minutos de silêncio mortal, o cavaleiro perguntou:

- O que queres de mim? Vim por teu chamado. Mas cautela, Otton, não escarneças de mim: não mais terei qualquer indulgência para o traidor, inimigo de meu povo, filho ímpio, que me renegou.

Boris deu um passo em direção ao pai.

- Deus sabe que nunca tive a intenção insolente de escarnecer-te! Eu, não gratuitamente, chamei-te para dizer o que concluí de tuas próprias palavras.

Durante nossa última conversa tu me disseste: "Se tua mãe o tivesse deixado comigo, eu lhe perdoaria e esqueceria. O bebê substituiria a esposa e meu coração agoniado prender-se-ia a ti".

Henry estremeceu e, sombriamente, olhou perplexo para o rosto pálido, mas decidido do filho.

- Sim, eu disse isto. Mas ela não te deixou comigo. Explica, por que me fazes lembrar minhas palavras?

- Porque, eu mesmo quero entregar-me a ti e aqui ficar, não como prisioneiro, mas como filho obediente, que te cercará de amor, ternura e cuidados, que te farão esquecer todo o sofrimento passado; filho que será um portador honrado de teu nome. Em troca, pedirei somente uma coisa: liberta minha mãe e permite-lhe voltar ao marido e filhos. Substitui a esposa pelo filho, como tu o farias antes, se eu ficar contigo!

Barenkhaupt não tirou os olhos do rosto animado e enrubescido de Boris, cuja voz suplicante e convincente tocou seu coração.

- Otton! - disse alegremente Henry, levantando-se com rapidez da poltrona. Será que ouvi bem? Queres sacrificar-te para salvar tua mãe? Mas, menino insensato, esqueces que se eu a libertar, ela revelará aos russos o segredo da passagem subterrânea. Então, ou nossos "inimigos viriam para cá, ou seríamos obrigados a obstruir o caminho, em cuja construção sacrifiquei dez anos de vida.

- Minha mãe nunca revelará este segredo, enquanto eu estiver aqui como refém! - com vivacidade, retrucou o rapaz. Tem certeza, pai, de que o amor por mim cerrará os seus lábios e nem mesmo Kolytchev saberá algo a respeito disto.

Henry pesadamente sentou-se na poltrona e tapou os olhos com as mãos. Aparentemente, uma luta árdua se travou em sua alma severa e vingativa.

Boris caiu de joelhos, abraçou o pai e, com a voz estremeçada de aflição e lágrimas, murmurou:

-Faze uma concessão, pai! Sê bondoso e magnânimo! Lembra as palavras de Cristo, que propõe o perdão às ofensas! Estas palavras se referem a todos os cristãos, tanto a católicos quanto a ortodoxos. O que significa para ti uma mulher que nunca te amou, cujo coração pertence completamente a outro?

O que trará para ti sua morte?

Tu, também já a castigaste severamente. Em breve, já serão duas semanas que ela se martiriza naquele abismo horrível. Perdoa, enquanto é cedo, para que nenhum remorso envenene tua vida.

Recebe-me em troca dela. Será que, para ti, é mais agradável que eu morra lentamente nesta torre, ao invés de me ver, o amparo de tua velhice, teu herdeiro em armadura de cavaleiro, com orgulho carregando teu antigo nome?

- Tu prometes demasiadamente! Tu não me amas e teu sacrifício em breve tornar-se-á muito pesado, respondeu Barenkhaupt com ardor.

- Não, nunca me lamentarei ou me infelicitarei por ter cumprido meu dever filial duplamente: salvar a mãe e curar a ferida do coração do pai. Quero ser bom filho. Tu mesmo verás como te amarei e como, por toda minha vida, ser-te-ei grato pelo grande sacrifício que realizarás por amor a mim.

Cede, querido pai, esquece e perdoa! Não negues ao filho seu primeiro pedido!

Barenkhaupt, meditando, baixou a cabeça sobre o peito.

A voz carinhosa, o olhar caloroso e suplicante do filho comoveram-no e a crosta de gelo, que cobria sua alma, furtivamente se derreteu.

Lágrimas ardentes, desconhecidas a seus olhos, sufocavam-no, impetuosamente; abraçou o filho, estreitando-o contra o peito.

Neste primeiro carinho brusco e rude como toda sua existência, extravasou-se de imediato o fel, o sofrimento e o ódio, acumulados pelos anos no coração irritado de Henry.

O abraço apaixonado, a respiração ofegante do pai e o tremor dos lábios roçando a fronte do filho, pela primeira vez, mostraram a Boris o quanto foi infeliz este severo vingador.

Boris, influenciado e animado por uma simpatia intensa e verdadeira pelo pai, enlaçou-se a seu pescoço, apertando a cabeça de cabelos anelados contra o ombro. Neste instante, pai e filho permaneceram silenciosamente abraçados. Depois, Barenkhaupt beijou-o mais uma vez na testa, levantando-se.

- O amor filial grande e puro a ti incutido por aquela mulher indigna, que furtou minha vida, ganhou a questão, disse ele. Por tua felicidade, concordo em libertar a traidora. Que ela volte para aquele que ama. E tu tornar-te-ás meu consolo.

Inflamando-se de alegria, Otton agarrou a mão do pai e a estreitou contra seus lábios.

- Obrigado, obrigado, pai, por tua generosidade! Só agora compreendo o quanto me amas. Deste minuto em diante, esforçar-me-ei em ser digno de teu amor. Quando libertarás a mãezinha?

Um sorriso irônico e triste aflorou nos lábios do cavaleiro. - Hoje mesmo. Vem comigo a meu quarto. Lá discutiremos todos os detalhes. Ainda estou fraco e sinto-me cansado.

Otton seguiu o pai. Ele estava pálido, porém calmo e decisivamente expulsava todo o pensamento relacionado ao sofrimento iminente, a separação perpétua de todos aqueles que lhe eram caros. Chegando a casa, Barenkhaupt deu ordens para servir o jantar, despejou vinho em uma taça, oferecendo-a a Otton. Disse ao filho que tencionava mandar Khristofor buscar Olga ou Rosalinda como ele a denominava, para sua casa na cidade, para que ela descansasse e trocasse de roupas. Depois, ele a levaria para a terra russa, de onde poderia facilmente alcançar Ivangorod.

- Pai, permite-me despedir-me dela? - perguntou timidamente Otton.

- Sem dúvida, minha criança! Amanhã de manhã, apresentar-te-ei aos cavaleiros da ordem e ocupar-me-ei de teu equipamento; depois, iremos a minha casa e passarás com tua mãe todo o tempo até sua partida.

É teu o direito inalienável de despedir-te daquela por quem te sacrificarás, pois, ao fundo da alma, certamente preferirias ir com ela a ficar comigo, acrescentou Barenkhaupt.

Otton enrubesceu.

- Lá cresci, pai. Lá ficaram minha irmã e irmãos amados; tu mesmo sabes que o hábito é a segunda natureza. Porém, eu te juro, pai, que minha decisão se tornou metade mais leve, desde o momento em que te conheci melhor. Quando me acostumar com minha nova vida, então, sem dúvida, serei tão feliz quanto o fui antes.

- Tenhamos esperanças, minha criança! Porém, conta-me sobre teu passado, sobre a irmã e irmãos que mencionaste. Gostaria de saber como vivias.

Otton, de bom grado, cumpriu seu desejo. Sentindo, intuitivamente, que tudo que se referisse à felicidade conjugal da mãe e Ivan Andreievitch, seria duro para o pai, falou mais sobre o avô e Natacha.

A conversa deles foi interrompida por Khristofor, que entrou. Não obstante sua nova condição de cavaleiro, o ex-escudeiro se dirigia a seu antigo senhor com o habitual respeito e obediência; não apenas pela força do costume, mas sobretudo porque a valentia, coragem e a energia incomum de Barenkhaupt incutiram no velho servidor um respeito profundo e uma fé cega no cavaleiro.

Khristofor ficou visivelmente satisfeito com a reconciliação entre pai e filho. Felicitou Otton pelo retorno ao sangue paterno e comunicou que, com satisfação, durante a madrugada, desceria ao abismo e levaria Rosalinda à casa de Barenkhaupt.

Já era muito tarde, quando se foram, porém, Otton não pôde dormir. No silêncio da noite, seu coração tremia com a idéia de sacrificar-se duramente.

Para toda vida, tornar-se-ia um prisioneiro aqui, entre pessoas consideradas estranhas ou mesmo inimigas.

Daqui para frente, ele, inclusive, seria obrigado a dividir com eles seus interesses, fé e talvez, até mesmo lutar contra aqueles que amava

com toda sua alma. Cada felicidade pessoal foi abdicada! No entanto, não queria lamentar o sacrifício e, com coragem, expulsou os graves pensamentos. Por fim, uma oração fervorosa devolveu-lhe a tranqüilidade e ele, debilitado e cansado, deitou-se e dormiu.

De manhã, Khristofor chegou e informou ao cavaleiro que sua ordem foi cumprida, Rosalinda, no presente minuto, encontrava-se em Narva, em sua casa. Depois, acrescentou que a prisão pesada tivera um efeito destruidor na saúde da jovem mulher, que de tão fraca, poderia chegar rapidamente à morte.

Khristofor teve que, por todo o caminho, carregá-la nos braços, pois as pernas se recusavam a servi-la. Mal entraram em casa, Rosalinda perdeu os sentidos. Apesar de tudo, teve sorte de voltar a si; depois que a alimentaram e deram-lhe vinho, adormeceu.

- Na verdade, não sei como a mandaremos hoje. Rosalinda não está em condições de andar e necessita extremamente de descanso. Além disso, precisa de roupas. Em sua camisola rasgada, semelhante a farrapos, não pode apresentar-se na rua, acrescentou Khristofor.

- Tudo isto são bobagens! Leva-a amanhã à noite e, hoje, esforça-te para conseguir-lhe roupas decentes, respondeu Barenkhaupt.

Ao saber que sua mãe saíra do terrível calabouço e, até a noite seguinte iria descansar da tortura e sofrimento, Otton acalmou-se e docilmente cumpriu todos os desejos do pai.

Ele deu as medidas, escolheu o tecido e discutiu com o costureiro o modelo do vestido para a mãe. Durante a apresentação aos cavaleiros da Ordem, agradou a todos pela graça, modéstia, precisão, firmeza de suas opiniões e pelo empenho manifestado em estudar firmemente o alemão e todos os exercícios militares necessários a um cavaleiro.

Inclusive o capelão, que Otton escolheu para seu confessor, ficou satisfeito com sua declaração ponderada e respeitosa de que, ao acatar o nome dos Barenkhaupt, retomava a religião de seu pai.

Todos felicitaram Barenkhaupt, por ele ter encontrado o filho, que não só prometeu tornar-se um herdeiro digno, como também ser motivo de orgulho público.

À noite, Barenkhaupt com o filho foram para Narva. Henry estava extraordinariamente suave e conciliador; elogios dirigidos ao filho enchiam o coração do cavaleiro de felicidades e orgulho.

Alegre e conversador, como não tinha sido durante muitos anos, Henry entrou no quarto, onde Olga dormia no divã.

Ela despertava somente para alimentar-se e, em seu rosto emagrecido e pálido, como cera, percebia-se um terrível esgotamento. Mas, apesar de tudo, estava maravilhosa com os cabelos exuberantes, dourados e loiros que se destacavam de sua cabeça como uma auréola de ouro.

Otton, com amor e simpatia, olhou para a mãe. Como ela havia mudado! Quanto sofrera! Agora, graças a Deus, tudo estava consumado. A-

manhã, estaria com Ivan Andreievitch e seu amor e cuidado atenuariam os traços do sofrimento de sua tortura.

Idéias de outro teor nasceram no pensamento de Barenkhaupt, quando, aparentemente frio e inflexível, olhou com hostilidade para a jovem mulher deitada a sua frente.

Nutrindo por Olga somente ódio e desprezo, por ora, ele a considerava em seu poder e para sempre separada de seu odioso rival. Mas, a necessidade urgente de devolvê-la ao homem que a amava com paixão, fez, de imediato, despertar nele o ciúme que transformava sua alma.

Otton não suspeitava de tal golpe funesto. Alegre com a salvação da mãe, seguia confiantemente o pai e se, no dia seguinte, de maneira alguma pudera avistar-se com a mãe, em sua cabeça não passou que todos os obstáculos foram premeditados.

Finalmente, depois do almoço, entrou com o pai na casa em Narva e, com a permissão de Henry, correu imediatamente para o quarto, onde estava sua mãe.

Olga esperava com medo e impaciência. Ainda não sabia que sorte a aguardava e não podia imaginar que o marido lhe perdoara. Um pensamento a fazia tremer: o perdão certamente estaria condicionado a algumas exigências.

O medo crescia a cada hora e a tensão nervosa atingia seu ápice, quando, de repente, a porta do quarto com ruído se abriu e Otton impetuosamente se lançou a seus braços.

Filho e mãe não desconfiavam de que, do quarto vizinho, cuja existência desconheciam, através de um pequeno orifício em uma pintura mural, frequentemente utilizada na Idade Média, Barenkhaupt observava o encontro deles.

Queria saber sobre o que iriam conversar, mas teve suas intenções frustradas, pois não contava com uma circunstância particular de que mãe e filho iriam falar em russo, e, esta língua, ele absolutamente não entendia.

Mais ou menos, intuitivamente, os gestos e as expressões do rosto dos dois permitiam-lhe, em parte, seguir o fio da conversação.

Antes de tudo, supunha, Otton, na certa, comunicou à mãe sobre sua decisão e sobre as condições, preço pelo qual o pai dar-lhe-ia a liberdade, uma vez que o desespero da jovem mulher e sua recusa em aceitar o sacrifício filial manifestavam-se bastante claros. Mas o rapaz aparentemente insistia em seu ponto de vista. Ela se desfazia em prantos. Finalmente, Olga o estreitou em seus abraços, cobrindo-o com beijos amorosos.

Com um olhar sombrio e irado, Henry acompanhava a todos os lances daquela cena comovente e Olga, cada vez mais submetia-o ao encanto de outrora.

Pálida, magra devido à sua prisão e em seu vestido de lã escura, ela, com nitidez, recordava-lhe os primeiros anos de seu casamento, quando ela administrava a casa.

Então, como no passado, ela, graciosa e meiga, sentava na poltrona de encosto alto.

Os cabelos dourados escapavam por baixo do gorro negro de veludo e as pesadas tranças acentuadamente destacavam-se sobre o tom escuro do vestido.

Henry respirava com dificuldade; o sangue subiu-lhe à cabeça, as idéias se remoíam cada vez mais tempestuosas.

A conversa repentinamente atraiu-lhe a atenção outra vez.

Agora, com certeza, o assunto era a passagem subterrânea. Otton contava algo, ao que parece, exigia a conservação de segredo. No rosto de Olga, apareceu uma expressão de piedade e simpatia. Depois, persignou-se, estendeu a mão para o crucifixo pendurado na parede e, com um tom solene, pronunciou algumas palavras.

- Ele a obrigou jurar que guardaria segredo, pensou Barenkhaupt. Rapaz nobre e honrado! Por que tenho que martirizar seu coração e golpear o mais legítimo dos sentimentos, o amor à mãe, para ganhar também minha parte, embora pouca, do afeto filial? – murmurou o cavaleiro.

Ele voltou-se e saiu do quarto vizinho.

Barenkhaupt, devagar, foi até a poltrona e sentou-se para refletir. Seu coração batia com força e o sangue fervia como no tempo da juventude. O amor que considerava apagado e transformado em ódio, de novo, solenemente ressuscitou em seu coração, contrariando a razão e a vontade. A idéia de que a mulher adorada, pertencente a ele pela lei de Deus e dos homens, neste minuto, esqueceu, inclusive, que tinha ingressado na Ordem e novamente estava sob seu teto. Reviveu-lhe na memória o quadro da antiga vida em comum e todo o ocorrido no passado.

Henry conheceu Rosalinda ainda criança no castelo da mãe dele. A menina acanhada e selvagem sempre fugia obstinadamente e, já naquele tempo, mil pequenos acontecimentos deveriam ter-lhe aberto os olhos para a hostilidade desta pequena inimiga, que nunca se acostumara e nem se misturara em seu meio.

Depois, lembrou-se do dia funesto em que decidiu seu destino. Voltava com o avô Levental de uma incursão à região de Pskov, orgulhosos e contentes com as façanhas e a rica pilhagem de objetos valiosos. E eis que devido à doença da mãe dele, Rosalinda foi para a aclamação da chegada.

Parecia-lhe que ainda a via: esbelta, leve como um ente celeste, em pé na escada de honra, com um longo vestido de veludo azul, enquanto seus maravilhosos cabelos dourados a envolviam como se fossem uma capa.

O olhar do avô Konrad nublou-se em lágrimas. Perante a visão daquela escultura viva da mulher, que ele tão enlouquecidamente amara, Henry

ficara absolutamente enfeitiçado. Com o vinho oferecido por Rosalinda, bebera também o irresistível amor, que o dilacerava até agora.

Ele começou a galanteá-la, falando com recato à donzela sobre a discrição e o esforço dela de evitar uma declaração de amor. Quando, finalmente, perguntou-lhe se estava de acordo em tornar-se sua esposa, Rosalinda respondeu "sim" de uma forma muito estranha, inclusive sem tê-lo mirado, mas dirigindo seus olhos tristes a um lugar qualquer no espaço. Tolo cego!

Como não notara, como não compreendera que o coração daquela adolescente de 16 anos somente ocultava aversão e que apenas a consciência de sua fraqueza e a impossibilidade de qualquer oposição aos "senhores" fê-la exclamar o odioso "sim".

Na ocasião, não admitia a idéia de não ser amado, pois tinha bastante sucesso entre as mulheres. Seu porte alto e esguio e sua beleza viril, embora um tanto rude, faziam palpar intensivamente os corações maleáveis das alemãs. Sabia que lhe bastava apenas escolher entre as filhas dos nobres cavaleiros, e tinha certeza de que, em qualquer lugar, recebê-lo-iam com alegria. Poderia, alguma vez, supor que uma moça desconhecida, prisioneira, que pouca glória lhe dava, seria sua esposa?

Lembrou-se, sobretudo com clareza, do dia do casamento. Como estava feliz e, principalmente cego, atribuindo, antes de mais nada; ao acañamento da noiva a discrição fria e a indiferença visível com as quais recebera os inúmeros presentes e as manifestações de carinho.

Branca, em seu vestido de brocados, com os olhos obstinadamente voltados para o chão, chegou à igreja. Sua mão tremia a tal ponto, que, por pouco, não deixou cair a aliança.

Depois, na memória, surgiu uma cena, que, na ocasião, não entendia, mas que agora se explicava, graças a uma nova interpretação.

Tinha acontecido na noite daquele mesmo dia. Ansioso e apaixonado, entrou impaciente no dormitório dos nubentes e viu que a jovem mulher estava junto à janela com o rosto encostado no vidro, como um pássaro assustado, que procurava sair da gaiola.

Alegre e sem preocupações, abraçou-a pela cintura, atraindo-a para o divã.

- Basta, bobinha, não temas! disse, enquanto a beijava meigamente. - Compreende, eu te adoro! Para provar-te isto, expressa qualquer desejo e prometo cumpri-lo, seja o que for.

Rosalinda timidamente levantou para ele seus olhos tristes, repletos de lágrimas e estreitando a cabeça para junto dele, murmurou:

- Henry! Quando estivermos sozinhos, chama-me de Olga, como me chamava minha mãe. Sentirei que estaremos mais próximos um do outro. O outro nome, pelo qual me chamas, sempre me faz recordar acontecimentos que gostaria de esquecer.

Este pedido infantil, naquela ocasião, levava-o à indignação. Ele, grosseiramente, empurrara Rosalinda e respondera-lhe severo.

- Não te envergonhas, no mesmo dia em que te tomas esposa do cavaleiro Barenkhaupt, em pensar em nossos inimigos e desejar de volta o nome bárbaro, para sempre suprimido por teu novo batismo. Ingrata! Sendo tu prisioneira de guerra, poderia fazer-te minha concubina, mas te fiz minha esposa. E depois, desta honra e benefício que minha família te concedeu, ainda ousas chorar e lamentar tua pátria, aquela terra selvagem! De agora em diante, fica sabendo, que te proíbo de uma vez por todas e, cuidado para que eu não mais ouça, tais pedidos tontos e delituosos: És católica e alemã tanto quanto o é teu marido e como serão teus filhos! É teu dever ser no Intimo como todos nós.

Rosalinda empalideceu e, como uma folha, tremia ao escutá-lo. Depois, desatou em prantos convulsivos.

Suas lágrimas tocaram Henry e este tentava com carinhos suavizar a impressão de sua severa repreensão. Mas, desde então, sua jovem esposa fechou-se e ele nunca mais sondou sua alma. Eis o porquê, neste mundo ignorado, pode surgir e amadurecer um plano de traição, cuja consequência foi a perda da esposa e do filho.

Ele ficou feliz e orgulhoso quando nasceu a criança. Agora lhe vinham à mente as longas noites de inverno, quando, estando em casa, ficava junto à lareira, a sua frente Rosalinda girava a roca e narrava ao pequeno Otton uma passagem ou acontecimento da História Sagrada, e o menino, sentado em um banco junto às pernas dela, com os olhos brilhantes, prestava atenção àquelas narrativas.

Quase o mesmo quadro ele via agora no quarto vizinho. Rosalinda, sentada na poltrona de encosto alto e Otton, sentado em um banco junto a suas pernas, falava-lhe algo com animação. Ah! Se ambos ficassem com ele. Ficaria satisfeito apenas em vê-los juntos. E como Otton ficaria contente se sua mãe permanecesse ao seu lado!

Não! Era preciso ser louco para concordar com a condição proposta pelo filho. Nunca! Ele, inclusive, tentou matar Rosalinda, apenas para que ela não fosse parar nas mãos dos inimigos e, agora, exigem-lhe que de boa vontade a devolva para o rival, ao homem que a ama e com o qual será feliz, longe do marido traído.

Saltando da poltrona, Henry, em uma aflição febril, pôs-se a andar pelo quarto. Um ciúme feroz o dilacerava; e, novamente, despertou-se em sua natureza tudo que havia de tirano e diabólico.

Passados alguns minutos, Barenkhaupt, como se tivesse resolvido algo, apressadamente saiu do quarto.

Olga com o filho continuaram a conversar calmamente, aproveitando os últimos minutos que passariam juntos. Quantas coisas para falar um ao outro! Otton pediu à mãe para transmitir lembranças, beijos e amor eterno a todos aqueles que visse e dos quais ele se separaria para sempre.

Eles trocaram recordações, forçando sorrisos para dissimular a saudade face à separação que se aproximava.

A chegada da mulher que servia, Olga interrompeu a conversa.

- Senhor Otton! Ordenaram-lhe despedir-se de sua mãe. E à senhora, dirigindo-se a Olga, preparar-se para a partida, disse respeitosamente a criada.

Tendo feito uma profunda reverência, saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Filho e mãe se abraçaram. Depois de um último beijo, Otton separou-se da mãe.

- Adeus, querida mãezinha! Sê feliz e reza por mim, como sempre rezarei por ti. Transmite meus beijos e estreitas recordações a meu padasto, avô e crianças.

Depois de dar um último beijo na mãe, Otton correu do quarto, pois não queria irritar o pai com um atraso excessivo.

Olga ficou só e cobriu-se com a capa preta que lhe trouxeram. Mas Khristofor não veio e ela novamente se sentou na poltrona.

Seu coração se afligia com a idéia certa de que nunca mais veria seu filho generoso. E, contudo, queria o mais rápido possível, sair daquela casa, pertencente a um homem cruel e severo, que lhe inspirava medo e incerteza. Ela sentia saudades de Ivan Andreievitch, que a lamentava como morta, e, dos filhos pequenos a passar necessidades com a ausência da mãe.

Absorta em seus pensamentos, fitando o espaço encostou a cabeça no espaldar da poltrona e não notou quando a porta abriu-se e surgiu Barenkhaupt. Durante um minuto, ele, calado, observou-a; depois, rapidamente, aproximou-se de Olga e o ruído de seus passos tirou-a de sua meditação.

Conhecendo o marido e encontrando seu olhar sombrio e devorador, Olga empalideceu mortalmente, endireitando-se com horror. Só agora, à luz de duas velas de cera acesas, ela, com clareza, enxergou a terrível mudança ocorrida em sua aparência.

- Eu te assusto! - disse o cavaleiro, rindo secamente. - Ao contrário, deverias encantar-te com o trabalho feito por tuas mãos e alegrar-te vendo o que fizeste comigo em onze anos. Os cabelos grisalhos, as rugas precoces e o rosto esgotado, tudo isto é obra tua.

Henry, dominado por uma fúria repentina, aproximou-se da jovem mulher, agarrando-a pelo braço.

- Responde, traidora sem coração, que te fiz para que me tiveste arruinado, despedaçado meu coração em farrapos, roubado minha felicidade, alegria, filho e juventude, bramiu roucamente. Tudo que existe de sagrado e caro para um homem, tudo me tiraste, sujaste e pisoteaste. Além disto, roubaste de mim até o coração de meu menino e apagaste da memória dele meu nome. Ele cresceu, considerando-me um inimigo, como um monstro qualquer.

- Que fiz para merecer tudo isto? Eu te amei e respeitei, cerquei a ti e ao menino com toda minha ternura e cuidados. Pela minha lealdade, pagaste-me condenando-me a tais suplicios, que somente no inferno se poderia passar.

E ainda ousas rezar a Deus, após teu vergonhoso perjúrio? Não seria diante do mesmo Cristo, reverenciado tanto pelos ortodoxos e católicos, ao qual juraste ser fiel a mim por toda a vida? E o que fizeste?

Responde, criatura ímpia e desprezível! Em qual religião está escrito que uma mulher pode ter legalmente dois maridos vivos?

Olga, aterrorizada, com o corpo todo tremendo, escutava-o. Cada palavra dele a golpeava como um martelo. Sim, Henry tinha razão! Ela era terrivelmente culpada perante ele. Cega de ódio pelo cavaleiro e de amor por Ivan Andreievitch, ela, com alegria, agarrou-se à notícia da morte de Barenkhaupt e, não buscando informações mais precisas, contraiu o segundo matrimônio.

Esquecendo toda a bondade que fizera, o amor que lhe dedicara, ela, somente com ódio via nele o inimigo de sua pátria. Graças a ela, também, Otton esquecera que tinha pai. Sim, as acusações de Henry eram justas e suas recriminações merecidas. Agora, ela, absolutamente com outro sentimento, olhava para seus cabelos grisalhos e rosto extenuado. Remorsos e piedade despertaram-se-lhe no coração. Obedecendo a este novo ímpeto, caiu de joelhos e agarrando a mão do marido, estreitava-a contra os lábios.

- Tens razão, Henry! Sou uma criminosa, uma ingrata para contigo, murmurava. As circunstâncias me arrastaram. Perdoa, se puderes, minha fraqueza! Não me obrigues a carregar este terrível remorso e o ônus horrível de tua maldição!

Barenkhaupt estremeceu ao sentir em suas mãos as lágrimas ardentes. Ele inclinou-se e respondeu surdamente:

- É sincero teu arrependimento, Rosalinda?

- Como podes perguntar isto? - respondeu com recriminação.

Nos olhos escuros de Barenkhaupt, algo cintilou.

- Neste caso, demonstra-o com uma ação! Desiste do concubinato culposos com o moscovita e permanece aqui espontaneamente! Ouviste bem: fica voluntariamente para dedicar-te a nosso filho. Com esta condição, tudo te perdão.

Percebendo o horror que se refletira no rosto desconcertado e nos olhos arregalados de Olga, ele sorriu amargamente.

- Não penses que quero manter-te para mim! acrescentou. Ingressei na Ordem, já não posso mais ter esposa. Além do mais, sou muito orgulhoso para ligar-me a uma mulher, que por mim alimente repulsa. O que te peço, eu o faço por Otton. Ele te ama e vendo-te perto, sentir-se-á feliz. O menino generoso mereceria inteiramente que também te sacrificasses por ele.

A cabeça de Olga girava. Era evidente que amava Otton com toda sua alma; mas lá, em Ivangorod, ficaram Ivan Andreievitch e três filhos não menos caros para seu coração. A idéia de perdê-los para sempre, de perdê-los naquele instante quando ela calculava que dentro de algumas horas iria unir-se a eles, era-lhe insuportável, e, sem querer, murmurou:

- Oh! Melhor morrer a viver separada de Ivan!

Isto foi dito tão fraco, quanto a um suspiro. Mas, apesar de tudo, Henry entendera aquelas palavras e saltara como uma serpente. O amor que soara nas palavras e, com clareza, refletira-se no olhar e no rosto imóvel de Olga, acendeu o ciúme e a paixão contida de Barenkhaupt. Todo o sangue subiu-lhe à cabeça, a vista turvou-se e ele, tremendo de ira, gritou roucamente:

- É este teu arrependimento, libertina! esbravejou. Tu és tão honrada mãe, quanto esposa casta! Nada mais tenho para falar contigo.

Com estas palavras, voltou-se e, como furacão, saiu correndo do quarto.

Retomando a seus aposentos, caiu na poltrona e, com as mãos, apertava a cabeça que ardia.

Tudo girava a sua volta. Ele arquejava e rasgou a gola da camisa. Encostando a cabeça no espaldar da poltrona, Henry sentou-se imóvel, respirando com dificuldade.

O que acontecia naquele instante na alma sombria e endurecida daquele homem terrível? Quando se endireitou, parecia calmo. Somente em seus olhos brilhava algo de mau.

Ouvindo batidas na porta, Henry levantou-se, arrumou a camisa e ordenou duramente:

- Entra!

Era Khristofor, coberto com uma capa escura, trazendo na cabeça um gorro largo.

- Vim para levar Rosalinda. Tudo está pronto. O barco, eu...

Neste minuto, Khristofor deparou-se com os olhos de Barenkhaupt e imediatamente calou-se. Ele conhecia suficientemente bem seu ex-patrão e compreendeu que algo terrível havia sido resolvido.

- Senta-te, Khristofor! Tenho que falar contigo sobre assuntos muito importantes, disse Henry, sentando de novo na poltrona.

Inclinando-se em direção a seu fiel companheiro, começou a sussurrar.

Horror e repulsa se manifestavam no rosto empalidecido de Khristofor. A princípio, fez um gesto agudo de negação, depois começou a ficar visivelmente indeciso e, finalmente, com resignação sombria, baixou a cabeça.

- Compreendo tua repulsa, mas teu dever primeiro é sacrificar-te pelo bem da Ordem, que te deu as esporas de ouro, notou Barenkhaupt.

- Eu sei quais as obrigações a que minha dignidade de cavaleiro me submete e não me abstenho delas, lugubrementemente respondeu Khristofor.
Pegando o gorro, saiu do quarto.

VII

Olga, coberta pela capa, ia, guiada por Khristofor, pelas ruas escuras e desertas de Narva que conduziam ao castelo.

- Meu filho falou que o senhor me levaria para Ivangorod em barco, observou a seu acompanhante, olhando com tremor involuntário para a enorme fortaleza alemã, escurecida pelas trevas da noite.

Como queira estar o mais depressa possível na terra natal! Mesmo de Ivangorod partiria imediatamente. Só muito longe daquele lugar se sentiria fora de perigo.

- Sim, o cavaleiro, a princípio, pensava em fazer desta forma, respondeu Khristofor. - Mas, depois de pensar bem, achamos que era muito arriscado. Os soldados russos estão por toda a parte e poderiam feri-la antes que a reconhecessem. E, atualmente, de maneira alguma me é permitido atracar na terra inimiga. Por isto, resolvemos conduzi-la pela passagem subterrânea. Certamente, a senhora conhece o segredo da saída.

- Sim, Otton me falou que o poço de saída dá em nosso jardim e está fechado por uma porta levadiça coberta por grama. Por isto, Henry pôde me raptar sem ser notado.

- Exato! Então, do jardim a senhora sairá para uma viela e logo depois de atravessar a praça, chegará a casa. Assim é a vontade do cavaleiro.

- Como, então, poderei explicar minha volta a Ivangorod, sem revelar o segredo da passagem subterrânea? perguntou Olga com preocupação.

- Isto já é assunto seu! Claro que a senhora deverá inventar algo que pareça verdadeiro, pois espero que compreenda toda a importância deste segredo.

- Sim, compreendo, meu bom Khristofor. Jurei guardar este perigoso segredo e o senhor pode estar certo de que mantereí meu juramento.

Não obtendo resposta, Olga calou-se e continuaram seu caminho em silêncio. Sob a luz fraca do archote, aceso por Khristofor, desceram o subterrâneo, passaram o abismo e entraram, finalmente, em uma galeria estreita.

Ainda fraca e exausta pelos sofrimentos suportados, Olga perdia o fôlego e andava devagar.

Ela respirava com dificuldade e no íntimo, sentia-se pesada.

Cada passo a separava para sempre de seu filho magnânimo; e a lembrança de Barenkhaupt a perseguia como um pesadelo.

Ela não podia lembrar sem aflição do rosto desfigurado de Henry e da expressão raivosa de seu olhar.

Eles já tinham percorrido praticamente a metade da passagem, quando, de repente, Khristofor deu um passo para trás e, com a mão mantida sob a capa, puxou um punhal. Uma lâmina surgiu no ar e cravou-se até o punho nas costas da jovem mulher. Um grito surdo e ela caiu com o rosto na terra.

Khristofor inclinou-se sobre ela, virando-a. Um único olhar foi suficiente para constatar que o golpe fora perfeito. Olga estava morta.

Então, ele baixou para buscar uma picareta e uma pá e, sob a luz opaca do archote, começou a abrir uma cova na parede da galeria.

Depois, iniciou o sepultamento. Naturalmente, o severo guerreiro vira durante sua vida muitos cadáveres, porém nunca passara por sensação tão horrível. Os olhos da vítima estavam arregalados de tal forma que seu olhar vítreo parecia não se desgrudar de seu verdugo. Expulsando de si esta fraqueza vergonhosa, Khristofor retirou o punhal da morta, enrolou com cuidado o corpo com a capa, depositou-o na sepultura e, precipitadamente, cobriu-o com terra.

- Tu levarás contigo o segredo de nosso trabalho, pobre Rosalinda, murmurou. Perdoa-me pela atitude infame, mas não podia sacrificar dez anos de trabalho. Como poderíamos ter certeza de que, num minuto de fraqueza, não nos entregarias aos inimigos e os malditos moscovitas não viriam e degolariam a todos nós?

Concluído o trabalho, ele se ajoelhou, rezou "Pater noster" e "Ave", persignou-se e tomou o caminho de volta. Seu rosto estava carregado e as sobrancelhas espessas se moviam ameaçadoramente.

- E se tu, Barenkhaupt, agiste somente sob a influência de um ciúme brutal e não por recear pela segurança da Ordem? resmungou. - Então, significa que realizei um assassinato inútil, sua mão convulsivamente apertara o cabo do punhal ensangüentado.

Henry Barenkhaupt andava pelo quarto em uma aflição febril.

A convulsão desfigurava seu rosto pálido e seu olhar se inflamava de tempos em tempos; ele, nervosamente, atirou para trás sua espessa cabeleira grisalha, como se as mechas de cabelos lhe queimassem a testa molhada de suor.

Escutando, no cômodo vizinho, o ruído de passos pesados, ele, sem querer, sobressaltou-se e sentou-se à mesa, sobre a qual ardiam duas velas de cera em candelabros de prata maciça.

Khristofor entrou. Não olhando para Barenkhaupt, aproximou-se e atirou sobre a mesa o punhal ensangüentado.

- Rosalinda está morta! disse secamente com voz quase ameaçadora. Que o Senhor nos julgue: a mim, instrumento de homicídio, e àquele que

colocou em minha mão a arma mortal. Que o sangue inocente caia sobre aquele que planejou o crime, único conhecedor de sua verdadeira razão.

Khristofor, sem se despedir, virou-se e saiu.

Ficando só, Henry apoiou-se na mesa, não afastando os olhos do punhal, cuja lâmina estava coberta de gotas vermelhas. Era o sangue de Rosalinda, a mulher que amara loucamente, amara até o crime, até a perdição da própria alma.

É verdade que sofrera muito por ela, mas também se vingara severamente. Castigara-a, torturara-a e julgara-a segundo a maior punição que os homens conhecem no código penal: a pena de morte.

Sim, fora o juiz implacável e, de repente, uma voz interior e consciente murmurou-lhe: seria a culpa dela tão grande quanto o seu castigo? Seria ela a única culpada de tudo? Poderia ele não se acusar de nada a respeito de sua relação com a executada, cujo sangue banhara a lâmina de aço daquele punhal? E, na memória de Barenkhaupt, com uma nitidez dolorosa, ressurgiu a figura meiga de Rosalinda com seu olhar triste e pensativo e um tremor gelado percorreu o corpo do assassino. Ele sempre fora o amo e não o amigo daquela jovem criatura tímida e solitária; ele nunca buscara sua confiança; ele a ligara a si pelos laços da lei e não do coração e, assim, ela fugira e, sem remorsos, deixara-o.

Incompreensíveis são os mistérios do coração humano. O amor e o ódio amoldam-se numa pessoa, por assim dizer, sob um mesmo teto. O ódio dita as sentenças terríveis, esperando encontrar, na vingança, a calma e a reparação; mas, por estranha ironia do destino, freqüentemente no sangue derramado, o ódio se afoga e a sede de vingança desaparece com a ausência do objeto, para o qual ela se orientava. Processo semelhante ocorria agora na alma de Barenkhaupt. Pela primeira vez, ele próprio se julgava e fazia um balanço de suas culpas. Rosalinda, de culpada, transformara-se em vítima. Henry parecia sentir ainda em sua mão o contato de seus lábios, de suas lágrimas ardentes, via os olhos dela levantados para ele, com uma expressão de arrependimento e simpatia calorosa.

Aqueles olhos se apagaram e os lábios para sempre se fecharam. Um sentimento amargo de piedade tardia, de despedida e de amor impetuoso, repentinamente, despertou-se no coração de Barenkhaupt, como se, com a morte de Olga, houvessem desaparecido, também, todas as causas de seu ódio e cólera.

Tudo estava irreparavelmente consumado, e o juiz, bem mais digno de desprezo que de condenação, pegou a arma mortal coberta de sangue e tremendo, estreitou-a em seus próprios lábios.

Com melancolia, por um momento, lembrou-se do filho. O que fizera, cego por suas paixões desordenadas? Desprezando a palavra empenhada, matara a mãe idolatrada por quem Otton se sacrificara. Se ele confessar o crime, o filho o amaldiçoará e fugirá para longe. Se esconder a verdade, não estará escamoteando do filho a confiança e a ternura?

Assustado por seus pensamentos, Henry levantou-se de um salto e pôs-se a correr pelo quarto. Depois, lançou-se de joelhos diante do crucifixo pendurado na parede e começou a rezar ardentemente, rogando ao Senhor que se apiedasse dele, perdoadando e amparando-o.

O sol surgiu, e ele ainda estava em pé, alquebrado e emagrecido, mas aparentemente calmo. Sua vontade de ferro venceu a tempestade que se desencadeara em sua alma; ele não deveria trair-se perante Otton. Por mais que, doravante, sua vida fosse vazia, por mais que tivesse a consciência pesada, o filho não deveria suspeitar de nada.

Henry lavou-se, penteou-se, trocou de roupa e, depois, foi à sala de refeições fazer o desjejum. Ele queria apagar os vestígios dos acontecimentos da noite anterior.

Não sabia que o castigo apenas começava...

Otton, também, pouco dormira naquela noite. A princípio, chorara amargamente, mas a maleabilidade da alma jovem ajudara-o a vencer a dor da separação.

Quando Olga, pela última vez, apertou-o em seus abraços, murmurou-lhe no ouvido:

- Encontrarei um meio, querido meu, de tempos em tempos, mandar notícias sobre nós.

E o rapaz agarrou-se a esta esperança e dela retirava forças para vencer a presente mágoa.

Depois, pensou no pai e seu coração jovem encheu-se de piedade por ele. O amor de pai daquele homem rigoroso deveria ser muito grande, se, por sua causa, para conservá-lo junto a si, desistira da vingança e restituíra à mãe a liberdade. Por isto, de toda sua alma, queria ser-lhe grato e, com ternura filial, redimir os erros da mãe, tentando suavizar o coração rígido, sombrio e exacerbado por infelicidades do pai.

Ao acordar pela manhã, Otton vestiu a nova roupa, que lhe forneceram e, transformando-se formalmente em um jovem fidalgo alemão, foi para a sala de refeições, onde encontrou o pai. Barenkhaupt estava melancolicamente sombrio, sentado junto à janela aberta e a Otton surpreendeu a espantosa mudança ocorrida nele desde o dia anterior: tinha os olhos fundos e a aparência cadavérica.

- Pobre pai! - pensou Otton. - Como em ti fez efeito o sacrifício que assumiste, entregando ao feliz rival a mulher que talvez ainda te fosse cara.

Aproximando-se rapidamente do pai, beijou-lhe a mão, abraçou-lhe o pescoço beijou-lhe a mão e a face enrugada.

Barenkhaupt estremeceu e uma cor febril tomou conta de seu rosto.

- Tu sofres, pai, e compreendo teu martírio, disse Otton. - Mas, por isso mesmo, também avalio toda a grandeza de teu sacrifício magnânimo e toda a força de teu amor por mim. Por toda a vida te serei grato, e tu... encontrarás a recompensa no reconhecimento de que realizaste uma boa ação e que perdoadando, alcançaste uma nobre vitória sobre ti mesmo. Permi-

to-me repetir as palavras que minha mãe confiou a mim transmitir-te. Reconhecendo-se culpada, ela, de joelhos, suplica que lhe perdoes. Ela lamenta com amargura, que um acontecimento fatídico dê tal direção a seu destino. Até o fim de sua vida, ela rezará ao Senhor, para que Ele te conceda paz e que lembres dela sem raiva.

O cavaleiro escutava, baixando a cabeça. Cada palavra do filho o cortava como uma faca e o olhar inocente e agradecido de Otton era-lhe insuportável. Acaso, não era ele o traidor desprezível de seu menino? Entre ele e Otton, desde então, colocou-se ameaçadoramente a figura da falecida mãe.

Vendo a aflição do pai e notando o tremor nervoso de seus lábios, Otton quis mudar de assunto, dizendo alegremente:

- Dá uma olhada para mim, pai! Abandonei tudo que te fizesse lembrar o passado triste. Dize, agrado-te nesta nova vestimenta?

- Acho que ela te cai extraordinariamente bem, respondeu Barenkhaupt, forçando um sorriso e olhando com orgulho e amor para o belo rapaz.

- Sabe, pai, que, a partir de hoje, não só pela roupa me tomo um novo homem! Estou a teu dispor, se quero fazer-me digno de ti e carregar com honra o nome dos Barenkhaupt.

Contendo-se, o cavaleiro discutiu com o filho as condições de sua vida futura. Quando Otton propôs, também, ingressar na Ordem, o cavaleiro, com firmeza, refutou a idéia.

- Quero que sejas livre e penso, com o tempo, casar-te, para que nossa antiga geração não pereça, respondeu.

Depois, Henry resolveu que iriam para Haspal, onde Otton seria apresentado ao grão-mestre da ordem e depois enviado para Riga, ao palácio do bispo para aprender etiqueta e receber as esporas douradas.

Tudo se cumpriu conforme o planejado. Moraram em Riga, Hapsal, Revel e somente para Narva, o velho Barenkhaupt parecia não ter o menor desejo de retornar.

Otton, obediente, ia a toda a parte para onde o levavam, esforçando-se para aprender todos os hábitos e, em pouco tempo, pela aparência e pelas maneiras, em nada se diferenciava de seus conterrâneos, porém muito mais sério e contido que eles. Isto porque, no coração do pobre Otton, reinavam um vazio e desilusão terríveis, pois, embora tivesse mostrado muito esforço, a relação com o pai não fora aquela a que ansiava. Parecia haver, entre eles, uma espécie de barreira imperceptível. Às vezes, também reparava como nos olhos do cavaleiro irrompiam amor e orgulho paternos, mas, no geral, Barenkhaupt, a cada dia, tornava-se mais sombrio e calado.

Não compreendendo que sua presença e ternura eram o verdadeiro tormento do pai, Otton, de maneira alguma, podia aclarar para si as estranhezas do caráter paterno e sentia-se profundamente sozinho e infeliz.

Às vezes, durante a noite, uma angústia dominava Otton e nele surgia um desejo forte de ver aqueles com os quais passara a infância, de tal maneira que chorava amargamente. O que não daria, para, naqueles minutos, sentir as mãos de sua mãe acariciando-lhe a cabeça, ouvir a voz sonora do bondoso Ivan Andreievitch e os risos cristalinos dos irmãos e irmã.

Por acaso, soube que o pai, freqüentemente, à noite, trancava-se em orações e, por horas inteiras, permanecia em genuflexão, batendo no peito, clamando aos céus misericórdia.

O rapaz, alarmado, perguntava-se que pecado poderia ter cometido seu pai, para que a consciência tanto o martirizasse e lhe roubasse a tranquilidade.

Passaram-se três anos. Otton recebeu o estatuto de cavaleiro. Tendo-se, finalmente, aborrecido da vida nômade em vagar de cidade em cidade, ambos os Barenkhaupt retornaram a Narva e instalaram-se em sua própria casa. Porém, com mais freqüência, Otton vivia só, pois seu pai se refugiava no castelo.

Na casa vazia, o rapaz sentia ainda mais sua solidão e a vista de Ivan-gorod estimulava em sua alma uma impaciência mórbida. Às vezes, atormentava-o a pergunta: por que sua mãe nunca tentara noticiar-lhe sobre sua saúde, como estava vivendo, o que fazia seu pai de criação, seu verdadeiro pai, se não por sangue, mas por coração e alma, como nunca o fora o velho soturno, encarnação da consciência suja.

Estranho e incompreensível também lhe parecia Khristofor. Ao invés de utilizar-se de sua condição de cavaleiro e distinguir-se na guerra, vivia como um ermitão em sua casa, situada não longe da casa de Barenkhaupt. Sua irmã, viúva, ocupava-se das tarefas domésticas; seu irmão Arend morrera de um ferimento obtido em um conflito sem importância.

Otton sempre se relacionava amistosa e respeitosamente com o ex-escudeiro, que o vira nascer, e dirigindo-lhe sorridentemente, palavras carinhosas, mas Khristofor agia como antes, permanecendo calado e lúgubre, evitando, com obstinação, o olhar sincero e límpido do jovem cavaleiro.

Khristofor também sofria por seu crime. E se a justiça humana não o castigou, uma outra justiça severamente o atingiria...

A pena terrível e oculta começara dois meses após a morte de Olga.

Certa vez, à noite, acordara desesperado por um sentimento vago, mas pesado. Nervosamente, revirava-se em seu leito, quando, de repente, uma rajada de vento frio e úmido soprara-lhe o rosto e ouvira ruídos de passos leves e precipitados caminhando sobre areia.

Khristofor levantara-se e sentara-se na cama, não entendendo de onde vinham os passos. De repente, notara que, na extremidade da cama, surgira uma bola vermelha como sangue, que, aos poucos, pusera-se a crescer e, depois, desaparecera em uma nuvem de vapor brilhante e lumi-

noso, no meio do qual, a princípio vagamente, mas depois cada vez mais nítido, configurara-se o rosto de Rosalinda Barenkhaupt.

Rosalinda, reclinada, voltara a cabeça para seu assassino: seus olhos sumiram sob as pregas de uma capa escura e suas mãos pequenas pareceram estender-se até ele. Seu rosto mortalmente pálido refletira uma expressão de indescritível sofrimento e pavor; e seus olhos, inspirando um terror gelado, o observava obstinadamente com um olhar imóvel, turvo e vitrificado.

Suando frio, Khristofor não tivera condições de mover-se, não podendo afastar os olhos da terrível visão. Juntando, finalmente, toda sua coragem, fizera o sinal da cruz, procurando lembrar-se de todas as orações que conhecia, gritando: - Desaparece, satanás! - Mas tudo fora em vão, pois a visão só se apagara e desaparecera com o amanhecer.

Desde aquele dia, todas as noites, o fantasma aparecera na cabeceira de seu assassino e este, em nenhum lugar, pudera livrar-se daquela "visita" noturna. Estivesse onde estivesse: em casa, com amigos, na hospedaria ou mesmo na igreja, quando queria passar a noite em orações. Assim que batia meia-noite, surgia a bola ensangüentada e, depois de algum tempo, a dois passos dele, mostrava-se o cadáver de sua vítima, que não tirava dele seus pavorosos olhos imóveis com expressão vítrea.

Khristofor sentia que ia enlouquecer. Fazia jejum, mandava celebrar missas e pagava promessas, mas tudo era inútil. Finalmente, não suportando mais, reconheceu, em confissão, o crime cometido; o sacerdote fez, secretamente no quarto, as orações de exorcismo e forneceu incenso ao arrependido. Mas também isto em nada ajudara: o fantasma de Rosalinda continuara a aparecer todas as noites diante de seu assassino, como no "memento mori" mudo, mas terrível.

O infeliz Khristofor tornara-se desconfiado e começou a fugir das pessoas, imaginando que todos notavam em sua testa a marca de Caim. Principalmente Otton se lhe tornou insuportável; começou também a odiar Barenkhaupt e, diariamente, amaldiçoava-se por ter dado também atenção à fantasia criminosa do severo cavaleiro, que, sem dúvida, sob a influência de um ciúme brutal, utilizara sua mão para a realização do delito.

Com a consciência dilacerada por tormentos, insônia e terrível tensão nervosa, Khristofor rapidamente faleceu. Aliás, esperava a morte como uma libertação e via a vida como um fardo insuportável.

Otton, por sua vez, era torturado pelo desejo ardente de saber algo sobre a sorte de sua mãe e das pessoas que lhe eram próximas. Já se passara quatro anos desde sua reconciliação com o pai e, até agora, não recebera ainda nenhuma notícia.

A espera o aborrecera e, sozinho, começou a procurar meios de obter informações. O acaso o conduziu a um mercador que tinha relações com a Rússia e que, às vezes, ia pessoalmente à Novogorod.

O mercador informou a Otton, que, há um ano atrás, seu avô Andrei Semienovitch Lodygin ainda vivia. Soubera disto pelo filho do velho boiardo, o voievoda Piotr Andreievitch Lodygin, que comprara dele, na conta do pai, algumas peças de feltro e seda. Sobre o restante dos membros da família, o mercador nada sabia.

Sabendo que, na primavera o mercador iria a Novogorod, Otton pediu-lhe que fosse à casa do avô, encontrando-se com ele, caso estivesse na cidade, para transmitir lembranças e entregar-lhe uma carta, o que o amável alemão prometera cumprir com prazer.

Na carta para o avô; estava inclusa uma outra para Kolytchev, na qual Boris o saudava e enviava beijos à mãe e irmãos, mas também re-criminava Olga, por não ter cumprido sua promessa, esquecendo-o, enquanto ele não ficara um único dia sem rezar a Deus por todos eles. No final da carta, pedira a Ivan Andreievitch informá-lo sobre todos aqueles que amava, principalmente sobre a mãe querida e Natacha.

Ivan Andreievitch rapidamente recuperou-se do ferimento obtido no ataque dos livônios; porém afligiu-o profundamente o desaparecimento incompreensível da esposa querida e do filho adotivo, que amava como se fosse próprio.

O aparecimento inesperado dos cavaleiros dentro da fortaleza e seu sumiço misterioso despertavam na cabeça de Ivan Andreievitch a suspeita de que havia um caminho secreto utilizado pelos livônios; mas onde se encontrava tal caminho, ele não conseguia adivinhar.

Tudo se passara à noite, todos dormiam e ninguém percebera de onde surgiram os alemães. Os guardas também nada viram; e, na escuridão noturna e com o pânico geral, fora impossível encontrar a pista do local onde os cavaleiros se reuniram, antes de abandonar Ivangorod.

A princípio, ele aguardava alguma notícia de Olga ou Boris; mas, para Barenkhaupt, provavelmente seria melhor manter os dois no calabouço!

Depois, encontrou a possibilidade de obter informações em Narva mesmo e soube que o cavaleiro partira da cidade, mas Olga, ninguém a vira e, sobre ela, nada se sabia.

Como neste tempo, Kolytchev estava livre dos compromissos de estado, entregou Ivangorod a outro voievoda e resolveu ir para Novogorod, onde se encontrava a família. Sua casa, que era vista como a tumba da esposa, ficara para trás, restando, porém, a intenção de, de tempos em tempos, visitar a fortaleza e rezar pelo sossego da alma de Olga.

E, assim, partiu e ora viveu em sua casa, ora em Novgorod na casa do sogro, onde, freqüentemente, por horas inteiras, dedicava-se a Natacha e aos dois filhos mais moços.

Qual não foi o espanto de Kolytchev, quando, em um dia maravilhoso, em sua casa, surgiu o mercador alemão e entregou-lhe a carta com as saudações de Otton.

Por bastante tempo, fez perguntas ao mensageiro a respeito de seu enteado e tudo que conseguiu desvendar pareceu-lhe extremamente estranho e incompreensível.

Boris estava livre e, pelo visto, vivia voluntariamente com o pai, tendo, inclusive, adotado seu antigo nome, Barenkhaupt. Por qual razão mandava lembranças à mãe? Conseqüentemente, supunha que ela retornara à Rússia; entretanto, na realidade, ninguém a vira e nenhum dos parentes tivera notícia alguma sobre ela. A leitura da carta e as estranhas saudações de Otton para a mãe somente corroboraram a suspeita que despertaram em sua cabeça.

O que teria mesmo acontecido à infeliz Olga? Onde ela poderia ter-se escondido? Será que o detestável Barenkhaupt convencera o filho que enviaria a jovem mulher ao marido, mas, na verdade, mantinha-a em algum lugar secreto?

O mercador informou a Kolytchev, entre outras coisas, que o velho Barenkhaupt estava doente e o jovem cavaleiro dissera-lhe que, no caso da morte do pai, daria notícias sobre si de forma mais objetiva; mas, por hora, não poderia fazê-lo. Kolytchev, certamente, pela mãe saberia o porque.

Ivan Andreievitch, grato pelo recebimento de notícias tão importantes, recompensou cordial e ricamente o gentil mensageiro. Ele pediu-lhe para transmitir verbalmente ao enteado que agradecia a lembrança e que o amava tanto como antes, mas que sua mãe não estava com eles e que, desde o tempo de seu desaparecimento, não tivera sobre ela nenhuma notícia.

O velho Lodygin ficou não menos preocupado com a notícia recebida e aprovou inteiramente a ida do genro, dentro de dois ou três meses, a Ivan-gorod, para tentar entrar em contato direto com Boris e, se possível, conseguir um encontro com ele a fim de aclarar o segredo, que reinava sobre o destino de Olga.

VIII

Era uma tarde de setembro úmida e fria. Caía uma chuva fina, que batia na vidraça da casa de Barenkhaupt em Narva. No quarto de Otton, o fogo ardia na lareira, mas ele, pensativo, estava sentado na poltrona, olhando absorto como o carvão aos poucos se transformava em cinzas insignificantes.

Estava só em casa. Seu pai havia viajado a serviço da Ordem e deveria retornar dentro de uns dois dias. Otton passava o tempo em absoluta solidão. Amigos íntimos ele não tinha, e as reuniões barulhentas dos cavaleiros não lhe agradavam.

Hoje, como de costume, dedicava-se à leitura da sagrada escritura e biografias dos santos e profetas.

Quando o crepúsculo tornou-se intenso, Otton afastou o livro e mergulhou numa triste meditação. Já fazia cinco anos que ele morava ali e sentia-se completamente estranho e de nenhuma forma podia destruir a barreira invisível que o separava do pai. O velho sombrio e seco parecia mais temer que buscar o amor filial. Em seu olhar mau, sempre se ocultava algo que esfriava e repelia Otton e este, com o passar do tempo, sentia-se indescritivelmente só e triste.

Nessa noite, o rapaz se encontrava ainda mais melancólico e desanimado que o normal. Desejando afugentar seus amargos pensamentos, acarretados pelo presente, Otton começou a recordar o passado.

Pouco a pouco, Narva e a situação sombria que o cercavam desapareceram e ele se viu em Ivangorod, na região de sua primeira juventude, onde tudo lhe era conhecido e caro.

Como se lá estivesse, via diante de si a sala, onde toda a família se reunia às tardes. Chegava Kolytchev, sempre bondoso, carinhoso e Otton parecia ainda ouvir seu riso sonoro e alegre. Ao lado do pai, normalmente sentava calma a mãe pequena e feliz, com seu vestido de seda largo e rico, um verdadeiro anjo, como a chamava Ivan Andreievitch.

Em volta deles, brincavam os irmãos menores e Natacha, alegre, travessa como um menino, já, então, prometia tornar-se uma moça bonita. Quantas vezes matavam o tempo, divertindo-se, ora com os requebros e travessuras do palhaço, o anão Oomki; ora escutando com algum velho tocador de gúslis⁷, que de passagem, cantava baladas sobre os bogatyris⁸.

As boas lembranças novamente despertaram nele o desejo ardente de estar entre as pessoas queridas. As lágrimas despontaram em seus olhos e começou a sentir uma necessidade incontrolável de quebrar finalmente as correntes que o prendiam.

Se o pai morresse, estaria livre. Mas não seria pecaminoso contar com tal solução? Além disso, estava ligado à palavra dada ao pai. Mesmo que Henry morresse, deveria, apesar de tudo, continuar como cavaleiro Barenkhaupt; mas avistar-se com seus verdadeiros parentes e abraçá-los, isto ninguém poderia impedi-lo.

Otton apertou a mão contra o peito e estremeceu ao tocar o grande medalhão frio que trazia ao pescoço. Era uma figura da Santa Virgem, que o jovem cavaleiro, acima de tudo, venerava. A Protetora Divina o fez lembrar que a oração era o melhor meio para curar todas as feridas espirituais e a fiel conselheira para as horas vagas de meditação.

Otton persignou-se com devoção, ajoelhou-se e submergiu na oração com uma fé profunda, rezando ardentemente ao Criador para lhe aliviar o coração dolorido.

Ouviram-se alguns golpes surdos na mesa de carvalho e alguém encobriu a luz ardente da vela. O rapaz interrompeu a oração e voltou-se insatisfeito, pensando que algum dos serviçais o molestava, mas a surpresa fez com que as palavras se perdessem nos lábios.

Apoiada à mesa, encobrindo a vela, diante dele estava sua mãe. A capa descia pelos ombros, descobrindo o vestido de lã, que ela vestia no dia de sua partida; o véu negro que cobria sua cabeça estava levantado. Os cabelos claros estavam em desordem, emoldurando de forma estranha o rosto pálido. Seu olhar ardente estava fixo em Otton.

Abandonando a letargia que o envolvia, deu um salto e correu para mãe com os braços estendidos para abraçá-la. Mas ela, por alguma razão, afastou-se leve e inesperadamente para trás e, com a mão, acenou para ele. Otton parou indeciso. Então, Olga recuou para a porta e, com autoridade, fez-lhe um sinal para que a seguisse.

Sentindo a imposição forte da ordem, Otton seguiu a mãe, que, leve como uma sombra, deslizava a sua frente, mais parecendo que se movia pelo ar que andava pela terra.

Assim, desceram a escada, atravessaram o pátio pequeno, saindo para a rua vazia e escura.

O mau tempo e o tardio da hora já, há muito, haviam dispersado para casa os habitantes de Narva.

De repente, Olga parou e desapareceu por uma porta, que Otton, com grande surpresa, reconheceu como da casa de Khristofor. Sua surpresa cresceu mais ainda quando verificou que a porta não estava trancada.

7. Gúslí: Instrumento monocórdio na forma de violino.

8. Bogatyri: Um dos heróis da epopéia russa.

O que tudo isto significaria? Sua mãe viera a Narva para ocultar-se na casa do ex-escudeiro? Mas, assim sendo, por que não o informara? E como era estranho seu aspecto! Ela mais parecia um fantasma que um ser vivo. E, depois de cinco anos de separação, ela esquivou-se de seus beijos e para que ela, sem nada dizer, conduzira-o para cá?

Otton continuou caminhando como num sonho e mil pensamentos, as mais diversas suposições aglomeraram-se em sua mente perturbada.

Assim, ele atravessou o longo corredor escuro, um minúsculo cubículo, iluminado fracamente por uma lamparina e entrou no quarto, que servia de dormitório para Khristofor, e de onde provinha ruído de vozes.

O quarto comprido era mobiliado com simplicidade. No fundo, encontrava-se uma cama sob baldaquinos, decorados com cortinas escuras de lã. Na mesa, junto à cama, havia um crucifixo, uma taça com água benta e um círio aceso, que iluminava, com sua luz cintilar, o resto emagrecido de Khristofor.

Ele, sentado, rodeado de almofadas, apertava convulsivamente nas mãos uma pequena cruz de madeira. Na cabeceira, estava Olga e, com o braço estendido, apontava Otton para ele. Os olhos do moribundo a fitavam com expressão de horror.

No banco, junto à cama, estava sentado um velho monge, que, aparentemente, esforçava-se em confessar e acalmar o agonizante.

- Ei-la! Ei-la! Oh! Rosalinda! Perdoa-me! Deixa-me morrer em paz! - gemeu Khristofor, recostando-se nas almofadas.

Ele viu Otton e gritou surdamente.

- Oh! Nesta visão, há o dedo de Deus! Ela trouxe à minha casa seu próprio filho, para que confesse e revele toda a verdade! - murmurou o moribundo.

Neste minuto, Otton, com horror, viu como um vapor avermelhado envolveu a figura da mãe, que, gradualmente, empalidecia e pôs a diluir-se para afinal desaparecer por completo.

- O que isto significa? De onde surgiu minha mãe? Como ela desapareceu? Não compreendo nada do que se está passando por aqui, gritou Otton, pálido como a morte, aproximando-se da cama.

- Isto significa que a mão do Senhor te conduziu a meu leito de morte, para revelar-te o segredo, que desejaria carregar comigo ao túmulo, respondeu Khristofor.

- Sim, meu filho! - confirmou o monge, levantando-se. Prepara-te para ouvir a confissão do enorme crime, cometido por esse infeliz. Ele já foi severamente castigado neste mundo, e, prepara-se para comparecer perante o Juiz mais rigoroso que qualquer um do tribunal terrestre. Sê misericordioso para com ele, como o foi Nosso Senhor Jesus Cristo, que, na cruz, orou por seus carrascos! Se, não como filho da falecida, então, como cristão, perdoa o culpado! Fala agora, infeliz, facilita para ti a confissão, pois,

de outra forma, tua alma atormentada não encontrará descanso na sepultura.

Otton, sem forças, caiu sobre o banco, do qual se levantara o monge.

- Inclina-te para perto de mim, pois me é muito difícil falar e, se possível, não me amaldiçoes, murmurou Khristofor com a voz apagada.

Parando ligeiramente por vezes para tomar fôlego, mas não omitindo nada, contou como na noite fatídica foi, sem qualquer intenção premeditada, buscar Rosalinda para levá-la a Ivangorod depois, narrou a conversa com Barenkhaupt, que lhe pintara habilmente o quadro vivo do perigo que ameaçava a muralha de fronteira da Ordem livônia, em face de ser conhecido por aquela mulher o segredo da passagem subterrânea.

Quem poderia afiançar que Rosalinda, em qualquer ocasião, não revelaria o segredo ao homem amado?! O cavaleiro lançara, então, naquela passagem toda a sua eloquência, para vencer a sua repulsa e agilmente usara seu ódio aos moscovitas. Orgulhoso com o trabalho gigantesco realizado, cego pelo ódio e enganado pelo dever empenhado à Ordem, que o elevara ao estatuto de cavaleiro, Khristofor, finalmente, cedeu à sugestão criminosa de Barenkhaupt.

A seguir, descrevera os detalhes do assassinato, as dúvidas e remorsos, que surgiram imediatamente após a execução do delito.

O assassinato de Olga também trouxera pouca felicidade a Barenkhaupt. Ele, é verdade, conservara o filho, mas a alegria de possuí-lo era envenenada pelos remorsos, que o dilaceravam. Porém, Khristofor sabia que estava condenado, pois o próprio túmulo abrira-se, liberando sua vítima para castigá-lo. Eis, que, já há cinco anos, o espectro ensangüentado o persegue, torturando-o até nas orações, perturbando sua paz, empurrando-o à sepultura. E este tormento era tão terrível, que não levando em conta o pavor, que lhe inspirava o tribunal divino, perante o qual deveria apresentar-se, ansiava pela morte como uma libertação.

Otton, não proferindo nenhuma palavra, escutava pálido como a morte e tremia como se sentisse febre.

Aqueles monstros não somente abateram perfidamente uma mulher indefesa, como também, depois, enterraram-na como um cachorro, na detestável passagem subterrânea, privando-a, inclusive, de um sepultamento cristão.

Sua cabeça girava. Compaixão, desespero e ódio desencadeavam-se nele. Por fim, não mais suportando, saltou, brandindo o punho para o moribundo.

- Estrangular-te-ei! - gritou com a voz embargada pelo furor. - Esmigalhar-te-ei os miolos, assassino infame, traidor, carrasco!

O monge mal conseguiu contê-lo.

- Para, meu filho!- Não esqueça as palavras do Senhor, que disse: "A mim, a vingança!" Deus deverá julgar o quanto há de sincero em seu relato sobre o grave crime. Deixa à morte sua presa!

Voltando a si, Otton levantou-se e, cambaleando, encostou-se na parede, tapando o rosto com as mãos.

Depois, endireitou-se e, por algum tempo, observou o rosto abalado de Khristofor, cujo corpo todo se contraía convulsivamente.

- Que o Senhor Deus e tua vítima te perdoem, disse com a voz surda. Eu mesmo não estou em condições de fazê-lo; o crime cometido por ti foi demasiadamente terrível. Mas, não te amaldiçoarei. Otton levantou ambos os braços para cima e amaldiçoou aquele que foi o verdadeiro culpado desta iniquidade.

Voltando-se rapidamente, saiu, sem olhar para o moribundo.

Otton não fez a menor idéia de como, com dificuldade, conseguiu chegar a casa e, de imediato, trancar-se em seu quarto. Um terrível desespero apoderou-se dele. Agora, era-lhe bastante claro o porquê de não ter recebido nenhuma notícia da mãe: ela partira para a morte. Seu sacrifício revelara-se inútil. Durante cinco anos, dera seu amor filial ao assassino infame, esforçando-se em alegrá-lo para compensar a perda da mulher amada.

Tendo entregado tudo que lhe era caro, poderia ele supor que a própria mão paterna, que beijava, estava manchada pelo sangue de sua mãe!?

Agora, compreendia a terrível situação espiritual do pai, suas orações noturnas e a eterna aflição que o fazia correr de um lugar ao outro. Agora, estava-lhe claro, porque aquele sempre fugia de seu carinho filial.

Neste estado angustiante de alma, Otton lançou-se à cama, apoiou a cabeça na almofada e começou a soluçar amargamente.

As lágrimas abundantes paulatinamente solucionaram sua tensão nervosa e, junto com a calma, voltou-lhe a capacidade de pensar e refletir sobre a situação. Por nada na vida, queria, agora, permanecer com o pai. A única idéia que lhe ocorria, fazia-o tremer. Sim, ele voltaria para Ivan Andreievitch, que, antes de mais nada, considerava como seu verdadeiro pai. Otton sentia-se livre de qualquer obrigação em relação ao monstro que rudemente tripudiara sobre seus sagrados sentimentos.

Resolveu partir, o mais depressa possível, antes do retomo de Barenkhaupt. Otton não somente almejava estar em segurança no lado russo, antes da chegada do pai, como também queria encontrar, no subterrâneo, os restos mortais da mãe, para sepultá-los com decência segundo os funerais cristãos.

Era necessário esperar raiar o dia para ir ao castelo sem chamar atenção. O caminho para o abismo, através do subterrâneo, ele conhecia, mas a chave da porta da "sepultura" estava guardada na mesa do pai, junto à cama.

Não perdendo tempo, Otton atravessou o dormitório de Henry, abriu a mesa com um punhal e pegou a chave. Apesar do desespero furioso, tinha em mente que todo cuidado era pouco. Depois, pegando na escrivaninha do pai uma folha de pergaminho, escreveu o seguinte:

"O Senhor permitiu a sombra de tua vítima sair da cova e conduzir-me ao leito de morte de Khristofor, que me confessou ter executado, sob tua incitação, um crime. É assim que tu, assassino ignóbil de mulher indefesa, mantiveste tua palavra de cavaleiro em libertá-la! Este foi o preço com o qual me pagaste o sacrifício, roubando durante cinco anos meu amor, gratidão e respeito? Sabendo, afinal, da verdade, considero-me livre de qualquer dever, cuja experiência nunca teve nenhum fundamento.

"Eu te renego, pois não quero ser filho de um carrasco e perjuro. Eu te amaldição e retorno ao homem nobre e magnânimo, que sempre foi, para mim, meu verdadeiro pai.

"Tu mesmo, que nunca experimentaste e compreendeste o sentimento da verdadeira afeição, vive, agora, sozinho e deleita-te com o ódio. Que te golpeie a justiça dos Céus, como golpeou a Khristofor, teu cúmplice ignóbil".

"Otton"

Depois de assinar e lacrar a carta, Otton a depositou em lugar visível e ocupou-se dos últimos preparativos. Saindo de casa, não levou nada consigo, exceto sua roupa antiga, a espada, o punhal e um archote escondido sob a capa.

Ninguém prestou atenção a ele, acreditando que se dirigia à casa de algum cavaleiro, amigo do pai. Assim, o rapaz, sem obstáculos, alcançou o subterrâneo e, rapidamente, desceu a seu interior.

No porão, que serviu de refúgio ao pai e companheiros, ainda eram visíveis inúmeros vestígios da permanência deles por ali. Mas Otton, com asco, afastou-se, pois tudo que o fazia recordar Barenkhaupt, era-lhe adverso. Correndo, chegou à abertura e pulou para baixo.

Ali, também, eram visíveis os vestígios de sua mãe infeliz: na parede, ainda estavam pendurados os fragmentos das correntes; restos de palha podre indicavam o lugar onde Olga se deitava, e, sobre a pedra, estava a caneca.

Dos olhos de Otton, correram lágrimas ardentes e, ainda mais desanimado, apressou-se em entrar na galeria. Sob a luz fraca do archote, começou a descer, respirando com dificuldade devido à atmosfera pesada e úmida do subterrâneo. Com cuidado, movia-se observando atentamente a terra e as paredes. Em algum lugar, deveria jazer o corpo da mãe.

Mas como encontrar o lugar onde ela fora enterrada? Khristofor, supõe-se, tentara ocultá-lo com o maior cuidado possível.

De repente, na escuridão, a alguns passos dele, surgiu algo como uma fagulha errante. A chama azulada, diante dele, flutuava lenta pelo ar e, finalmente, parou; sua luz fosfórica iluminou um montículo quase imperceptível junto à parede. A pouca altura do chão, como que saindo do solo, expunha-se a cabeça de Olga. Embora estivesse vagamente delineada, poder-se-la reconhece-la imediatamente. Passou-se mais um minuto, a visão desapareceu e a luz apagou-se.

Otton caiu de joelhos.

- Minha pobre mãezinha! Morreste aqui, murmurou, tremendo de emoção, e começou a orar com fervor pela paz da alma da inocente vítima.

Depois, tirando a espada da bainha, cravou-a na terra. Isto lhe facilitaria encontrar posteriormente a cova.

- Até logo, querida! Em breve, viremos buscá-la. Minha espada servir-te-á como lápide tumular. Juro que a banharei com o sangue de teu verdugo.

Depois de rezar mais uma vez, Otton levantou-se e, com pressa, seguiu adiante.

À medida que se acercava da saída, os pensamentos de Otton voavam para aqueles que ele amava e com os quais deveria, em breve, encontrar-se. A cova da mãe, como uma muralha, separou-o definitivamente de tudo aquilo com o que foi obrigado a familiarizar-se e habituar-se durante cinco anos.

Quando alcançou a saída, não pôde, por algum tempo, abrir a porta levadiça, que fechava a galeria subterrânea. Com os anos, ela fora invadida pela grama e a terra tapara todas as suas frestas.

Otton já começava a desesperar-se, quando, finalmente, a porta cedeu e, na galeria subterrânea, irrompeu uma corrente de ar fresco acompanhada de um raio de luz.

Ele respirou a plenos pulmões e arrastou-se para o Jardim. Depois de fechar a porta, observou a sua volta. Pelo visto, nada havia mudado e, com emoção, ficou imóvel. No banco, perto da casa, estava sentada uma jovem, bordando alguma coisa com um fio comprido de seda.

Ela era encantadora, tão harmoniosa e suave, tinha as faces frescas e aveludadas como um pêssego, os lábios rosados e uma espessa trança escura, caindo de baixo de um amplo adorno enfeitado por pérolas.

"Deve ser Natacha, pensou Otton. - Como ela mudou e ficou bonita! "

Neste instante, a moça levantou a cabeça e, vendo, a poucos passos dela, um desconhecido em trajes alemães, gritou alto e levantando-se do banco, aprontou-se para correr.

- Não temas, Natacha, sou eu! gritou Otton correndo em direção à jovem.

Com o som da voz conhecida, a moça parou e, reconhecendo Otton, correu para ele, envolveu-lhe o pescoço e gritou de alegria!

- Boris!

Eles se beijaram calorosamente.

- Como vieste, Bóris? perguntou, com curiosidade, Natacha. Caíste, realmente, do céu em nosso jardim. Eu te havia tomado por um cavaleiro livônio e assustei-me tanto!!!

- Por enquanto, eu, efetivamente, sou um cavaleiro livônio; bem, sobre isto explicarei depois! Agora, diz, está o pai em casa? Gostaria de falar com ele agora mesmo.

- O pai saiu, mas, com certeza, em breve, retomará. Viemos para cá, precisamente, na semana passada. Ele tem aqui alguns afazeres, e, além disto, queria visitar o tio Piotr Andreievitch, que voltou da Lituânia. Tanto insisti que ele concordou em trazer-me consigo. Gosto de estar aqui, onde tudo me faz recordar mamãe e a ti! Eis o pai!

Nos portões, surgiu a figura esbelta de Kolytchev. Vendo que a filha conversava tão amistosamente com um alemão, franziu as sobrancelhas.

- Pai! Boris voltou para nós! A princípio, tomei-o por um livônio. Vê como ele cresceu! dizia, com alegria, Natacha.

Kolytchev e Boris correram simultaneamente um para o outro, encontrando-se em um grande abraço.

- Recebe-me pai! Regresso para sempre para teu teto.

- Sempre serás o hóspede desejado em minha casa, Boris. De toda a minha alma, alegro-me com tua chegada! Vim para cá mesmo para avisar-te contigo, pois recebi tua carta enviada através do mercador Shwartz e, falando francamente, não entendi muita coisa do que havia nela.

- Tenho muita coisa para te contar, pai, respondeu Otton com um tom triste.

Não considerando sua amargura, ele se sentia calmo, desde o momento em que se encontrou em Ivangorod. O nome "Boris", como música, soava em seus ouvidos e parecia que o fazia esquecer os anos infelizes, transcorridos em Narva sob o nome de Otton Barenkhaupt.

O voievoda levou Boris a seu quarto e, lá, o rapaz contou tudo que ocorreu desde o tempo da separação: como, por acaso, descobrira a passagem subterrânea e depois encontrara a mãe no abismo.

Ouvindo sobre o tratamento desumano ao qual fora submetida a mulher amada e mimada por ele, Ivan Andreievitch cerrou o punho com fúria.

- Por isto, ela não chegou aqui. Teu sacrifício foi em vão, pobre filho meu, notou, com tristeza Kolytchev, quando Boris contou-lhe como por causa da mãe, sacrificara-se. O canalha ludibriou-te e, sem hesitar, manteve a infeliz presa em alguma masmorra.

- Ah! Antes assim fosse, então, nós libertá-la-íamos, respondeu, lastimando, Boris.

Com a voz entrecortada pela emoção, narrou os últimos acontecimentos, pelos quais se inteirou de todos os detalhes do assassinato de sua mãe.

Forte e profunda foi a dor de Ivan Andreievitch, ao saber da triste verdade; mas, pouco a pouco, sua alma começou a inflamar-se por uma sede incontrollável de vingança. Ainda conversaram durante algum tempo e, finalmente, resolveram, a priori, que, naquela mesma noite, retirariam o corpo de Olga do subterrâneo, sepultando-o dignamente, para depois, então, ocuparem-se da vingança.

Kolytchev, custasse o que custasse, queria aprisionar Barenkhaupt, e, com este objetivo, elaborou um plano de penetrar, à noite, em Narva, cap-

turar o cavaleiro em casa ou em seu quarto no castelo e trazê-lo a Ivangorod. Aqui, o voievoda imaginou uma vingança terrível por todo o sofrimento que fora imposto a Olga.

Enquanto Kolytchev se ocupava com os preparativos, Boris conversava com Natacha e os irmãos. Todos estavam indescritivelmente contentes por vê-lo de novo. Tinham tanto que dizer, que as horas voaram como minutos, não obstante o assunto principal da conversa tivesse sido o triste fim da mãe deles.

A noite caiu, Ivan Andreievitch com Boris e um velho sacerdote desceram pelo subterrâneo em busca do corpo de Olga. O amestrador de falcões, Nikita e o velho Andrei levaram uma maca.

A triste procissão parou junto à espada de Boris cravada no local indicado pela visão. O voievoda e Boris pegaram as pás e eles mesmos começaram a cavar o chão. Porém não tiveram que trabalhar muito. Logo o corpo apareceu, encoberto por uma capa, sob a qual estava a extremidade de uma trança loira. Eles interromperam o trabalho e, durante alguns minutos, rezaram silenciosamente.

Depois, os restos da pobre Olga foram tirados com cuidado e colocados na maca. O voievoda, com a mão trêmula, levantou um pouco a capa de lã grossa e forte, coberta com um pouco de musgo.

O corpo também, a despeito do que se esperava estava muito bem conservado. Não obstante, o longo tempo sob a terra, o rosto estava perfeitamente reconhecível.

Depois do velho sacerdote rezar o réquiem, a cova foi tapada e todos retomaram apressadamente a Ivangorod. O corpo de Olga, na medida do possível, foi lavado e vestido com uma roupa limpa, colocaram-na em um ataúde e transladaram-no para a igreja.

Pela manhã, na presença de toda a família e das pessoas ilustres da cidade, foi realizada a liturgia fúnebre; e, depois, a vítima inocente de Barenkhaupt foi colocada ao lado do tio de Ivan Andreievitch, e voievoda Loban-Kolytchev que tombou em batalha sob as muralhas de Ivangorod, em 1.502.

Depois de cumprir este triste dever, Ivan Andreievitch e Boris começaram a projetar a vingança e, após o descanso de algumas horas, iniciaram ativamente os preparativos para a corajosa incursão noturna.

Henry Barenkhaupt se dirigia a caminho de Narva, escoltado por dois escudeiros e estava mais sombrio do que nunca. Que promessas não fez, que provações não impôs a si, durante a estadia em Haspal, tudo em vão. O céu implacável não enviou a paz a sua alma. Pelo contrário, ao sinistro pressentimento, que o atormentava, acrescentaram-se algumas ocasiões de alucinação, que, ainda mais, acentuaram a gravidade de seu estado de espírito.

Ora brilhava perante seus olhos o punhal ensangüentado, e, em seus ouvidos, soava o grito agonizante de Rosalinda; ora ela mesma lhe apare-

cia na penumbra noturna, imprecisa e vaporosa em algum recanto, ou assomando a cabeça entre as cortinas. E toda vez seu olhar de vidro, terrivelmente imóvel, fixava-se em Henry, e sua mão branca e pequena borrifava-lhe o rosto com sangue.

Era preciso ter a personalidade de ferro de Barenkhaupt para suportar semelhante visão e manter-se aparentemente calmo.

Com o coração pesado, ia para casa, onde encontraria Otton, com a ternura, confiança e respeito constantemente manifestados, o que, para Barenkhaupt, era, sem comparação, muito mais grave do que, se proveniente do filho, houvesse a indiferença, ou mesmo o ódio. No alvorecer daquele mesmo dia; quando os restos de Olga já jaziam no ataúde em Ivan-gorod, Henry aproximava-se de sua casa. Não tinha ainda descido do cavalo, quando o velho mordomo e a governanta, desconcertados, correram para ele e ambos informaram que o jovem senhor desaparecera, não se sabe onde, desde a manhã anterior.

Barenkhaupt empalideceu. Por que esta nova infelicidade? O que poderia ter acontecido a Otton?

Não tirando nem as armas e nem a capa de viagem, dirigiu-se direto ao quarto do filho. Lá tudo estava em ordem. Um livro aberto, sobre a mesa, mostrava que o rapaz havia lido antes de ir embora. Em nenhum lugar, havia algo que pudesse mostrar a razão ou as circunstâncias que fundamentassem seu desaparecimento.

Os graves pressentimentos mais e mais inquietavam e torturavam Barenkhaupt que se dirigiu a seu quarto, onde imediatamente lhe saltou aos olhos a carta de Otton no centro da mesa.

Com as mãos tremendo, abriu-a e, a medida que ia lendo, seu rosto pouco a pouco, empalidecia.

As letras saltavam perante seus olhos; uma nuvem cruenta encobriu seu olhar.

O pergaminho caiu-lhe das mãos, a cabeça girou e, abatido, caiu na poltrona.

Aliás tal estado depressivo não durou muito e seu pensamento de novo começou a trabalhar, despertando nele a consciência cruel daquilo que sempre confusamente temia. Seu filho soube do crime e, com horror e desprezo o renegara.

Estava novamente sozinho e, agora, para sempre; pois, se antes os separavam as circunstâncias funestas, agora, entre eles, havia um crime verdadeiro.

Devido à própria natureza excitável e inconstante, de repente, a dor de Henry transformou-se em um rancor furioso. Será que seu filho alguma vez o amara sinceramente? pensava. Viver com o pai era considerado um sacrifício e, na primeira ocasião ele aproveitou-se para efetivar uma separação.

Embora ele nunca se atrevesse a fazê-lo se o infame Khristofor não lhe houvesse revelado o segredo existente entre eles.

Dominado pelo desejo de vingar-se, a qualquer custo, de seu antigo companheiro pela vergonha e pesar deste minuto, Henry, não refletindo, saltou da poltrona e, agarrando o punhal e a capa, saiu correndo de casa. Como um furacão, irrompeu no quarto de Khristofor, mas deteve-se imóvel na soleira: Khristofor jazia no ataúde e, agora, nenhuma vingança terrestre lhe seria terrível.

O monge velho que rezava ao lado do ataúde, levantou-se com a chegada de Barenkhaupt e mirou-o com um olhar triste e severo.

- Cavaleiro Barenkhaupt, o senhor veio rezar junto ao caixão deste pobre infeliz? Ele mereceu isto inteiramente por sua causa, ressaltou. - Eu ouvi a confissão de Khristofor e posso confirmar que a justiça divina o puniu, por seus erros, mais severamente que a qualquer outro pecador. O senhor deseja saber como esta justiça se manifestou?

- Se não lhe for importuno, poderia contar-me sobre isto, santo padre, pois o escutarei com o devido respeito, respondeu friamente Barenkhaupt. - No que se refere às minhas orações, ele não as merece, uma vez que me traiu.

- Homem orgulhoso! Saiba que o denunciaram o próprio túmulo e sua vítima, com indignação retrucou o monge.

Depois descreveu as visões que perseguiram o falecido e contou como o fantasma de Olga conduzira Otton à cabeceira do moribundo.

Perturbado e assustado, Henry ouviu em silêncio aquele estranho relato e, com a cabeça baixa, voltou para casa. A visita a Khristofor dispersara sua fúria e, com um grave desânimo, refletia sobre todo o ocorrido.

Então, Rosalinda vingou-se por sua morte prematura. Mas se ela perseguia tão implacavelmente Khristofor, que, na realidade, fora unicamente o instrumento de suas mãos, que sede de vingança deveria, então, ela sentir por ele? Ela o separou de Otton, ela o atormenta com terríveis visões; o que ainda estaria preparando-lhe para o futuro?

Durante algumas horas, Barenkhaupt ora caía em uma apatia sombria, ora se entregava a um desespero mudo, quando, de repente, veio-lhe à mente que Otton poderia revelar o segredo da passagem subterrânea, e que, certamente, ele mesmo fugira por aquele caminho. Esta suposição, de imediato, despertou sua energia. Resolveu pessoalmente verificar o subterrâneo. O desaparecimento da chave levou-o à ira.

Mas Barenkhaupt não era daquelas pessoas que se deixam abater facilmente. Em sua cólera, esqueceu até da visão noturna e de Khristofor. Naquele instante, estava preparado para matar Otton, para que, junto com ele, fosse conservado o segredo de seu gigantesco trabalho.

Não perdendo tempo, Henry foi ao castelo e, na qualidade de cavaleiro, convocou todos que lá estavam, para comunicar-lhes um assunto da mais extrema importância.

Quando todos se reuniram, Barenkhaupt disse que o segredo da passagem subterrânea, com toda a certeza, já estava nas mãos dos moscovitas e que o traidor que o revelara, fora seu filho, que, no fundo do coração, sempre fora inimigo da Ordem e aproveitara a primeira ocasião para retornar a seus antigos amigos.

Percebendo a perplexidade e a leve desconfiança que se refletiam nos rostos dos cavaleiros, acrescentou:

- Meus irmãos! Para que vocês não duvidem e possam entender melhor todos os detalhes deste drama infeliz, ouçam minha confissão.

Então, ele contou minuciosamente seu passado, a vingança imaginada, a tomada do filho, suas razões e motivos, que o induziram a matar sua ex-mulher.

- Agi de acordo com meu entendimento e dever contínuo. Não podia colocar nosso segredo, nossas vidas e os importantes interesses da Ordem na dependência de uma mulher, que me dera indícios suficientes de sua perfídia. Por isto, para sempre silencieei os lábios indiscretos, não supondo que meu próprio e velho companheiro me traísse. Não posso julgar Khris-tofor, que está se apresentando ao Tribunal Divino, mas, sem a menor hesitação, matarei Otton, se o vir nas fileiras de nossos inimigos. Agora, irmãos meus, vocês já sabem de tudo. Resta-nos somente discutir quais as medidas de precaução que serão necessárias para prevenir um ataque dos moscovitas pela passagem subterrânea.

No rosto de Barenkhaupt, via-se uma expressão terrível de ódio tão feroz, que deprimiu todos os presentes. Porém seu relatório foi deveras importante e exigia decisões rápidas.

Começou, então, uma discussão viva onde se expressavam as mais diversas opiniões. Finalmente, resolveram construir barreiras na passagem subterrânea, que, com o tempo, torná-la-iam intransitável e, além disto, instalar no abismo um posto de guarda, que daria alarme no caso do inimigo intentar atacar de surpresa.

Decidiram construir as barreiras nesta mesma noite. Então, Barenkhaupt comunicou que, antes, queria verificar a casa, na qual Kolytchev vivera e onde, talvez, naquele instante estivesse Otton. Queria capturar o filho, e quem sabe, dar explicações, ou, na realidade, desejava medir-se em luta armada com o rapaz? Porém os severos cavaleiros estavam muito preocupados com os meios de defesa do perigo que os ameaçava, para se interessarem por questões insignificantes e, por isso, nenhum deles objetou a intenção de Barenkhaupt. Se ele queria arriscar-se penetrando na casa inimiga, isto era assunto dele; e mesmo se lhe ocorresse um estranho desejo de ver como seu filho seria julgado por traição, isto também era um assunto absolutamente pessoal.

Eram quase onze horas da noite, quando uma dúzia de cavaleiros e escudeiros, armados da cabeça aos pés, desceram pela passagem subterrânea. Liderando, tendo na mão a espada desembainhada, ia Baren-

khaupt, acompanhado por um dos escudeiros com um archote aceso. Os outros seguiam aos pares, carregando todo o indispensável à construção das barreiras.

Eles já tinham alcançado o meio da passagem, quando, de repente, Barenkhaupt parou e, atrás dele, toda a fileira.

Ao longe, ouvia-se levemente um rumor de armas e ressoava ruído de passos, que se aproximavam rapidamente do destacamento.

Um impropério forte escapou dos lábios de Barenkhaupt. Naquele minuto, odiou o filho, a tal ponto, que, com deleite, estrangulá-lo-ia com as próprias mãos.

- É tarde, irmãos! disse, à meia voz, ao cavaleiro que estava parado atrás dele. Tentemos recuar para o acesso. No fundo do abismo, há mais lugares para a batalha. É necessário exterminar todos os amaldiçoados moscovitas, para que nenhum cão retome a Ivangorod para contar o que aqui se passou. Eu e Reingold defenderemos a passagem e cobriremos nossa retirada.

O conselho foi bom, mas de difícil execução. As armas, as correntes, os troncos dificultavam o movimento dos cavaleiros na estreita passagem. Os russos vinham rapidamente, e, em breve, os archotes de ambas as fileiras, com uma luz avermelhada, iluminaram a passagem subterrânea. Chefiando os russos, vinham Kolytchev e Boris.

Quando Barenkhaupt reconheceu o filho, enfureceu-se.

- Traidor! Judas! Ingrato, filho rebelde! Sucumbirás por minhas mãos, rugiu, lançando-se contra o filho.

- O Senhor julgará qual de nós é o traidor e Judas, replicou Otton, aparando o golpe.

Mas Kolytchev rapidamente o afastou.

- Para trás, Boris! Por mais que um pai seja culpado, não deve o filho levantar o braço contra ele. É meu o dever de castigar o verdugo e assassino de minha esposa!

Os adversários lançaram-se furiosamente um contra o outro, e, entre eles, começou uma batalha desesperada. Em volta deles, transcorria uma luta ensandecida, que se convertia numa carnificina. Os livônios não puderam em tempo recuar e, quando se esforçavam para alcançar a saída da passagem subterrânea, então, uma das travas de ferro maciça bateu na parede e obstruiu a passagem. Não havia força que conseguisse movê-la do lugar.

A batalha de Barenkhaupt com o voievoda desenvolvia-se equilibrada. Ambos os adversários receberam alguns ferimentos e sangravam. Mas eis que Kolytchev, com um golpe furioso, quebrou a espada do cavaleiro e enterrou-lhe a sua no peito. Henry gritou selvagememente e caiu. Kolytchev lançou-se para acabar com ele, mas o agonizante, com uma força inacreditável, puxou o punhal e cravou-o até o cabo na garganta de seu adversário.

A morte dos dois principais personagens do drama mal foi notada no fragor da batalha. Os combatentes empurravam-se na passagem estreita, arquejando, devido ao ar viciado e à fumaça dos archotes apagados. Não havia clemência para ninguém e, rapidamente no subterrâneo, restaram somente mortos, vários feridos, inclusive Boris e Nikita, o amestrador de falcões. A duras penas, arrastaram o corpo de Kolytchev para a saída, de onde, graças à ajuda de alguns criados, Ivan Andreievitch foi transladado para casa.

Natacha e os irmãos ficaram em desespero, quando souberam que o pai fora morto e Boris, gravemente ferido.

Tendo sido avisado por um mensageiro, o próprio velho Lodygin veio e, pegando Boris com o restante da família, levou-os a Novogorod. Lá, graças aos cuidados abnegados da velha Irina e Natacha, o ferido começou aos poucos a melhorar, mas muito tempo passou pra que sua saúde se restabelecesse em definitivo.

A morte do adorado Ivan Andreievitch, os fins trágicos da mãe e Barenkhaupt, que apesar de tudo era seu pai, transtornaram profundamente a alma sensível de Boris e somente o amor ardente por Natacha o fez, com o tempo, esquecer os acontecimentos fatídicos, que perturbaram sua juventude.

Três anos se passaram, quando recebeu a permissão para casar-se com Natacha. Havia-se tornado russo a tal ponto, que esquecera que, em suas veias, corria o sangue do severo Barenkhaupt. Mesmo os cavaleiros livônios e, com eles, todos os alemães, haviam-se-lhe tornado inimigos.

Entretanto, não houve ocasião para guerrear com eles. Os russos e a Ordem dos cavaleiros haviam assinado um acordo por cinqüenta anos e, entre Narva e Ivangorod, estabeleceu-se a paz.

É certo que os vizinhos, quando possível, não perderam oportunidade para se provocarem com pequenas hostilidades, que não acarretaram a revogação do acordo de paz, embora, as duas margens do Narova, como antes, conservassem um ódio recíproco.

Boris, com a esposa, todos os anos visitava Ivangorod, para rezar no túmulo de seus pais. Um velho guerreiro mutilado, que vigiava os túmulos, contou-lhes que a passagem subterrânea fora tapada em ambos os lados e que ninguém ia até lá por considerarem amaldiçoada, pois fora aberta pelo ódio e com maldições e blasfêmias fora o palco de um assassinato pérfido, que, no final das contas, servira de sepultura para muitos bravos.

Os livônios arrastaram todos os seus mortos e feridos; somente o corpo de Barenkhaupt não fora encontrado em nenhum lugar. Correra o boato de que o diabo o carregara.

Na passagem subterrânea, dizem, acontecem coisas estranhas. De lá, vêm ruídos de armas, gritos e gemidos e o próprio abismo, denominado "sepultura", é iluminado por uma luz cor de sangue. Alguns afirmam, in-

clusive, que viram como de baixo da terra surge, tendo na mão a espada desembainhada, o fantasma do cavaleiro e, como um gato, arrasta-se timidamente ao longo da muralha, seguida por uma sombra branca de cabelos loiros esvoaçantes, que, com ambas as mãos, lança-lhe chamuscas.

O Senhor, dizem as pessoas, entregou a alma criminosa do cavaleiro à vingança de sua vítima.

Quatro séculos se passaram desde o tempo em que aconteceram os fatos descritos por nós. Ivangorod e Narva permanecem, mas, entre os ex-inimigos, reinam a paz e a concórdia. Atualmente, já faz algum tempo, paira sobre elas a Águia Imperial e, sob a segurança de suas asas poderosas, Narva prospera e desenvolve-se pacificamente.

De seu passado tempestuoso, Narva conserva apenas a muralha e a velha torre dentada, ruínas respeitáveis de um tempo remoto, para as quais a geração atual, conhecedora da dinamite, vapor e eletricidade, olha com comiseração, como para um brinquedo de criança.

Ainda existe o abismo denominado "sepulcro" e também a passagem subterrânea aberta por Barenkhaupt; mas a água que se infiltra pouco a pouco, já a inundou quase pela metade. O guia que mostra aos turistas o abismo e a galeria, não deixa de contar também a lenda do severo cavaleiro e o drama terrível que transcorreu naqueles locais.

Dizem, entretanto, que a alma criminosa de Barenkhaupt ainda não encontrou a paz. É verdade que o cavaleiro não é mais visto, mas, nas escuras noites outonais, sob as abóbadas sombrias da passagem subterrânea, ouvem-se gemidos e sussurros...

FIM